



CONCURSO LITERÁRIO
OSÓRIO
ALVES DE CASTRO



Contos
vol.

3

Cordêiro 95



UFOP

Contos 3
vol.



Universidade Federal do Oeste da Bahia
Rua Professor José Seabra de Lemos, 316.
Recanto dos Pássaros, Barreiras (BA).

www.ufob.edu.br
ufob.edu.br/acessoinformacao
facebook.com/ufoboficial
[a instagram.com/ufoboficial](https://instagram.com/ufoboficial)
youtube.com/ufoboficial

Reitoria, Barreiras

☎ (77) 3614.3500 | ✉ gabinete@ufob.edu.br

Campus Reitor Edgard Santos, Barreiras

Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias

☎ (77) 3614.3249 | ✉ ccet@ufob.edu.br

Centro das Ciências Biológica e da Saúde

☎ (77) 3614.3155 | ✉ ccbs@ufob.edu.br

Centro das Humanidades

☎ (77) 3614.3182 | ✉ cehu@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Barra

☎ (74) 3662.5110 | ✉ campus.barra@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa

☎ (77) 3481-9700 | ✉ campus.lapa@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Luís Eduardo Magalhães

☎ (77) 3639.5610 | ✉ campus.lem@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória

☎ (77) 3483.8500 | ✉ campus.samavi@ufob.edu.br



CONCURSO LITERÁRIO
OSÓRIO
ALVES DE CASTRO

Contos **3**
vol.



UFOB

Copyright © 2024 Universidade Federal do Oeste da Bahia

EDIÇÃO

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

PINTURA DA CAPA

I. Cordeiro, igreja Nossa Senhora Aparecida, construída em 1915, na Vila São Desiério, à época distrito de Barreiras (BA).

DIAGRAMAÇÃO

Cícero Félix

Dados internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Biblioteca Universitária

U58 Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Contos. / Universidade Federal do Oeste da Bahia. Barreiras / Ba: [s.n.], 2024.

220 p. – (Concurso Literário Osório Alves de Castro; v.3)

ISBN do livro físico: 978-85-60065-05-9

ISBN do livro digital: 978-85-60065-04-2

1. Literatura. 2. Contos. 3. Cultura. 4. Oeste da Bahia. 5. UFOB. II. Série.

CDD B869.3

Bibliotecária - documentalista Laís Emanuely A. dos Santos CRB - 5 / 2044

Sumário

Eu te conto: resistência
narrada, apesar dos pesares, 11

PREFÁCIO

O peso do corpo, 19

EDVÂNIO CAMPOS MACEDO

Santa do Pau Oco, 31

JUSTINO COSME PEREIRA DOS SANTOS

O Depósito, 45

MARIA CLARA ROMEIRO MOTA SILVA

Aqueles que habitam as tripas do mundo, 61

CAROLINE REGIS

O rio-mulher ou a mulher-rio, 75

RUBIA DE SÁ

Reminiscências de uma noite de dança, 87

JÉSSICA FURTADO

O menino que virou rio, 99

LUÍS HENRIQUE LOPES SILVA

Wesley e a assombração do meio-dia, 111

FRANCISCA FERNANDA

Amor em tempos de ChatGPT, 125

JORGE NÉRIS

A fada do siso, 139

ENIELDA SOUZA NUNES

Satisfação incompleta, 155

JEANLUCAS FRANK ESCOBAR GOMES

A margem do rio que sonhei, 167

DANIELLA TAVEIRA DOS PRAZERES

Poeira vermelha, ferramenta e homem, 179

GABRIEL ROMEIRO RODRIGUES

Último sonho, 193

ANTÔNIO OLIVEIRA DE SOUZA

Olhar ao Reflexo, 205

ANALÚ GUEDES OLIVEIRA NASCIMENTO



Eu te conto: resistência narrada, apesar dos pesares

HELDER S. ROCHA*

Eis que é tempo, aqui e agora. De narrar a vida. De inventar as mortes. De desnovelar o tempo. De traçar novos e diferentes cursos para os mesmos rios. De sonhar almas e desiludir as fadas. De esticar o sopro da existência. Pois é impressionante o que se pode fazer combinando letras e palavras, frases e parágrafos, páginas e páginas. Entre sintaxes e tradições, novidades e narrações, o gênero conto se metamorfoseia pelo mundo e, por aqui, nas curvas dos sertões da Bahia, mais especificamente na região Oeste. Neste agora e no depois.

Para muitos, uma forma simples e breve de contar uma estória. Para tantos outros, um ensaio para enredos de profundo fôlego. Julio Cortázar falava do conto como um nocaute; algo assim tipo rápido, certeiro e determinante. Já para Jorge Luís Borges e Guimarães Rosa, tratava-se de uma maneira potente de contar coisas ainda não acontecidas, e a contação oral foi deveras relevante para os dois; aliás,

forma que Walter Benjamin, importante crítico da cultura, havia anunciado, na primeira metade do século XX, estar em vias de extinção. Clarice Lispector, por sua vez, ignorando fronteiras de gênero's, fez crônicas e filosofou na roupagem contística. E tantos outros pelos diversos cantos e encantos do mundo, em tempos distintos, como Machado de Assis, Liev Tolstói, James Joyce, Franz Kafka, Virgínia Wolf, Sérgio Sant'Anna, Lygia Fagundes Telles, Conceição Evaristo, experimentaram, e ainda experimentam, as formas breves e inacabáveis desse gênero vivo e fluído.

A cada nova edição deste chamado, prosadores diversos, nativos ou residentes na região Oeste da Bahia, se arriscam a tornar públicas as suas estórias, e concedem aos leitores vindouros o prazer de leituras plurais. Não temos dúvidas de que a alma do santamariense Osório Alves de Castro, justo homenageado deste concurso da arte verbal, perambula contente no entremeio das margens e das carrancas do Corrente. Pois, permitir a navegação de outras escrituras imaginosas é vivificar também a sua obra, de tantas pinturas e de tantos retratos romanceados, que continuam flutuando por rios, ruas e telas espalhados por aí. Neste exato momento e nos muitos futuros, no São Francisco, no Corrente, no Salitre, no Curaçá, no Macururé, no Tará, no Grande, no Verde, no Jacaré, no Carinhanha, águas, fluxos, caminhos, letras, vozes, ainda ecoam, e ecoarão, através desta viagem literária, ingovernável que és.

De “matutos” e “doutores” inventores do além e do aquém, passando por dramas cotidianos recortados e perspectivados por observadores comuns, até chegar nos causos e ocorrências em tantas cenas e paisagens sertanejas e ribeirinhas, esta obra celebra a arte de contar e de recontar com palavras. Linguagem que sobrevive em meio às inundações de *bites* e de imagens inventadas, ou não, por humanos. Uma resistência atestada em folhas impressas, como nesta versão,

e em telas de dispositivos digitais nos mais variados formatos, que continuam proporcionando a realização da estética literária, que só se efetiva no encontro com os leitores, através do ato da leitura.

Em cada oportunidade de contato com esta reunião de contos, enquanto os olhos estiverem mergulhando em palavras e vozes, são outras vidas que estarão sendo libertadas. Espectadores se emancipam de seus lugares destinados a priori para poderem estar em outros ambientes, para poderem rir e chorar por questões e problemas alheios, para poderem enxergar as mesmas coisas com cores e sons nunca antes ouvidos e visados. Essa é a rica moeda da arte literária que resiste em tempos inflacionados de brevíssimas e superficiais informações sobre o mundo e as gentes. Uma possível e real maneira de furar o tempo, de implodir os limites físicos e de comungar o pão da empatia.

Já dizia o poeta João Cabral de Melo Neto “que um galo sozinho não tece uma manhã”. Pois, bem, mire e veja! Aqui, neste agora, temos uma manhã, com vários gritos entrelaçados, lançados por lances de palavras e de páginas, que demandam outros olhares, outros gritos, continuando o projeto utópico de uma comunidade de leitores, de conscientes seres que sejam capazes de re-fazer o mundo que coabitam. No vazio do tudo que é a vida a cada instante vivida, as linhas deste adjutório de letras, bordadas a partir de sonhos, de lembranças e de fantasias, nos apresentam alguns “paraquedas coloridos”, como disse em certa feita Ailton Krenak, líder e representante das vozes originárias deste Brasil; imagens e sonhos de possíveis formas de adiar o fim do mundo, de um mundo caduco e de retinas fatigadas.

Por isso, e por muito mais, leitores queridos, se entreguem a esta aventura, a este recado oriundo de vários morros, florestas e cidades. Permitam a penetração das vozes e dos olhares dos mais diversos personagens e narradores destes contos rebeldes. De uma rebel-

dia que não despreza tradições, mas que não se satisfaz com clichês. De palavras e de orações costuradas com experiências de vidas, mas também de frases e de períodos montados com cenas inventadas. Nada que pareça real nestas estórias é tão real quanto o encontro propiciado neste aqui, e neste agora. É o que se fará a partir daqui, neste instante, o que mais importa. Para finalizarmos sendo Pessoa, “navegar é preciso”!

* **Helder S. Rocha**, *professor na Universidade Federal do Oeste da Bahia e pós-doutor em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP).*





O peso do corpo

EDVÂNIO CAMPOS MACEDO

– Eu esfregava meu pênis no boneco. Havia um tipo de delírio repentino em minha mente, não sabia distinguir o que de fato sentia ali. Apenas gostava e refazia, esperando sentir, novamente, algo.

O terapeuta, agressivamente, encarou-me como quem encara a morte. Os seus olhos vazios chumbados por uma alma pensativa, mas julgadora, sabia que algo estava muito errado com aquela criança de quem eu lembrava. De certo, o *complexo de Édipo* não havia de explicar, categoricamente, uma narrativa tão infame, mas, deveras, nós dois estávamos empenhados por investigar o porquê do meu problema com a ereção.

O silêncio constrangedor ainda pairava naquela sala escura, a luz sombreada e cinza da lâmpada disfarçava a vergonha que estava em meu rosto, enquanto a minha cabeça forçava contra o divã para continuar a rememorar as lembranças mais profundas da minha infância.

O consultório parecia mais frio e escuro. A janela silenciosa da sacada dava indícios que uma chuva mansa encetava. A estante ama-

deirada amontoava livros envelhecidos. A capa reluzente cujo autor estava grafado como Dostoiévski cheirava jovem, o qual não consegui identificá-lo pelo seu título: “... e castigo”. Parecia um sinal. Algo me inquietava depois do que eu disse, aquela capa fulgente era constituída de atravessamentos. E me atravessou. A culpa me cortava, o tormento ambíguo me definia, enquanto que um martírio de prenúncio se anunciava: eu era meu próprio castigo.

Eu estava ali imóvel naquele divã preto engordurado – e ocorreu-me a ideia: a vontade de acender um cigarro e ser, finalmente, livre. Liberto, quão intensamente a gota que transpira do copo sobre aquela mesa. Tão intensamente como a água e sua terceira margem. O Rio e sua mudança. O mar com sua travessia. Mas continuo a afogar com meu próprio suor. É seu o coito, é meu o corte. Transpiro. Transito. Navego em disparos noturnos, enquanto os outros adormecem.

– Mas, o que exatamente, o senhor, sentiu ao fazer aquilo com o boneco? Como ele era?

O Dr. analista corta o silêncio embaçado (como quem teve uma análise acerca do que foi proferido) e balbucia essas palavras trêmulas das quais não me prendem, pois eu estava em um caminho translúcido, numa espécie de lembranças mínguas e inacessíveis. Às vezes, subitamente, pergunto-me se de fato a psicanálise é o melhor remédio. A fala, de fato, é a cura? O falo, outrossim. Acho que *Freud* acabou que não curou ninguém. Não obstante, ainda acredito que o inconsciente constrói uma linguagem própria, mas morta. O que me entristece é não ter seu acesso e controle. Meus sonhos são verdadeiros experimentos psicanalíticos. Talvez lhe conte um Dr. Meu *Id* é uma religião que alicia e envaidece o corpo: dilacera, cria vísceras e desejos inominados. Ah, que saudade que tenho do *TCC*.

Certas são as memórias e suas verdades no corpo. São elas que criam nossos rostos. Somos apenas rostos. A identidade é uma espécie

de rostificação humana. São rostos que imitam o outro. Eu sou o outro. Eu sou meu terapeuta. Ele sou eu. O outro-memória, o outro-esquecimento e o outro-ponte. Acabo por ocupar espaços vazios em minha mente e despedaço identidades, então, fragmentadas. Invado territórios de excessos e esqueço memórias em disputas.

O outro é poder. Ele me edifica, torna-me homem, faz-me menos mulher, deixa-me menos preso. A identidade é o território na relação de poder com o outro. E eu perdi. Eu perdi essa disputa no dia que vim ao mundo, no dia que vim neste consultório, pois meu corpo já foi definido, organizado e engendrado (por outros). Mas e agora? Quando estarei livre?

Como um barco, o terapeuta estava ali irrequieto em seu sofá marrom de couro, navegando aos lentos ventos sobre sua agenda corada, a escrita. A odisseia da cura, a forma retilínea e sem força do lápis, assentava riscos das suas mais destemidas impressões. A gente é igual. Como? A dor é a mesma. Ele ajeitava apalpante seus óculos sobre o nariz e inclinava, cabidamente, sua cabeça como quem é míope.

Havia um balanço frenético do seu pé direito que me incomodava, seu sapato preto melecado de benevolência era avistado pelo perímetro do meu olho esquerdo. E indicava, de sorte, que suas pernas estavam desde o início cruzadas e dormentes. Mas, de algum modo, seu corpo deslindava meus pensamentos enveredados e os meus desejos mais escondidos.

Aquele frio silencioso da sala que nos unia me transportava para um avesso da pele do *superego*: o casulo velho que eu nem conhecia, e se um dia conheci, foi, conscientemente, jogado ao fundo dessa masmorra cerebral. Ali, era pegajoso e havia guerra.

– Desculpe, Dr. Não sei explicar, foi como se eu quisesse sentir apenas algo. E eu era uma criança, não sabia o que estava fazendo ali. Um boneco branco de pano.

Há coisas que, de fato, não consigo explicar, quiçá suas meras motivações. Não sei o porquê de Deus, por exemplo, fez-me nascer debaixo de um pé de jaca, às dez para o meio dia. Talvez pelo mesmo motivo dos meus pais: nascer com a bunda *prusol*. Sempre fui um menino muito de trincheiras, a minha cabeça é uma contenda. Havia uma angústia que me entupia de ausências formidáveis e, que me fazia questionar, violentamente, as veredas tortuosas do meu corpo. Não enxergava os excessos do mundo, como ele realmente era. Minha vista esvaziava incertezas e interrogações sobre a minha pele, sobre a minha genitália, sobre o eu e, às vezes, sobre a vida.

Por isso, acredito que o primeiro erro dessa guerra foi nascer. Não simplesmente o ato de nascer em si, mas nascer para existir no mundo. Meus irmãos sempre diziam que, por eu ser o caçula fedorento, fui o esquecido para morrer no forno amniótico da minha mãe: portanto, nasci o mais torrado. E, por Deus, essa vida continua sendo uma coisa perigosa para pessoas como eu – mas eu ainda a vivo.

Deveras, o fato de ser o mais preto da família sempre foi o motivo de escárnio entre eles. Além de pirraçar como adotado, disseram-me que, se eu morasse na cidade de São Paulo, ficaria branco – pela ausência do sol forte. Não bastando, contaram-me que, se eu bebesse leite por vários dias, acabaria de incorporar sua cor e, ficaria, finalmente, branco. E eu acreditei: aquela criança queria ir – com todas as forças – para São Paulo, e, depois daquele momento, sempre beber leite.

É certo que o *Frantz Fanon* estaria bastante preocupado comigo, senão estivesse morto. Um menino preto com a psique que reforça sua teoria do desejo pelo embranquecimento é, no mínimo, delirante. São as *escrevivências*, eu diria. A minha infância foi constituída por uma busca incessante em ser branco, inclusive pelo fato de tentar fugir, de alguma forma, dos meus traços negros, pois a pergunta insistia em rodar: *Que quer este menino negro?* Colocaram-me uma crença, um

desejo, um prazer e um querer.

O embranquecimento, meu falecido *Fanon*, sempre me perseguiu. Seja em querer mudar meu próprio corpo, tornando-o, de algum modo, mais branco (no estilo, no cabelo e no clareamento nas fotos), seja no desejo ou no afeto (palmitagem velada por outros corpos não-negros). Sua máscara branca me servia. Sua máscara branca estava grudada na minha face. Sua máscara branca, *Fanon*, em alguns momentos, fez-me pensar que fosse a minha própria pele.

– Existe algum outro momento de cunho sexual dessa idade que o senhor queira contar?

Meu analista ainda insiste no estágio fálico da vida, mas me perdi na anamnese da minha própria raça. Lembro que fiquei de molho e o espectro não descolorou. Afundei-me nas águas mais profundas da minha alma, mas nunca me senti limpo. Parecia que a sujeira nascia comigo, uma espécie de doença por natureza. Eram lágrimas negras sobre um corpo: para onde aquela criança iria? Para onde vou?

Se a vida é uma poesia, eu era a piada: carvão, petróleo, asfalto, noite e grafite. Ora, que poderiam ser finais de versos, eram apenas vocativos atordoados e hostis. O homem é mau. A gente não vê o que não vale a pena. Apenas se vão, pois nunca a recompensa de ter será menor que a bondade de estar. Esta – inexoravelmente – é a nossa errância.

– Dr., teve uma vez que coloquei um vestido da minha mãe e penetrei o dedo no meu ânus.

Após ouvir isso de mim, o terapeuta só havia de pensar: “*além de preto, é viado*”. Seu rosto demonstrava um silente pigarro na garganta que enganava um desespero e confirmava seu, outrora, pensamento. Embora, ao que parece, exprimia muito constrangimento sobre aquilo.

Desculpai-me, Dr., mas vou continuar a falar de mim. De fato, eu era um menino afeminado, que amava brincar com as meninas de ca-

sinha e boneca. Às vezes, por opção, outras, por apenas rejeição dos meninos. Gostava de usar o vestido vermelho da minha mãe com o *scarpin* preto da minha irmã. Essa história, portanto, deveria ser sobre afeto. Mas é silêncio. É pergunta.

E pergunto-me se eu deveria continuar, pois escrevo com o corpo. E pensar é escrita, pensar com um corpo que apenas o sangue circula. Ah, lembro da voz fina que ninguém ouvia e da mão desmunhecada que não servia para nada, como dizia meu pai. “*Fale como homem*” – do outro lado do sofá, gritava minha mãe. Eu era os brinquedos que ninguém escolhia para brincar. O desenho profano que passava de madrugada. Um erro imprevisível.

É. Parecia um defeito da causalidade, um sorriso errôneo, o jeito repreensível, sou a cena de um filme que todo mundo pula – e o antigo bordão vinha: *além de preto, é viado*. Na casa, na escola e na rua, a mesma frase ecoava como uma oração diária, como um certo *bom dia*. Indubitavelmente, se eu fosse *Eva* no Éden, seria responsabilizado pelo consumo de toda aquela macieira. Ah, meu querido, *Nietzsche*, eu sei – nasci como o diabo: sou os próprios equívocos de Deus.

E, por não ter nada a fazer no mundo: sobrei. Mas, aquela mão desmunhecada servia para alguma coisa. Tudo começou com o dedo, mas não era suficiente; o cabo da vassoura, mas não era suficiente e, finalmente, o cabo da enxada. E aí tive o devaneio de me perguntar “*quem sou eu?*” E tudo parou, derrogou e pausou – vagarosamente. Minto, só parou, de fato, quando a minha mãe me encontrou no banheiro. Mas, por ora, é isso que o terapeuta saberá.

Ah, havia também sonhos, Dr. Eu acordava e lembrava, especificamente, de um sonho. Daquela suor, daquela pele molhada na minha coxa cinzenta, das veias cortantes que latejavam sobre meu corpo, do fraco batimento assimétrico que me arrepiava. Acordo, mas a lembrança se esvoaça. Era como uma fantasia. Eu gritava, gemia alto por

todas as vísceras: fiapo por fiapo. E desaparecia, sob toda essa forma de fumaça das mais lindas utopias, que se evolava, categoricamente, sobre mim. Era um sonho, mas não, não posso contá-lo.

Novamente, acordo, mas lembro dos detalhes. E embaço aqueles olhos, profusamente, aos meus. Como delírios de poesias insuscetíveis de qualquer tipo de escrita. Havia vertigens e assobios abafados, afogados com lágrimas indefinidas de dor ou prazer, que ofegam mais uma vez o *ultimatum* suor, mas que respiram e escorregam nessa sensação simulada de calor. Mas, de novo, evapora-se, como se nunca houvera sido ou, meramente, aqui existido.

Acordo e lembro mais uma vez. Há corpos, devaneios e línguas de paradoxos, gozando com um sorriso aberto em corpos esvaídos e que, perfeitamente, pesam. Mas, deveras, acordo e não me lembro. Aperto-me, outra vez, e, pulso-me, derradeiramente, como se a leve metáfora fosse tornar real. Entorpecendo-me, contra toda essa realidade opaca, sumo nos últimos chumbos daqueles corpos másculos, que ficaram presos no meu sonho. Acordo, e mais uma vez, aquilo não é real.

– Senhor, a gente precisa analisar isso com calma. Existe ainda tais desejos?

Indagou o terapeuta. Mas, voltei para mim, estava entediado. Estava preocupado em encontrar meu próprio itinerário em meio a tantas lembranças. É necessário sentir o mundo? É preciso padecer nas cinzas das horas sobre uma arte que nem mesmo conhecemos? É como refugiar no campo das imaginações e desvendar o desconhecido. Talvez o que tanto busco seja isso. Talvez seja o remédio que procuro. Escarafunchar. Flutuar nessas incertezas e questionamentos – o proibido sobre meu ser e o beber de toda esta mentira: os desejos, os anseios, os medos, as vontades, as angústias e o devir.

Afinal, meu caro analista, quantos desejos existem dentro de mim? Quantos moram dentro de você? Vejo-te ali sentado, mas não

lhe enxergo. Não sei muito sobre mim. Sempre escondo algo de todos e de você, até de mim mesmo. Não sou puramente autêntico com meu imaginário – às vezes, crio mentiras. Meu ser é de cacos com minha própria essência fragmentada.

Despedaço-me em desejos, de fato, mas junto todos e coloco os restos no lixo inorgânico do meu corpo, que, insustentavelmente, pesa. Esfarelo minhas memórias, como um leve papel solto à mercê desse inescrupuloso e inevitável desejo. Sou instável, frio e bastante existencialista. Ora cedo à carne, ora sou a própria carne, que é esmerilhada ao sal-suor da minha pele fina: que seca, que dispa e que, indubitavelmente, contrai.

Logo, quantos desejos existem dentro dessa análise, Dr.? A vida, aquela obsoleta vida, que ninguém mais aguenta sentir, é peso. E é, por ora, também desejos. Eis a vida parecer ser janelas abertas, como olhos amarelos e esquecidos de viver. São crises e dores também, quando não há respiração, mas só tédio daquelas tardes amenas, que com o anoitecer as veias se fecham e se esvaem.

E, digo-lhe, Dr., que, mentirosamente, escrevo pensamentos. E que, amorosamente, lembro-os. Lembro como minha mãe esqueceu de me acordar para ir à escola, deveras; como não me ensinou qual era o sentido de viver; como não me mostrou quais são os refúgios da mente que eu precisava quando estivesse só. Respiro? Mas ainda sinto culpa e carrego com ela a dor da autossabotagem. Corto-me, isolo-me e, mesmo assim, não me sinto livre. Beijo e não me sinto amado. Transo e não me sinto desejado. A vida é apenas mais um ato, sempre foi, dentro de uma sucessão como *check-list*.

Existem desejos, de fato, autênticos, Dr.? As drogas não são suficientes. A fé não soluciona mais. A distância da realidade à utopia é, insignificadamente, linear e grotesca. A autodefinição do meu eu aresta um assombro: qual o sentido disso tudo? De fato, posso ser o

que realmente quero? Por que só alguns são carnes sentimentais? E outros são apenas servidos em pratos alegóricos?

A solidão é um delírio, Dr. Como eu me sinto só, aglomerado? E, às vezes, sinto, também, que o cordão nunca haveria de ser rompido. Estou afogado, afagado e, no fim, sinto-me fútil. Anseio por um nada e fico, no fim do dia, inexpressivo. Não sei definir o que é o amor. Não sei sentir o que seria a paz. Não sei explicar o que deveria ser a solidão, mas a vivo e, no fim, publico.

Eu sou um corpo no universo, Dr. Há um peso que me antecede. O que deveras seria, senão minhas marcas? Meu corpo existe? Ou somente quando minha dor te toca? Eu posso vê-lo. Eu posso senti-lo.

O sentimento e a vida são lembranças cíclicas que apunhalam pelas costas. Lembro da vez que estava numa apresentação dos Dias dos Pais na Escola. Meu pai estava lá, eu tinha preparado a música *“Pai de Fábio Jr.”* - que brega, eu sei. Havia coisas que eu não sabia o que significavam. Mas estava lá a pedido da professora *Lúcia*. De repente, um garoto, que estava passando pelo corredor da escola, gritou em voz alta: *“olha como ele rebola, parece uma mulherzinha”*. Meu pai, ao perceber que o garoto estava apontando para mim, agarrou-me com tanta força e fomos embora. Uma semana de castigo sem sair de casa por causa de *“Fábio Jr.”*

Meu pai era religioso e de bigode soldado, era um bicho insensível do mato que, apesar de amar a sua mulher, apontava-lhe a espingarda quando o *dicumê* atrasava. Fazia filho como quem bebia água. Mas só fazia mesmo. Ele não queria compreender o mundo. Não havia olhos para a gente, para gente como eu. Éramos tão distantes quanto o tempo da morte de uma estrela. Mas, ele até que viveu muito, quer dizer, viveu o seu tempo, as suas horas.

Minha mãe, por sua vez, sempre acreditou na liberdade, mas nunca foi, de fato, livre. A sua voz só existia naquela capela de madeira.

A reza era seu ofício e a luta, o seu luto. Deus acima de todos, até de mim. A solidão e a tristeza lhe acompanharam. Mas triste mesmo foi o dia que ela me viu beijando o espelho. O dia mórbido dos finados foi palco para minha primeira encenação côncava: pouco tempo antes de sair para o cemitério, ela presenciou aquele beijo-reflexo. E a única pergunta que importava: *o que você sentiu?* Era outro homem, uma mulher, um animal ou um boneco? Nada interessava, no fim das contas, mas sim, a fatalidade de mais uma semana de castigo sem sair de casa.

A sensação era de erro, Dr. Sempre fui um castigo. Parecia que havia cometido um crime contínuo ou um pecado eterno. Mas, inacreditavelmente, meus olhos nunca corriam lágrimas. Eu espiava estrelas a noite. Era uma criança inflexível, divertia-me com fogos em junho, pulava no *São Francisco* na seca, dançava na noite do *Padroeiro*. Eu ria. Ria surpreendentemente, dobrava o passo para merendar quando dava, lia trechos de livros proibidos à espreita, pegava umbu e comia com sal. Eu havia de estar cheio de juízo? Não. Como um corte de cetim, a tesoura me cortava, mas não era o suficiente para sangrar. Não, não naquele momento.

Havia uma força dentro de um vazio afetivo, um oásis no espaço carente. É como esta sala: os móveis não se conversam, mas estão conectados. O terapeuta não me olha, mas me vê. O vaso de cerâmica do canto esquerdo expulsa a *Espada de S. J.*, mas ela ainda insiste em ficar. A força é este movimento que resiste às coisas. A força está na solidão. Eu sou só, apenas só.

– Não, Dr. Não tenho mais desejos.

Após minha resposta, o terapeuta anuncia o fim da sessão. Nós, despedimo-nos, e logo vejo que há uma ligação no meu telefone. Eu atendi:

– Papai, Papai... Cadê você? Mamãe está esperando para a gente ir

para a Missa. Hoje tem quermesse.

Eu respondi:

– Estou chegando, filha. Estava na terapia.



Santa do Pau Oco

JUSTINO COSME PEREIRA DOS SANTOS

Quando o dia quebrou as barras do céu, com o cantar dos passarinhos, Onorim acordou assustado, após dormir encostado no tronco do pé de Maria-preta, sem saber onde estava, depois de caminhar quase uma légua na noite anterior. Deixou Furado-do-Meio, na boca da noite, e entrou mata adentro; levando no surrão: umas três mudas de roupas, uma lapiana na bainha, uma provisão de farofa, um pedaço de rapadura.

No intento de cortar estradas, seguiu os atalhos e carreiros pisados pelos animais, com o finco de chegar a Bom Jesus da Lapa, depois aventurar uma embarcação para Januária, em seguida viajar de trem para São Paulo, onde residia uma parte dos tios paternos, que haviam fugidos da seca de 1949.

Sob a proteção e incentivo do pai, Diolino; fugiu, deixou o arrabalde e a namorada grávida de quase dois meses, após o pai dela descobrir e ameaçar matá-lo, se acaso não fizesse o matrimônio antes da barriga de Dorotéia aparecer. Não aceitaria que o neto fosse obscuro

de nascimento, menos ainda ter uma filha deflorada dentro de casa.

Mesmo se opondo à vontade do marido, já que era a favor que o filho casasse com Dora, tendo em vista bulir no que não devia fora do tempo, antes dele partir, a mãe pediu-lhe para beijar a estampa de uma santa, que guardava, dobrada, à sete chaves dentro da mala de madeira. Ainda disse que, em qualquer dificuldade apelaria a ela, que a coisa ruim romperia para longe.

– Mas era preciso envolver na fé, porque a fé move montanha, meu fio – ressaltou.

Ainda que não soubesse o nome da santa, Onorim olhou de relance, beijou e ainda assim, persignou ao ar. Ambrosia aproveitou o ensejo e passou o manto sobre a cabeça dele para protegê-lo. E acrescentou:

– Deus seja lovado, meu fio.

– Louvado seja. – ele respondeu, sem saber o porquê. Era recorrente na comunidade.

Andou a pé mais de sete léguas em seis dias. Para não ser visto e reconhecido por algum conterrâneo, caminhava somente à noite. Ficou quase um terço deles sem triscar comida de sal na boca, sobrevivendo de frutas da vez, sementes e verduras que roubava nas roças alheias. Só não ficou com sede, porque bebeu água das efêmeras lagoas; suja com urinas e fezes de animais. Dormiu embaixo de árvores, socavões, choupanas abandonadas, etc.

Em um dos dias, logo cedo, encontrou um vaqueiro que lhe deu uma jacuba, feita com leite cru, tirado da vaca naquele momento. De barriga cheia, esperou que anoitecesse para continuar a caminhada. Depois de andar léguas, avistou uma luz refletida em uma casinha. Parou. Com um “Oh! de casa”, sedento, chamou o dono e pediu um copo d’água. Como já passava da Ave-Maria, o sertanejo Sigfredo serviu-lhe um prato de comida, sobra da janta. E ainda deu-lhe uns beijos secos para levar.

Um pouco mais tarde, prosseguiu as suas andanças. No alvorecer, sem nenhuma pretensão, saiu no porto de seu Adamastor à margem esquerda do Rio Corrente. Pela primeira vez, encontrou com mulheres e homens, nunca visto antes, que esperavam o barco para subir o rio e fazer a travessia para o Distrito de Bom Sossego, negociar a produção agrícola.

Mesmo sem ter ouvido falar, decidiu que iria fazer paragem nesse ignoto povoado. Contudo, atinou que não tinha dinheiro para pagar o transporte. Por isso, teve que pernoitar ali. Ainda faminto, aproveitou a ocasião para descansar, tomar banho e tirar a sujeira acumulada nestes dias andantes.

No quebrar do céu, quando a embarcação beicou no porto; reservado, falou com o barqueiro Lió, do seu interesse em ir para a outra margem. Propôs ajudar a carregar as mercadorias em troca da passagem. Tendo em vista haver vaga na embarcação, o proprietário não mostrou empecilho.

Ao aportar no destino, tirou todas as encomendas e levou para parte superior da restinga, conforme o combinado. Solícito, apresentou-se ao barqueiro, dizendo que era gente de bem e o motivo da sua viagem por aquelas bandas. Colocou-lhe à disposição acaso precisasse fazer algum serviço. Seu Lió ainda pagou-lhe um prato de comida, sabia que o viajante não tinha como pagar a refeição.

Em terras seguras, deu uma volta para conhecer o arraial. Ele gostou da tranqüilidade e da hospitalidade dos moradores do lugar; não muito diferente de Furado-do-Meio. Por isso, procurou um jeito de permanecer por ali, enquanto ganhava dinheiro para ir a São Paulo. Já estabelecido, com ajuda de uma professora primária, Matilde de dona Zu, escreveu uma carta aos pais, informando do seu paradeiro e querendo saber notícias da família, da namorada e da gravidez dela. Por ora, arrependeu de ter abandonada, no momento que ela mais

precisava. Contudo, sabia que não teria como seguir o namoro adiante, pois seu Tião Bigode teria estipulado o prazo para o casamento. Não amava a moça como deveria, tampouco tinha condição financeira para manter uma família. O pouco dinheiro que adquiria, ganhava ao ajudar o pai carpinteiro, na levantada de telhado. Ainda assim, repassava quase todo para a mãe, já que a despesa era grande, devido à quantidade de irmãos.

Na beira do rio, arrumou um barraco abandonado para ficar. E quando precisava, seu Lió e outros comerciantes chamavam-lhe para carregar e descarregar as sacarias, porque o tráfego era grande na região do Vale do Corrente. A circulação de mercadorias e pessoas davam-se através das embarcações, sobretudo, dos vapores que desciam e subiam o Rio Corrente, Rio Grande e o Rio São Francisco a cada dois, três meses.

No caso do Corrente, o escoamento estendia-se entre Rio das Éguas, Caiçara do Porto, Major Eustáquio, Santana da Parnaíba, Andorinha Azul, Nossa Senhora de Fátima, Taboa da Serra e Santa Maria da Vitória. Esta última cidade gozava do maior entreposto da região, haja vista ser o fim do tráfego aquático, porquanto não havia como as embarcações irem adiante, em virtude dos rios serem intráfegáveis, devido à quantidade de pedras, correnteza e escassez de água. Além do mais, essa cidade ficava centralizada entre as demais.

No afã diário, o rapaz fez amizades com os ribeirinhos, aprendeu a remar e guiar barco a motor. Não desenvolvia somente atividade de chapa; quando era preciso, fazia viagens curtas como remeiro – apesar de não gostar muito. Sentia que era mais discriminado por onde passava. Ninguém dava importância nessa profissão e, muito menos, crédito em razão da fama de irresponsável, baderneiro, raparigueiro, velhaco, arruaceiro, etc. Ainda que poucos soubessem, de certo modo, dele ter abandonado a namorada, isso colidia com o discurso apregoa-

do na comunidade ribeirinha. Nesse desvão, ao conhecer os segredos da translúcida e barrenta água doce dos rios, de semelhante natureza, passou a compreender um pouco mais do comportamento da vigente sociedade.

Em uma das viagens com o barqueiro e comerciante Noélio Pereira, aportou em Santa Maria da Vitória e ficou mais de uma semana auxiliando na descarga de sal e açúcar, tendo em vista que o Porto das Viúvas, como era conhecido pelos nativos, tinha uma aluvião de barcas ancoradas à espera do carregamento de rapaduras, vindas de diferentes municípios, sobretudo, do arraial do Brejo do Espírito Santo, para serem transportadas para Juazeiro, na Bahia. A moagem da cana-de-açúcar e a fabricação do “ouro” doce começaram entre maio e ia até agosto. Isto é, estava a todo vapor nas distintas comunidades rurais.

Como era uma pessoa amistosa, conheceu o chapa Nó de Sinhozinho e, com ele, pela primeira vez, foi ao prostíbulo de dona Santa. Apesar de não ter ficado com nenhuma rapariga, sentiu-se atraído pela casa noturna, já que era um lugar comum, erigido com regras próprias. Em que os homens bebiam, saíam alegres, falavam de esporte, de política; alguns faziam negócios e também contavam patranhas, etc. Quem tinha condição financeira, como era o caso dos donos das embarcações, comerciantes, fazendeiros, caixeiros, etc., bebiam cervejas, conhaques e namoravam as mulheres mais formosas. Enquanto a sua categoria bebia restilo e, nem sempre, dava conta de bancar uma quenga.

Ao voltar para Bom Sossego, não falou em outra coisa para os amigos, os olhos cintilavam de emoção. Porém, o primeiro a saber das novidades foi seu Lió, com quem tinha mais apreço. Além de ter gostado da pacata cidadezinha, em razão do frenesi movimento portuário, e de ser acolhido pelos colegas de profissão, achou tudo grandioso. No mês seguinte, acompanhou o barqueiro Dió Cabeça, pois ele precisava de

um homem forte e destemido para descarregar os potes de barros e sacas vazias de pano, encomendada pelo comerciante Domingos Costas. Porém, dessa vez, ficaram somente cinco dias. Ainda assim, não deixou de visitar o cabaré.

Na noite seguinte, ao sair com os colegas de tripulações para jogar sinuca e tomar cachaça, no bar de Roxim, ao aparecer na porta para tomar uma fresca, deparou com o pescador Pé de Pato, a namorada e a prima dela, Flordinice, que iam passando na praça do Jardim Jacaré. De arranco, este apresentou-lhe a garota. Ele já se sentiu atraído pela mesma. Mas não namoraram, porque ela não quis, uma vez que a moça não o conhecia. Não poderia se jogar no mar de incerteza. Inegavelmente, já sabia da infame daqueles trabalhadores que se divertiam no bar. Nem por isso, Onorim deixou de investir, e prometeu voltar o mais rápido possível para encontrá-la. Flor não deu nenhuma esperança, tampouco mostrou distante do que o rapaz falou.

Era uma moça negra, muito linda e com desenvoltura na oralidade; filha da lavadeira de roupa, Bia, e do pai, Afonsim pedreiro. De uma família simples, mas de muito respeito. Às vezes, Flor pegava trouxa de roupa para lavar também, precisava complementar o sustento da casa.

Em respeito a ela, no dia seguinte, Onorim dispensou o convite da súcia de rapazes: Cica, Neco Boca Porca, Adolfo de Sá, Zé da Paixão, Binho, etc., de ir ao brega. Dia depois retornou, sem ver a moça. Dió Cabeça queria levá-lo rio abaixo, mas o chapa dispensou o pedido, porque precisava rever a pretendente namorada, o quanto antes.

Entre os carregos e descarregos das barcas, recebeu a correspondência da mão do colega, Dão de Adão, respondida pelos pais. Ao cumprir a obrigação, foi atrás da professora Matilde para ler; não sabia muito bem. Incontável, ainda estava emocionado com a missiva.

Em parte regozijou, porque a sua parentela, apesar da saudade, passava bem; cada um dos irmãos tomava rumo da vida, sem querer

apressar o futuro, ou sem fazer besteira. A mãe não agüentava a ausência dele e o pai insistia para que o mesmo tomasse a profissão de carpinteiro como sua, posto que o filho já possuía certa feição; através do ofício, teria a capacidade de manter o sustento. Ademais, tinha ouvido falar que a região ribeirinha era uma indústria a céu aberto de fazer embarcações. E toda edificação fluvial necessitava ter um bom profissional dessa natureza. Desse modo, não iria faltar-lhe emprego.

Não tinha reparado nisso. E achou interessante o ponto de vista do genitor, principalmente, ao lembrar-se de Flordinice: se porventura quisesse casar, já teria um respeitado ofício e poderia morar na cidade dela. Uma vez que no Tamarindeiro, à margem esquerda do rio, havia um estaleiro, onde os homens deitavam a enxó, o serrote, a plaina, o martelo, etc., e pariam barcos pequenos e grandes – os mais afamados eram da família Guimarães. Veio a memória a avó, quando falava da excelsa barcaça “Século XX”, feita à sombra do Corrente.

Não obstante, contristou ao saber que a ex-namorada Doroteia tinha ido para São Paulo à sua procura, após ter fugido na calada da noite. Nesse intervalo, já teria tido o bebê. Mais uma criança nasceria sem a presença paterna; outras nem sabiam o nome, recorrência tão soez na região. Outra vez, entendeu o porquê a população falava mal dos remeiros. Além de serem edificados, facilmente, com uma mandala no peito, feita em função de escorar a verga para remar; ganharem mal; por onde passavam, deixavam rastros de confusão e abandono – mulheres grávidas.

De certo modo, sentiu-se aliviado por não ter tido notícia do pai da moça. Com o nascimento da criança, provavelmente tenha amainado o coração e esquecido de honrar a virgindade da filha. Ou quiçá, os seus pais omitiram alguma informação para não assustá-lo? Tinha esquecido que era um fugitivo; então, era melhor ficar com um olho aberto, o outro fechado.

Mais esbafoado, pediu ajuda a professora e escreveu outra carta para os pais, já informando que passava bem e se preparava para morar em Santa Maria da Vitória – mais distantes deles. Tinha arrumado uma oportunidade do que fazer mais vantajosa; não iria mais para São Paulo. Ia aprender o ofício de carpinteiro e seguir o conselho. Não comentou nada sobre a suposta namorada e nem falou sobre Dorotéia. Achou por bem não mexer na ferida seca. Porém, pediu-lhes segredo na notícia.

Após ouvir a opinião de alguns trabalhadores ribeirinhos, em relação à referida atividade, semanas depois, ajuntou seus apetrechos e aportou. Arrumou um casebre, próximo ao rio para morar. Afanado, ficou carregando e descarregando as embarcações que encostavam; mais à frente, passou a trabalhar de ajudante de carpinteiro, ofício que desenvolveu com o pai desde menino, ao cobrir casa com telhas de barro. Quase um ano depois, aproximou dos operários do tamarindeiro e passou auxiliá-los; aos poucos foi aprendendo e tomando gosto também pelo ofício. Mas, ser aceito naquela plêiade não foi fácil, tendo em vista ser ignoto na cidade, ainda assim, estaria disputando espaço entre eles.

O namoro com Flordinice fluiu na mesma intensidade. No entanto, o pai dela se opôs, uma vez que o rapaz nunca tinha sido visto com gente de seu sangue. Poderia ser mais um forasteiro fugitivo, com crime nas costas, e queria apenas aproveitar da sua filha. Para piorar a sua imagem, a fama de freqüentador de cabaré tinha se espalhado entre os pescadores, lavadeiras de roupa, barqueiros, etc. Contudo, o rapaz tentava mostrar o contrário e apagar essa mácula.

Sem fechar um ano completo de namoro, Flor engravidou. Por onde se passava não se falava em outra coisa na cidade. Com tamanha vergonha, o pedreiro quis expulsá-la de casa, porque teve também a filha deflorada antes do matrimônio. Sem saber ainda de que estirpe

pertencia o namorado dela. Porém, cândida, Bia acalmou o marido e não aceitou que tomasse medida drástica e impensável.

– Não poderia apagar um erro, cometendo outro, homem. Ainda mais se tratando de uma filha. O jeito é você chamar o rapaz para uma conversa séria, pois não se mexe em casa de abelha, só pensando no mel. - comentou.

Nem foi preciso ir atrás. Com o sorriso que não cabia na boca, apesar de saber da repercussão negativa; enternecido, Onorim fez questão de apresentar-se aos pais de Flordinice, já pedindo desculpa pelo ocorrido. E garantiu que o casório ia acontecer, antes que a barriga encurtasse o vestido e tomasse conta do corpo. Ele gostava muito dela e queria tê-la como esposa. Mas, salientou ao sogro:

– O prazo que eu preciso, seu Afonsim, é o tempo de avisar e esperar resposta dos meus pais. Faço questão queles participe do casório para tirar a impressão ruim, pois eu tenho família no município de Umbaúba das Minas.

Dois meses depois, eles se casaram no Juiz de Paz e na Igreja Católica. Com direito a forró e batucada à noite toda. Mas a esposa só teve a gestação tranqüila até o sexto mês; os demais foram custodiados com a ajuda da mãe, da parteira Sá Conceição e, último, do boticário da farmácia, Orlando. Sendo que a grávida dava espasmo, perdia sangue e a criança tomava posição contrária no útero. Nas horas tristes, compassivo, o esposo a consolava e fazia o que podia para lhe ver feliz.

No estaleiro, na ausência dele, os trabalhadores atribuíam o sofrimento em razão da descarração dela, posto ter engravidado antes de se casar. Desse modo, Deus estava castigando, porquanto não aprovava isso. Por vez, o carpinteiro atribuía o infortúnio, em virtude de ter abandonado a ex-namorada grávida, sem ao menos pensar na criança. Como não estava presente na gestação, Deus transferiu o castigo para a segunda mulher.

No escopo de que a criança nascesse com saúde, e nada de ruim ocorresse a mãe, ele a convidou para ir a Bom Jesus da Lapa fazer uma promessa, porventura tudo ocorresse conforme o solicitado. Antes de 06 de agosto, desceram o Rio Corrente até o São Francisco “de carona” na barca de seu Estevão Cacimba. Todo ano, ele já tinha uma freguesia dos romeiros que iam à Romaria do Bom Jesus fazer pedido, agradecer e pagar promessa no pé do morro. Após uma semana ausente, voltaram. A esposa sentia bem melhor, de que quando saiu.

Depois de ter visto tantos santos, feitos de barro e pedra-sabão; sentiu-se influenciado a fazer outros de madeira. Poderia aproveitar o domínio que tinha da matéria prima e os restos das toras, abandonadas no estaleiro. Contudo, as esculturas nunca chegavam ao ponto que queria, porque elas não apresentavam simetria frontispício, se comparando com as efígies vistas na igreja e nas vielas da cidade. De todo modo, ficavam eivadas e grosseiras: os olhos estrábicos; as orelhas, uma mais alta que a outra, etc.

Mas um fato novo ocorreu: na tarde que a esposa sentiu as primeiras contrações, a criança estava totalmente atravessada na barriga. No quarto, sobre a enxerga, mesmo com ajuda da parteira Sá Conceição, ela não conseguia ficar na posição cefálica, de modo que a mãe de nascimento pudesse assistir à parturiente. Já à noitinha, entre a morte e a vida, houve um momento de escândalo, Flordinice sofria uma forte dor, devido alguns movimentos abruptos que o bebê fazia. A sua família e o marido sentiam, por tabela, o seu sofrimento. Em tom de desespero, pediu a Deus para ceifar-lhe a vida e deixar, ao menos, o filho vir ao mundo saudável.

Onorim acendeu velas sobre o escabelo de madeira e começou a rezar. Lembrou do que a mãe tinha dito, naquela noite antes dele fugir de casa. Conseqüentemente, veio a memória o manto da santa que, com candura, Ambrosia passou sobre a sua cabeça. Dizendo

que na hora do aperto, ele a recorresse. Fielmente, revia aquele afável olhar, como se naquele instante, a ignota santa desse-lhe as mãos para apanhar no colo. Por não ter dado à devida deferência, nem ao menos procurado saber o nome dela, quando a sua mãe apresentou-lhe, tenaz, Onorim não cedia ao amparo. Enquanto a esposa relutava dentro da enxerga para ganhar a criança, ele adensava seu orgulho. Mas, quando a mulher deu o ultimato grito, o carpinteiro recorreu à protetora, despido de vaidade, pedindo socorro.

Minutos após, ouviram-se o choro angustiante do espevitado bebê e alegria da mãe espargiu pelo humilde lar. Ambas renasceram em meio ao rescaldo. Quase ninguém acreditava que isso pudesse ocorrer, haja vista que a mesma teve uma gravidez e um parto difícil, nunca visto antes pelas mãos da parteira e os demais.

Quebrantado e, sem pernas para recorrer ao quarto, preso ao chão, Onorim não conteve de emoção: chorou copiosamente de felicidade; alentado, agradeceu a Deus por ter concedido vida a filha e a esposa. A casa foi tomada pelos amigos e vizinhos que queriam vê-las. Ele foi um dos últimos a ver a filha, que recebeu o nome de Luzia. “A menina já nasceu com o nome de santa”, atônito, dizia.

Ao passar o susto, ensimesmado, teve sobeja gratidão à intervenção de sua mãe e, sobretudo, da Santa do Manto; publicamente, agradeceu à parteira Sá Conceição, às rezadeiras do Alto do Menino Deus, à parentada de sua mulher, à presença e compaixão de todos naquele recinto. Esboçou descrever a felicidade que sentia, mas não conseguiu. Inefável, abriu uma garrafa de jurubeba e tomou uma lapada no copo; colocando a disposição. Buliçoso, saiu na porta e soltou uma caixa de rojões, precisava dissipar o seu contentamento.

Mesmo depois, o nascimento de Luzia foi dado como um milagre pelos ribeirinhos, tendo em vista a mãe superar e vencer tamanha vicissitude: da gestação ao parto. Isso fez Onorim adensar e sentir mais

amor pela esposa e a filha. No entanto, sabia que a inominável religiosa fez parte, de igual semelhança, do miraculoso ato.

Em virtude disso, com uma tora de madeira velha, tentou esculpi-la, através da visível imagem retida em sua memória. Por incrível que pareça, pela primeira vez, fez uma escultura, de quase meio metro, à semelhança da santa: muita delicadeza na face e simetria entre os dois flancos; candura no olhar e, aparência, de movimento no corpo, coberto por um longo manto. No estaleiro não teve um operário que não admirasse, venerasse e ajoelhasse ao vê-la. Depois, nem mesmo ele acreditou ter feito àquela criatura.

Acontece que o criador não sabia o nome dela, quando era inquirido. Por essa circunstância, dizia que a sua mãe tinha um pano pintado com a imagem da santa; nos momentos difíceis, recorria a ela. Bem-aventurada, interveio muito na vida da mãe, de igual natureza interpôs na vida de sua nova família, quando solicitou ajuda.

Pela manhã, a piedosa santa desbastarda não tinha nome de batismo, mas quando o pinguço Zé Matraca pegou a obra-prima para contemplar, reparou que, no fundo, a madeira estava meio ocada. Querendo informar aos amigos, no Bar de seu Limiro; displicente, virou para o escultor e disse:

– Essa santa tem o pau oco.

Após o meio-dia, a partir dessa plausível análise, nas jocosas bocas, ela ganhou o nome: Santa do Pau Oco. O carpinteiro, que se transformou em um santeiro, naquele momento, não gostou. Todavia, reconheceu que a “brincadeira” ajudou alavancar a sua notoriedade na região do Vale do Corrente, como um portentoso imaginário.

Ele tinha uma filha com o nome de santa; morava em uma cidade com o nome de santa; era um escultor de santo, inclusive da Santa do Pau Oco. Mas, por descuido, quase ia ficar inominável e fugir à regra.



O Depósito

MARIA CLARA ROMEIRO MOTA SILVA

– Me conta uma história feliz. – Carolina estava sentada no chão, apoiando as costas em uma prateleira de produtos de limpeza, cujo odor já nem percebia mais. Comia calmamente um pacote enorme de salgadinhos, fazia um tempo que não comia essas coisas, mas nas últimas semanas havia se tornado um hábito ao visitar o depósito escuro.

– Eu não conheço histórias felizes. – Helena também estava sentada no chão com as costas apoiadas em uma prateleira, mas não estava comendo, ela nunca comia.

O cômodo era realmente mal iluminado e a porta estava sempre muito bem fechada. Carol apenas conseguia “mal ver” sua amiga com a luz fraca da lâmpada. Uma moça de pele pálida, olhos fundos e tão escuros quanto seu cabelo. Havia algo de estranho e, até um pouco sinistro naquela pessoa.

– Nem mesmo de filmes? – Disse após tomar um gole d’água.

– Eu não gosto de filmes. – A outra respondeu de forma calma e quase sem expressão, como sempre.

– O quê? – Carol interrompeu a ida de um salgadinho até sua boca. – Impossível. Todo mundo gosta de filmes, é a única forma de escapar da realidade. Sabe, de esquecer da sua vida e viver outra por algumas horas.

– Não tem como escapar da realidade, em algum momento tudo volta. – Como de costume, palavras certas e verdades difíceis de engolir. Carol sempre ficava meio sem jeito.

– Mas tem tanta coisa bonita lá fora. A gente só não as enxerga. A gente não tem nem tempo pra isso. É tanto “preciso fazer isso”, “preciso fazer aquilo” que a gente mal para pra respirar, beber água, tomar um sol, observar as nuvens se movendo, escutar o que tem ao nosso redor ou só agradecer.

– A quem?

– A qualquer coisa. Enxergar as coisas bonitas sabe? As que nos deixam felizes e sentir grato por isso. A gente só enxerga coisas ruins.

– Carol abaixa o olhar e entrelaça os dedos, mexendo-os. Seu semblante muda um pouco. – É, eu tenho tido dificuldade de enxergar coisas boas e agradecer. – Em momentos assim, no meio dessas conversas, Helena a olhava com curiosidade.

– Às vezes, não só há nada para agradecer, e tempo demais nos faz enxergar isso. Sempre as mesmas merdas. A gente nasce e logo entra em uma competição de sobrevivência social, violenta e muitas vezes mortal, em que as pessoas estão constantemente tentando, a todo custo, pisar em você e tirar tudo o que te pertence, ou poderia te pertencer e, quanto mais você envelhece, pior fica. Quando você para pra pensar, nada vale a pena, porque nada nunca muda. É como ver uma roda girando, girando e girando sem fim. Com tempo demais, tudo some. As pessoas, as casas, as sensações boas, as sensações ruins e tudo o que sobra é um... vazio enorme que vai aos poucos consumindo tudo o que temos por dentro, até nos transformarmos em um mero

casulo movido a instintos naturais de sobrevivência. Tudo se torna rotina. Dormir, acordar, comer. No fim, nada realmente importa. – Ambas encaravam o chão e um silêncio tomou de conta do ambiente.

– A vida é uma merda.

– É. – Suspirou. – É sim. – O silêncio continuou até Carol voltar a comer os salgadinhos crocantes.

– Você realmente não gosta de filmes?

– Não. – Respondeu Helena, séria.

– Por quê? Todo mundo gosta de filmes. Você não existe. – A mulher não escondia sua indignação, mas ainda sim, sorria.

Os dias passavam vagorosamente para Carolina. O rosto apático encarava todos os cantos da casa. Ela podia vê-la, ouvir sua risada, seus passos apressados pelo ambiente. Mas ela não estava ali e nunca mais estaria.

Certa vez, Carol cortou o dedo com uma faca de cozinha, não chorou pela dor física, esta era apenas uma desculpa. Mas uma desculpa para quê? Não havia ninguém ali para se importar com sua dor. No entanto, havia alguém para se importar se havia comida na mesa e esta não poderia estar manchada de sangue. Seu marido sempre odiou sangue.

Falando no diabo, ele chega rudemente em casa e, como sempre, se joga em qualquer assento para esbravejar reclamações sobre sua miserável vida de homem trabalhador (não tão honesto assim). Ele cheira desagradavelmente a suor e bebida. Carolina serve o jantar, mas está no piloto automático. Já havia alguns meses que os gritos, o comportamento infantil e o cheiro do marido não eram o suficiente para tirá-la de dentro de sua própria cabeça. Nada ali lhe era bom. A casa parecia sempre tão escura e acinzentada. Não importa o quanto ela a limpasse, tudo parecia sempre tão sujo. Não importa o quanto ela

arrumasse, nada parecia estar no lugar. Tudo o que ela queria era ir embora, mas ao mesmo tempo não queria sair dali, afinal aquela era a sua casa e aquilo era tudo o que ela merecia.

Em uma de suas idas ao mercado se sentiu tonta. Sentiu seu coração querer pular para fora, enquanto seu corpo suave como se estivesse fazendo 40°C. Desejou, mais que tudo, um lugar seguro. Pensou em casa, mas aquilo lhe causou mais desespero. Havia fugido como se algo a perseguisse e, sem pensar, andou apressada pelos corredores do mercado até chegar na primeira porta que viu pela frente. Torceu para que fosse algum banheiro, mas ao entrar, percebeu que na verdade se tratava de um depósito escuro e apertado, com prateleiras repletas de produtos de limpeza e utensílios para essa finalidade. Não era o que ela esperava, porém, serviria.

Fechou a porta rapidamente e a encarou por alguns instantes como se esperasse algo entrar por ela. O peito subia e descia, queria gritar, bater a cabeça na parede, arrancar seus cabelos. Pensou que aquilo era maluquice, a qualquer momento um funcionário entraria e a tiraria dali. Ela provavelmente imploraria para que não o fizessem, provavelmente seria uma cena muito chamativa, provavelmente chamariam a polícia, provavelmente...

A cada pensamento sua respiração ficava mais desregulada. Ela tapou a boca, fechou os olhos e lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. Seu corpo tencionou tanto que agora estava tremendo. Suas mãos abriam e fechavam, o olhar não fixava em nada específico, enquanto ela ia se encolhendo e esticando. Toda a força de seu ser estava agora destinada à tentativa de não permitir que tudo aquilo que estava guardado em seu peito viesse para fora. Não queria emitir um som sequer, mas todo o seu esforço não pode conter a totalidade de sua agonia, ao menos as lágrimas escaparam. Ela queria mesmo quebrar cada pedacinho de tudo o que a rodeava.

Carolina não sabia a quanto tempo estava ali, mas o barulho de algo caindo a fez olhar para trás.

– Ah... merda. – Diz a voz desconhecida.

– Quem é você? – Tentou, em vão, se recompor.

– Eu... moro aqui. – Carol a olha confusa. – Quer dizer, eu... trabalho tanto que parece que eu moro aqui. – Ela sentiu uma estranheza, o tom de voz da outra não parecia querer realmente convencê-la, mas não questionou.

– Há quanto tempo você tá aí?

– Eu... eu não queria atrapalhar você no meio de... disso aí. – Era calma.

– Ai meu deus. – Carolina estava completamente envergonhada. Tentou limpar o rosto molhado com as mãos e se direcionou à porta. – Me desculpa, eu não devia...

– Tá tudo bem. Saúde mental não tem sido o forte de muita gente nos últimos... deixa eu pensar, há quanto tempo os homínídeos existem mesmo? – Acho que isso foi uma piada, ou pelo menos uma tentativa, mas nenhuma das duas riu. A desconhecida limpou a garganta. – Pode ficar se quiser, ninguém vem aqui. Helena, aliás. Não quem eu sou, isso seria um pouco mais complexo, mas é o meu nome.

Parando para pensar, tudo sobre aquele primeiro encontro havia sido estranho. Tudo sobre os outros também, mas pela primeira vez em muito tempo, Carol encontrou um pouco de conforto e amizade em sua vida, portanto, passou a não se importar muito com certos detalhes.

– Como você consegue ficar cada vez pior nisso? – A insistência do homem em ser desagradável, por fim, consegue puxar de volta a atenção da mulher. – Eu não peço muito, Carol. Passo o dia trabalhando e quando chego em casa só quero comer algo decente. Isso aqui tá

um lixo. O macarrão tá empapado, a carne tá sem sal. O que você tem feito o dia todo? Continua se lamentando pelos cantos da casa? Poderia pelo menos arrumá-la melhor. Eu estava pensando em trazer os caras do trabalho para assistir ao jogo aqui no domingo, mas nessa situação, nem isso eu posso ter. Você não presta pra nada. – Carol prestava atenção em cada uma das palavras, mas nada dizia além de desculpas, prometendo melhorar e todos os seis anos de casamento haviam sido assim.

Era uma sexta-feira. Como de costume, após o jantar o marido se sentava no sofá e bebia enquanto assistia à televisão. O cheiro forte de álcool inundava o lugar. Carol estava enojada daquilo, mas apenas continuou de pé em frente à pia. Estava quase acabando. O homem completamente bêbado, olhou ao redor da casa escura, quieta. Olhou para a mulher que não o olhava de volta. Alguma coisa errada em sua cabeça o fez pensar que o completo silêncio e face amargurada e cansada da mulher, de alguma forma o desejava. Então, se aproximou cambaleante e começou a esfregar seu corpo imundo em Carol, que o dizia para parar. Mas ele não parou, afinal, ela estava fazendo charme, não é mesmo? Não. Ela não queria e gritou a sua (falta de) vontade ao empurrá-lo com força. Ele gritou de volta, fez birra como um garoto mimado, a xingou de todas as formas. “O quê? Não era isso que você queria? Você quer outra filha? Eu posso meter outra em você, pra ver se acaba de vez com essa choradeira insuportável!”. Reclamou durante horas até cair de sono no sofá mesmo.

Mais tarde, já deitados, Carolina tinha certeza de que era um sonho. Sabia disso, pois, todas as noites o via e todas as manhãs ele desaparecia. Um lobo gigante de olhos vermelhos e pelagem escura. Mal conseguia vê-lo dentro do quarto, se não fosse por aqueles olhos famintos e brilhantes. Em todas as vezes, a mulher não conseguia se

mexer e apenas encarava a criatura, enquanto a mesma andava pelo cômodo. Mas ela não tinha medo, pois sempre, quando já estava quase amanhecendo, o lobo atacava. Nunca a ela e sim ao marido. Carol apenas assistia enquanto o animal arrancava com unhas e dentes a carne e as vísceras do homem deitado ao seu lado, enquanto o mesmo gritava de dor.

No entanto, naquela noite, o sonho foi diferente. Carolina tornou-se a besta sanguinária. Não esperaria o amanhecer, nem o lobo. Ela estava sentada em cima do marido enquanto ele dormia profundamente. Com uma faca, a mulher apunhalou aquele abaixo dela várias e várias vezes. O sangue dele se espalhava pelos lençóis e pelas roupas de ambos, enquanto um sorriso estampava o rosto de Carol. Quando olhou para trás, lá estava seu lobo. Ele se foi e ela o seguiu.

Sufocamento, envenenamento, esfaqueamento. Ultimamente Carol havia sido atormentada por pensamentos extremamente violentos quanto ao seu marido, sempre quando o mesmo estava perto. No entanto, nada havia sido tão vívido e concreto como o sonho da noite anterior. De madrugada, ela acordou confusa e suada. Olhou para o lado e ele não estava lá. Foi até a sala e o encontrou exatamente onde tinha caído bêbado de álcool e sono. Com certa dificuldade, o acordou e ajudou a se deitar na cama. Ela ainda podia ouvir os gritos, sentir o sangue quente e o peso da faca que havia usado para...

– Você tá calada hoje. – A voz de Helena a tirou de seus devaneios.

– Eu... tive um pesadelo. – Ela estava perturbada. Havia visto o lobo eviscerar seu marido várias vezes, mas aquela era a primeira vez em que ela era o lobo. Não literalmente. Estaria mentindo se dissesse que nada nela havia gostado da sensação, mas também não estaria falando a verdade se dissesse que havia gostado. – Por que sempre que venho aqui você não está trabalhando? – Tentou mudar de assunto.

– Não gosto muito de lugares iluminados e aproveito que minha presença é uma mera sombra para eles, assim, posso me esconder sem ser percebida.

– E ganhar dinheiro sem esforço?

– Eu não me importo com dinheiro, mas... digamos que a comida fácil me atrai.

– Então, você come.

– Não gosto de comer na frente das pessoas, acredito que a maioria, você inclusa, acharia... nojento.

– Eu sabia que você tinha algum complexo com comida. – Ela riu, mas logo sua risada desapareceu. Gostava da companhia de Helena. Costumavam conversar por horas todas as tardes e, quando começava a escurecer, voltavam para casa. Ou pelo menos Carol voltava. Imaginava que a outra também. Elas nunca conversavam muito, de forma explícita, sobre suas vidas e histórias. Não era por isso que Carol estava ali. Ela queria uma distração e, mesmo que seus diálogos acabassem se voltando para reflexões existenciais, o problema real, a fonte de sua dor nunca havia sido exposta. Sua vida estava uma bagunça e não importava o que tentasse fazer ou quanto tempo se passasse, nada parecia se resolver. Precisava de alguém para conversar e agora talvez fosse o momento. Lembrou-se dos sonhos, em especial aquele da noite anterior. Lembrou-se de tudo o que estava escutando ultimamente de seu marido e família, de todos os seus pensamentos recentes e, então, sem perceber, lá estavam as lágrimas que escorriam sem permissão. Aquilo chamou a atenção de sua amiga.

– O que aconteceu? Me conta. – Helena se sentou ao seu lado e aquela, assim como, qualquer demonstração mínima de atenção e carinho a fez se sentir emocionada.

– Tem coisas... acontecendo. A minha... – “A minha filha morreu”. Era o que Carolina repetia dezenas de vezes por dia em sua cabeça,

mas jamais havia sido capaz de dizer em voz alta. Engasgava com as palavras e as lágrimas tentavam escapar por seus olhos. Às vezes conseguiam. A mulher desviou o olhar, fitou o nada, apertou os lábios e balançou a cabeça ao abaixá-la. – A minha filha morreu. – Aí estava. Ela encostou a cabeça na parede, cruzou os braços e fungou. Seus olhos não focaram em nada específico à sua frente, assim, ficou por um tempo e Helena a esperava. – As mulheres da minha família me ensinaram muitas coisas e eu sempre fui grata por isso. Fui ensinada a cozinhar, passar roupa, limpar a casa, arrumar meu cabelo, usar vestidos, sentar igual mocinha, nunca responder, ser bonita, meiga, a garota perfeita para qualquer garoto imperfeito. Eu sempre fui grata por tudo aquilo que só me matou por dentro. De pouquinho em pouquinho. – Ali estava a face mais amargurada que Helena havia visto naquele doce e sorridente rosto. – Ele me mandava flores e bilhetinhos. Me elogiava. – Ela riu sem realmente sentir graça naquelas palavras. – Acho que quando a gente casa, o esforço deles acaba enquanto o nosso tá só começando. Eu nunca tinha me sentido tão sozinha. Aí a Manu veio. – A amargura deu lugar a um pequeno raio de felicidade. – Ela passou nove meses dentro de mim e os próximos três anos sem sair do meu lado. Ah, a risada dela enchia o lugar todo e nada importava mais do que aquela criaturinha. Eu só me preocupava se ela estava comendo certinho, respirando enquanto dormia, se ela... se ela era feliz comigo sendo mãe dela. Um dia ela ficou doentinha, levei ao postinho, horas na fila. O médico falou que não era nada demais, passou um remédio e nos mandou para casa. – Carol respirou fundo para continuar. – O meu marido tava complicado naquela época, quer dizer, ele é sempre complicado, mas ele ficava gritando e brigando e eu... eu não prestei atenção nela. Não prestei atenção que ela tava piorando e aí... – O nó na garganta a fez tropeçar de novo. – Foi como se não só meu coração tivesse sido arrancado, mas tudo o que eu tenho por dentro, tudo o

que eu sou. Literalmente e metaforicamente. Tudo o que eu queria era que ela fosse um nenenzinho de novo. Que coubesse em meus braços e que eu pudesse niná-la e afastá-la de todo mal que existe. Eu seria só pra ela e ela seria o meu mundo inteirinho. – As lágrimas escorriam por seu rosto. – Logo, completa um ano e eu sinto que tudo parou. Não consigo parar de pensar em tanto “se” e de me culpar por não ter prestado atenção, de culpar o médico por não ter dado atenção o suficiente, de culpar o meu marido por ser um babaca escroto e de culpar todo mundo por me fazer ser isso que eu sou hoje! – Seu tom de voz ia aumentando. – Essa pessoa, não, essa mulher! Esposa, mãe, dona de casa, submissa e só isso. Eu não existo fora de casa, fora dessas palavras. Eu sou... só isso. Não. Eu era. Agora, eu não sou nada.

Um abraço gelado a envolveu. Não há o que dizer. Palavras de consolo, assim como filmes, não resolvem problema algum. Assim, pensou Helena. Nada no mundo traria a pequena criança de volta para os braços de Carol.

– O que você quer fazer? – Helena desfez o abraço ao perguntar.

– Eu queria que o mundo todo pegasse fogo. Eu odeio que ninguém nunca me escuta e não escutariam mesmo se eu gritasse. Eu queria que alguém me ajudasse a levantar e que ele... – Ela pensou em seu marido. – Eu queria que ele sumisse. Ele, aquela casa e toda a minha dor. – Carolina apertava o tecido de seu vestido com força, mas relaxou ao perceber as palavras e riu. – Meu deus, isso é loucura. Me desculpa. – Olhou o relógio, estava na hora de ir, então, se levantou. – Obrigada, Helena.

– Pelo o quê? Eu não fiz nada.

– Você me escutou, às vezes é o suficiente. – Sua amiga não pensava assim. Carol recolheu sua bolsa e já estava de saída.

– Se eu quiser te visitar... serei bem-vinda em sua casa? – Ela precisava ouvir as palavras certas.

– Claro. – Carol sorriu com o rosto inchado. – Somos amigas, sempre será bem-vinda em minha casa.

Na tarde do dia seguinte, Carolina visitou o depósito, mas nada além das prateleiras e dos produtos de limpeza estavam ali. Ainda assim, entrou, se sentou com alguns bolinhos e esperou. Talvez Helena estivesse trabalhando. Ela esperou e horas se passaram, estava quase pegando no sono quando um funcionário desconhecido abriu a porta.

– Quem é você? O que está fazendo aqui? Essa área é somente para funcionários, vou ter que pedir que se retire agora mesmo.

– Oh meu deus, me desculpa! – Carol pulou do chão. – Eu sei que não deveria estar aqui, mas trouxe alguns... bolinhos para a Helena. – O rapaz a olhou confuso. – Sabe, uma moça um pouco mais alta que eu, pele pálida, cabelos escuros, um pouco ondulados, olheiras enormes. – Ela riu tentando parecer simpática. – Ela é funcionária aqui e pediu para eu esperar no depósito de limpeza, bom, aqui. – Parte disso era mentira, mas mal sabia ela que a outra parte também era.

– Hã? Não temos nenhuma funcionária chamada Helena com essa aparência. Ou talvez não mais, tivemos uma alta taxa de saída de funcionários recentemente, mas já estou aqui há algum tempo e tenho certeza de não ter visto ninguém assim.

O rapaz continuou explicando, mas Carol parou de ouvir. Na verdade, foi como se o som do mundo tivesse abaixado o volume. Ela não quis discutir mais, apenas aceitou e foi embora tendo duas certezas: a primeira era de que nunca mais voltaria ali e a segunda era de que estava completamente maluca. Andou até sua casa, sem nem perceber em que momento perdeu aqueles bolinhos, e ao chegar na porta, algo parecia estranho. Apenas uma sensação, um aperto no peito, uma onda de ansiedade. Por fim, entrou.

A casa estava escura e silenciosa, como se tudo ao seu redor, to-

dos os móveis, as paredes, as fotos, os insetos e até as luzes e sombras estivessem quietas em expectativa. Apenas o gemido longínquo ecoava pelo espaço. Carolina andou em sua direção. Seu coração batia rápido, mas por algum motivo ela não sentia medo. O cheiro de sangue atingia suas narinas e o barulho ficava cada vez mais alto ao passo em que se aproximava do quarto. Parou em frente à porta. Respirou fundo ao segurar a maçaneta, a girou e lá estava ela.

Os cabelos escuros desciam pelos ombros e pelo rosto suado. Não, pelo rosto ensanguentado. A expressão em seu rosto era quase nula. Os olhos vermelhos a encaravam e os lábios de onde escorria o líquido vermelho não lhe direcionavam palavra alguma, mas aqueles olhos fundos... O vazio daqueles olhos era capaz de engolir tudo. Ela os conhecia e podia ver ali o seu próprio reflexo.

O homem estava no chão, o corpo mole, o sangue que saía de sua cabeça manchava o piso e o tapete. Ele falava algo que soava como um sussurro. Não, como um zumbido incômodo nas orelhas da mulher, mas ela não prestava atenção em nada se não em Helena que permanecia parada ao lado do homem, segurando um martelo. Ela a olhava. Carolina andou até ela e quase em um transe ou apenas uma curiosidade insana, tocou o rosto ensanguentado da outra.

– Você existe. – Carolina sussurrou. – O que você fez?

– O que você me pediu para fazer tantas vezes. Em cada um dos seus sonhos e em todas as nossas conversas desde que nos conhecemos. Você quer que tudo isso desapareça e eu posso fazer isso para você. Somos amigas, não somos?

– Isso... isso é errado.

– Por quê? O ser humano mata desde que veio ao mundo e ele provavelmente faria o mesmo com você, era só questão de tempo. Mas agora, você pode fazer com que ele e outros nunca mais machuquem de novo. Ou a qualquer outra pessoa. – Helena segurou as mãos trê-

mulas de Carol e ali colocou o martelo. – Eu vivi séculos. Eu já vi, fiz e vivi coisas que você acharia horríveis, Carol. Eu pensei que nada poderia valer a pena, mas nada vale mais a pena do que isso. – Ela andou ao redor da mulher e segurou em seus ombros enquanto a outra encarava assustada o corpo ferido de seu marido que chamava choroso o seu nome, pedindo por ajuda. – Você me lembrou do porquê de eu ter virado isso que eu sou hoje. Eu posso te ajudar. Posso me livrar das coisas que a deixam fraca.

– Não, eu não... – Carolina chorava confusa.

– Se lembre de todas as coisas que ele fez a você. De tudo o que ele te tirou e te forçou, de tudo o que ele e todas as outras pessoas a impediram de ter e ser. Nunca se importaram de verdade com o que você sente. Sinta essa raiva! Esqueça tudo o que lhe ensinaram sobre certo e errado, pois o tempo engole tudo e nada mais importa. Você pode pegar à força a vida que nunca lhe foi dada ou sequer prometida. Pela primeira vez, sinta o que é ter poder que eles sempre tiveram sobre nós!

Cada uma das palavras de Helena tinha efeito em Carol. Ela a pediu que se lembrasse, que sentisse e ela assim o fez. Uma vez, a mulher teve sonhos, expectativas, vontades e todas elas foram abafadas. Nada sobrara, não havia nada para perder que já não estava perdido. Seu maior desejo era que tudo aquilo desaparecesse, então, que assim seja.

Com um grito, há muito tempo engasgado na garganta, Carolina se deixou levar pelas palavras da pessoa, não, da criatura, ora real, ora sonho, ora delírio e com o martelo descarregou todos os anos de repressão, sofrimento, agonia e desespero em cima do que agora era apenas um corpo em seu quarto. A partir daquele dia, não teriam mais domingos de futebol com os colegas de trabalho. Pelo menos não naquela casa e muito menos com o homem com quem a casaram, pois nem ele, nem a casa existiriam mais.

As chamas tomaram de conta daquele corpo e daquela casa sem vida. O tempo engoliria tudo. A casa, o marido e toda a dor. E ninguém nunca mais machucaria Carolina.



Aqueles que habitam as tripas do mundo

CAROLINE REGIS

O que você tem em mãos é uma última tentativa desesperada. Disseram-me que você estaria aqui, e que ouviria. Agarro-me a essa possibilidade como uma criança se agarra ao seu brinquedo preferido no primeiro dia de aula. O medo é um sentimento primitivo, afinal de contas, porque, mesmo depois de tudo, ele ainda corre pelas minhas veias. Acontece que o mundo ao meu redor, o mundo como eu o conhecia, virou do avesso e me deixou do lado de fora. Me encontro frente a frente com as tripas do mundo. Mas estou me adiantando. Contarei minha excruciante experiência logo menos, com uma riqueza de detalhes digna de uma vítima. Preciso respeitar a ordem dos fatos – foi o que me aconselharam. “Tente se lembrar de tudo”, eles disseram. Pois bem.

Lembro-me da minha esposa desfigurando nosso apartamento. Parado à porta de entrada, tinha uma visão ampla da sala de estar e um vislumbre da cozinha, cada centímetro tomado pela fúria daque-

la mulher de um metro e sessenta, seu próprio rosto desfigurado em tons de preto e vermelho. Ela gritava, chorava e amaldiçoava. Eu nada pude fazer; não há homem páreo para a ira de uma mulher. Dando um passo atrás, fechei a porta de entrada e me sentei com as costas para a parede oposta. De olhos fechados, me concentrei na orquestra de destruição conduzida por aquela mulher dolorosamente talentosa.

Você há de concordar quando eu digo que certas experiências são necessárias para que mudemos nossa perspectiva sobre as coisas. Minha experiência veio em forma de conflito, minha esposa em prantos e a porta do nosso apartamento brilhando em verniz, mas extremamente esburacada. Me custou um coração partido para que eu visse que aquela porta precisava de um reparo. Veja, o mundo é um lugar surreal: ele te dá alguns anos, o suficiente para que você aprenda a andar e se comunicar, até que um dia, sem aviso prévio, você precisa acordar antes do sol se não quiser passar fome. É no meio dessa jornada exaustiva que perdemos os cupins rasgando nossa porta da frente e os filhos crescendo e trocando os dentes.

Sentado ali, queria que as rachaduras na porta fossem suficientemente grandes para que meu peito descolasse de mim e fosse de encontro ao dela – a moça irada do lado de dentro. Talvez daqui a uma centena de anos, quando a física quântica estiver madura, esses poucos centímetros bastem. Mas é tarde de uma noite de domingo, a quântica está chapada em algum bar e eu sinto muita falta do amor de minha mulher.

Uma procissão de rostos desconhecidos passa por mim. Daqui de baixo, consigo ver suas papadas enormes e eles parecem até peixes de olhos esbugalhados. Nenhum deles dirige-se a mim, contudo. Eu devo ter feito algo terrível. Quando entram no apartamento – no meu apartamento – conseguem acalmar a fera que tomara o lugar de minha esposa, restando apenas soluços abafados e suspiros.

Como eu disse algumas linhas atrás, o mundo é um lugar surreal. Não faz muitos anos desde que deitei meus olhos naquela mulher pela primeira vez, e de repente vivia para ela. Necessitava dela como nunca necessitei de nada. Estava disposto a assistir todos os filmes em alta naquela década de 90, mas também ia à locadora duas vezes na semana atrás dos que não estavam tão em alta assim. Cheguei a assistir três daqueles filmes em preto e branco e sem falas. Eu só queria uma desculpa para puxar assunto com ela. Os dias iam ficando angustiantes e dolorosos à medida que eu ia percebendo que, mesmo tendo um acervo gigante de filmes pop e cult, faltava-me a coragem. Igualmente angustiante foi perceber que gastei horas da minha vida em filmes que eu sequer me interessava a troco de nada. Ela estava muito distante, parecia viver num mundo inalcançável. Ainda assim, houve uma terça-feira cinza-escura e fria. Manteve-se assim até umas 15h, porque às 15h10 ela apareceu no parque atrás do prédio onde eu morava, tirou um cigarro vermelho da bolsa e resmungou:

– Se o Palmeiras continuar nesse ritmo, é melhor Luxemburgo começar a entregar uns currículos. – Dito isso, deu uma tragada demorada e olhou para mim com um sorriso de canto.

Eu não fazia ideia de quem era esse tal de Luxemburgo, também não sei o que ela quis dizer com “entregar uns currículos.” Futebol! Mulheres não gostam de futebol, pensei. Mas eu também não gostava, isso faria de mim uma mulher? Não sabia como responder o sorriso dela, então comprimi meus lábios e ergui as sobrancelhas, um “pois é” silencioso e secreto. Era uma tarde quente e bonita, e eu estava muito nervoso. Ao meu lado, ela falava sobre a situação do futebol carioca, sobre como era difícil sentir-se segura em uma arquibancada e como os técnicos estavam cada vez menos profissionais. Eu fingia que entendia e aceitava sempre que ela me estendia um cigarro. Eu sequer fumava àquela época, mas queria me sentir tão descolado quanto ela.

Ela pediu desculpas por falar demais, e eu me senti mal por ser tão prosaico. Comecei a jogar informações aleatórias sobre os filmes que assisti em sua homenagem, aqueles que eu odiei, e ela acenava em silêncio. Contou-me que não tinha um filme preferido, mas que gostava de assistir Looney Tunes na TV, e eu fiquei feliz por isso. A tarde se desenrolou suave e sem pressa, combinamos uma cerveja para a semana seguinte, à noite o vento corria em rajadas.

Os dias em que jogamos conversa fora não demoraram a passar, e logo conseguimos alcançar a parte mais central um do outro. Do que você tem mais medo? Qual sua maior perda? O que você faria com um milhão de dólares? Com ela eu encontrei respostas para perguntas que eu nem sabia que me interessavam. Assistimos a alguns filmes juntos e, no meio de Eraserhead, admiti que só assistira a esses tipos de filme, lentos e em preto e branco, para chamar sua atenção. Ela achou a ideia extremamente boba e me beijou com muita vontade. Foi nosso primeiro beijo, lento e em preto e branco, porque estávamos na penumbra do meu quarto. Passamos horas deitados sobre nossas costas contando detalhes dos nossos últimos anos, rindo aqui e ali. Foi uma noite decisiva porque me fez perceber o quanto eu sentia falta de momentos assim, um quarto escuro com uma pessoa que emana calor ao seu lado. Eu falei isso em voz alta, falei estava contente, mas que, apesar disso, ainda sentia uma tristeza absurda, e ela disse que entendia e se sentia do mesmo modo. Ficamos em silêncio por uns minutos e assim selamos nosso pacto.

Alguns meses depois, mobiliamos um apartamento juntos, e é a porta desse apartamento que se abre agora, lentamente, deixando escapar a tal moça, magra e cansada. Ela flutuou até a sacada no fim do corredor, sacando um maço de cigarros do bolso no caminho. Consegui me levantar do chão com mais esforço do que eu achei ser necessário, não me lembrava da aterradora solidez das coisas, tanto

tempo ali sentado. Me esgueirei ao seu lado no parapeito, sem tocá-la, pois não achei que fosse merecedor. Seus momentos de solidão sempre foram sagrados. Cara, ela ficava linda à beira da janela da cozinha, mesmo que fosse três horas da manhã e precisássemos acordar cedo para o trabalho. Algumas vezes ela precisava daquele tempo para pensar, como quando foi demitida ou quando sua mãe morreu. Outras vezes, só precisava de um tempo e espaço confortáveis o suficiente para sentir, destrinchar algum sentimento, fosse bom ou ruim. À beira do parapeito, seu maço estava surrado, provavelmente era aquele que ela guardava num lugar secreto, o maço de emergência. Sua tristeza era visível e quase palpável, seus olhos cansados estavam pretos ao redor, e sua mão pendia displicentemente da beira do parapeito.

– É bem do seu feitio, sabia? – ela disse. – Sair de cena assim, sem uma despedida ou um agradecimento. Você só apaga as luzes e fecha a porta, como um covarde.

Eu abaixei minha cabeça e olhei a cidade sob nossos pés; o domingo à noite é cruel e solitário. Poucos carros, poucas pessoas, pouca fruição de vida. Continuei ao seu lado enquanto soluçava, uma mão apoiava sua testa e a outra ainda pendia da sacada, segurando o cigarro. Acho que ela deixava as pontas em brasa caírem na calçada de propósito, com sorte acertaria a cabeça de alguém. Deixava suas lágrimas quentes caírem sobre meu pulso de propósito, com sorte me trariam a cura. Mais uma vez me senti limitado pela matéria, não conseguia mover um músculo, esboçar o mínimo gesto que remetesse a algum consolo, não conseguia reagir ao peso de suas lágrimas. Pelo contrário, senti vontade de chorar com ela, mas até nisso a matéria me falhou. Quando senti algumas palavras subindo pela minha garganta, ela já não estava mais ali. Refazia seu caminho pelo corredor, esquecera o maço de cigarros sobre o parapeito. Guardei-o no meu bolso e apoiei

meu corpo dolorosamente pesado no muro fino que me separava do asfalto limpo das ruas de domingo.

Deixei que as lágrimas secassem sobre meus pulsos e rezei pela cura. Não sei rezar, contudo. Me sinto mal pensando num deus atarefado, ocupado demais com problemas importantes, subitamente parando todo o seu trabalho para ouvir meus apelos futilmente mundanos. Mas eu rezei mesmo assim. Olhando para meus pés, tentando esconder a vergonha, pedi que cuidassem de minha esposa, que a fizessem parar de fumar e que um dia me perdoasse. Pedi que salvassem minha pele, mostrei minhas cicatrizes e como elas estavam fétidas, queria que elas se fechassem e parassem de coçar tanto. Não tinha nada pelo que agradecer, e a consciência disso me deixou muito melancólico e irado. Por que eu me compadecia de um deus ocupado que nem tem tempo de me dar algumas graças? Sabia que poderia estar sendo mesquinho, o que me deixou mais envergonhado ainda, mas não me importei, já fiz casa em tantas emoções mesquinhas.

Passava das 23h quando meus olhos começaram a pesar, confirmei pelo relógio de parede pendurado ao lado das samambaias. Não comia desde o meio-dia, mas não sentia fome, somente esse cansaço, essa vergonha e essa vontade de gritar. Entrando no meu apartamento, a sala estava escura, havia certa penumbra causada pela luz alaranjada que vinha da cozinha. Dali conseguia ver minha esposa sentada à mesa, de costas para o restante do apartamento, cabeça baixa e cabelos soltos. Ao seu lado, sua irmã segurava sua mão, encarava o relógio na parede oposta, impassiva, um cigarro na outra mão. Se a conheço bem, estaria com a cara fechada e se perguntando por que a irmã tem que ser tão dramática.

Fechei a porta com um suspiro e peguei meu caminho para a direita, para o corredor que leva ao nosso quarto. A luz estava apagada, não queria acendê-la e atrapalhar as moças na cozinha. Fui cami-

nhando lentamente, meus passos não causavam ruído. Sempre gostei de entrar e sair despercebido dos lugares em que passava, como uma barata de esgoto. Nosso quarto ficava atrás da última porta, à esquerda. Nunca usei psicodélicos, mas o que senti à medida em que me aproximava do cômodo só podia ser descrito como uma viagem em ácido. Eu sabia onde estava, conhecia aquele ambiente, conhecia as pessoas sentadas à cozinha, mas não conseguia dizer onde os outros acabavam e eu começava. Senti como se meu corpo fosse muito pequeno, todas as minhas extremidades latejavam e eu questionava-me se combustão espontânea realmente existia. O tempo dobrou-se sobre si mesmo algumas vezes e deu algumas cambalhotas, até que finalmente cheguei à maçaneta, ainda com bastante medo de queimar em chamas.

Um caixão foi a primeira coisa que eu vi. Tinha um caixão no meio do meu quarto. Ele era feito de madeira escura e envernizada, e eu o via na cor preta ali da porta. A pior parte sobre a presença de um caixão no cômodo não é o defunto, mas sim aquela tampa colossal posicionada na vertical na parede mais próxima. A tampa estava ali, prostrada como um guarda-costas ao lado do pedestal que segurava o caixão. Eu devo ter bebido muito para esquecer a morte de alguém, foi o que pensei naquele instante. Envergonhado com toda a situação, o desdém de minha mulher e minha provável embriaguez, me aproximei do objeto com as mãos para trás. A cada passo relutante, o tempo voltava a se comportar de um jeito esquisito, e minhas têmporas forçavam meus olhos a revirarem para trás. Nunca me senti tão consciente de meu próprio corpo como nesses poucos segundos que distanciavam o caixão de mim. De repente, tinha total noção do espaço que ocupava no mundo, o limite onde eu começava e todo o resto acabava.

Perdi os sentidos subitamente, justo quando chegava ao ápice daquele sentimento estranho de autoconhecimento, e quando acordei o

quarto estava lotado como nunca. Pessoas que eu não conhecia, pessoas vestindo branco e azul, algumas de preto e roxo. Todos de aparência muito séria, cercavam o caixão e pareciam concentrados numa tarefa muito difícil. Entre todas essas pessoas, criando um contraste triste e meio patético, estava minha esposa e sua irmã, ambas vestindo regata, short tassel e chinelo. Enquanto me levantava do chão frio, onde caíra como uma fruta madura, fui percebendo que a matéria já não pesava tanto, meus movimentos eram fluidos e meu corpo me comportava bem.

Me aproximando por trás, apoiei o queixo sobre os ombros daquela mulher, como fiz tantas vezes, e vi a mim mesmo deitado no caixão. Então era isso que me aguardava, essa visão? O toque do seu ombro sob o meu queixo era como milhões de borboletas voando de cima para baixo e de baixo para cima. Eu a sentia tremer e soluçar de forma cada vez mais intensa à medida em que eu ia tomando ciência do que aquele corpo no caixão significava. As pessoas ao redor sorriam para mim, não para o meu corpo no caixão, mas para meu corpo presente naquele quarto, aquele de pé apoiado na pessoa que eu amo. Pela primeira vez alguém se dirigia a mim desde aquele momento fatídico, mesmo que de forma silenciosa.

Essas pessoas perceberam meu desespero e meu desalento. Eu estava desorientado porque de repente passei a ocupar o espaço do “não ser.” Elas me disseram que eu havia desencarnado, e essa palavra por si só não fazia muito sentido para mim, apesar de já tê-la ouvido algumas vezes, esporadicamente. Como mantive a expressão de confusão, tiveram que ser mais diretos: “você morreu.” Por mais absurda que fosse aquela ideia no momento, explicava muita coisa. Fui juntando as peças até chegar num beco sem saída, onde tive que admitir o fato para mim mesmo.

Tudo isso acontecia diante dos olhos de minha esposa e minha

cunhada, mas duvido que elas percebessem alguma coisa. Queria que a mulher que eu amo percebesse o buraco que se abria no meu peito, como ele infestava de tristeza e ódio tudo ao redor, como uma praga. Tudo, menos as pessoas vestidas em roxo e azul. Elas se mostraram complacentes e – apesar do mau cheiro e das larvas que escapavam pelo meu mais novo buraco negro torácico – não se esquivaram nem olharam feio. A gentileza que emanava de seus olhos era tamanha que fui lançado em meio a um pranto desesperado. Não suportando o peso de toda minha dor, deixei-me cair e ali fiquei, como uma criança, lamentando por toda a miséria que há no mundo.

Mesmo daqui, tenho medo de exagerar. Toda dor parece inédita e fatal, mas é assim que ela se mostra, então assim a escrevo. Talvez eu tenha a habilidade de arrastar as pessoas para o fundo do poço. Mesmo fazendo isso com tanta maestria, juro que não é minha intenção. Durante muitos anos, eu ouvia MPB, os atuais e os antigos, e não sentia nada especialmente grave. Não tinha vontade de mostrar as músicas a ninguém, nem a você. Não queria compartilhar esse momento, era tudo meu. A liberdade. Mas agora, deitado no chão frio do nosso quarto, eu me isolaria no fundo da caverna mais funda para lhe escrever um poema de dez linhas que fizesse seu coração bater mais forte.

Uma das pessoas desconhecidas vestia um terno roxo com listras brancas, muito bem alinhado, sapatos lustrosos e um lencinho na lapela. Seu cabelo era baixo dos lados e atrás, liso e de um tom de laranja que não existe na natureza. Seus olhos eram bem azuis, mas uma pupila estava sempre mais dilatada que a outra. Ao meu lado, ele ouviu minhas lamúrias e sentiu o cheiro de minhas feridas sem reclamar.

– Não é culpa de mais ninguém senão minha – eu disse, ainda naquele estado ridículo de desespero – se hoje estou assim. Contamino tudo e todos com minhas feridas incuráveis e meu rosto nem arde por

conta disso. Encontro uma mulher bonita e legal e a desejo com cada fibra do meu corpo, mas só até ela estar em meus domínios. Depois começo a beber gim todos os dias, tranco-a do lado de fora de mim mesmo e, certo dia, sou eu quem estou preso do lado de fora. Sou eu quem está deitado nesse caixão.

O homem de terno roxo sorria para mim, e seus dentes eram tão pontudos e irregulares. Tudo isso lhe dava um ar meio reptiliano, o que eu achei engraçado por alguns segundos, mas não tirava nem um pouco do seu charme. Quando consegui me desvencilhar de seu sorriso, percebi que sua mão esteve apoiada no centro de minhas costas esse tempo todo. Se eu me concentrasse, poderia sentir eletricidade saindo da ponta de seus dedos, pequenos choques percorrendo minha espinha. Sem emitir um som, ele me desejou boas-vindas. Me falou que sabia pelo que eu estava passando e que entendia tudo que eu disse e o que eu não disse.

– Boas-vindas e boa sorte – eu ouvia sua mensagem silenciosa dentro de minha mente. – Sentimos muito pela nossa chegada abrupta e por não nos apresentarmos antes. Sempre estivemos por aqui, acompanhamos seus passos, te demos coragem e força quando necessário. Vimos você tropeçar e errar com pessoas queridas, e aí demos coragem e força a elas. A carne humana é mesmo uma bagunça. Boas-vindas e boa sorte.

Enquanto processava a mensagem, percebi que o buraco em meu peito se fechava de fora para dentro. Uma espiral verde musgo borbulhava e fundia-se em si mesma, até que nenhuma larva saía dali e o cheiro fétido se transformara em lavanda. Apaixonei-me pelo homem que estava sentado ali comigo, mas de um jeito diferente. Era uma paixão que não precisava de toques, juras ou presentes, só um chão para sentar e um par de olhos. Da mesma forma silenciosa, perguntei se podíamos sair dali, não suportava mais ouvir você chorando, sentia

minha ferida ser rasgada a todo instante. Levantamos, eu e ele, e dei mais uma olhada em ti e nas outras pessoas que não conhecia antes de fechar a porta. Passamos pela sala de estar, a bagunça ainda estava ali, e fiquei imaginando quão grande uma dor deve ser para levar a uma destruição desse nível.

Na primeira noite eu acordei suando e tremendo. Foi péssimo, tive medo da ferida do meu peito se abrir de novo. O homem do sorriso reptiliano apareceu e me disse para lembrar dos nossos momentos bons com um sentimento de gratidão, mas eu só sentia uma saudade sufocante. Falei de você para ele, falei muito, espero que me perdoe por isso. Ele me fez entender que nada é bom o tempo inteiro, assim como nada é ruim o tempo inteiro. Mesmo aqui eu teria que me adaptar a esses sentimentos da carne.

O que nos traz ao momento presente e ao porquê de estar aqui, escrevendo tudo isso. Ele me disse que você estaria aqui e que ouviria. Deixei seu maço de cigarros de emergência junto dessa carta. Caso você não fume mais, por favor me perdoe. Faça uma pequena fogueira com o maço, veja os padrões do papel cartão se desmanchando em brasas e, se prestar atenção, verá o brilho resplandecente do meu sorriso, aquele que só aparecia quando eu colocava os olhos em você.

Eu sei que você é muito cruel às vezes e tenta manter tudo que é bom bem distante, mas não importa o quanto tente transformar todos os dias na mesma massa podre e triste, você não tem tanto poder assim. Mesmo contra sua vontade, o amanhã vai ser muito bom sim, ou, ao menos, melhor que o hoje, e isso já é o suficiente, não acha? Me falaram que um dos maiores júbilos da vida acontece quando você perde o medo de ficar sozinho. Desde o dia que te conheci, não sinto mais medo. Você emanava a força necessária para que eu continuasse em frente. Daqui tento te devolver essa força todos os dias. Às vezes você vai senti-la como uma brisa balançando seus cabelos ao meio-dia, ou

como um céu rosa e lilás após uma noite insone. Talvez, quando eu tiver me redimido por todas as dores que te causei, eu finalmente desapareça, abrindo-lhe espaço para novas pessoas, novas experiências e novos amores. Quem sabe dessa vez você encontre alguém apaixonado por futebol, desenhos animados e que não te troque por umas garrafas de vodca. Mas ainda é terça-feira, levante-se e passe seu café. Temos muito trabalho a fazer.



O rio-mulher ou a mulher-rio

RUBIA DE SÁ

– Sua identidade, por favor?

Identidade... Identidade... Meu Deus, o que devo responder?

Yara sentia-se paralisada. De repente, na sua cabeça, um branco, igual a aqueles que vinham nas aulas quando o professor fazia alguma pergunta difícil e ela simplesmente não sabia o que responder.

Identidade... Identidade... Qual será a minha identidade?

O pensamento agora a mil, ponderando os múltiplos significados dessa palavra, nas possibilidades e na mudança profunda que estava prestes a acontecer em sua vida. Ela continuava parada, boquiaberta e com o olhar vago diante da atendente, enquanto a fila atrás dela se estendia. Era início das férias escolares e as famílias se amontoavam rumo a destinos turísticos. Porém, para Yara era diferente e as férias demorariam a acontecer.

– Moça, por gentileza, preciso do seu documento de identificação para poder fazer o seu check-in...

– Filha, seu R.G.!

Ah! Era isso então! Nossa, onde estou com a cabeça!

– Está aqui. Desculpe a demora, mas me distrai.

A funcionária pegou seu documento com impaciência e deu continuidade ao processo. A mãe e o pai, com lágrimas nos olhos, despediram-se da filha, que entrou para o embarque.

A viagem até Barreiras foi relativamente tranquila. O avião era pequeno e, por isso, menos estável do que os maiores, com os quais Yara estava mais acostumada. Por isso, em alguns momentos, aconteciam solavancos. Porém, ela estava tão absorta em seus pensamentos, que mal os sentia. Seria a primeira vez que moraria longe dos pais. A empresa em que trabalhava há alguns meses, desde sua formatura em Administração, fez uma proposta para que ela pudesse auxiliar na abertura de uma filial na chamada “capital do oeste baiano”. Na verdade, ela não teve muita opção, porque ou aceitava, ou perdia o emprego, como seu chefe sugeriu na conversa que tiveram. Além de tudo, seu salário iria aumentar consideravelmente e ela também finalmente teria a oportunidade de ser mais independente de sua família.

Apesar de todos estes argumentos racionais, o coração da menina-moça doía. Gostava das facilidades de morar com os pais, sem ter que se preocupar em preparar as refeições, fazer as tarefas domésticas ou mesmo providenciar reparos de manutenção na residência. Tinha também seu círculo de amizades naquela cidade, com os quais esporadicamente se encontrava. E gostava de ir a teatros, cinemas, museus, shoppings... Lugares escassos, quando não ausentes, em cidade menores como a que iria passar a residir.

Ao chegar no pequeno aeroporto de Barreiras, foi recebida por um taxista enviado pela empresa, que a levaria até a sua hospedagem, com uma plaquinha que achou simpática, onde se lia “Seja bem-vinda,

Yara”. Inicialmente, ela iria ficar numa pensão no centro da cidade, enquanto procurava um lugar mais definitivo para morar.

– Quer dizer que agora você vai morar aqui em Barreiras?

– Sim... – disse Yara reticente, ainda se acostumando com a ideia e um pouco alheia à conversa, atenta às ruas e casas que, depois da descida da serra do aeroporto, começavam a surgir pelo caminho.

– E o que a senhora está achando da ideia?

– Ainda não sei muito bem, para falar a verdade. Tudo aconteceu meio rápido e parece que a ficha ainda não caiu, sabe?

– Acho que a senhora irá gostar daqui. É uma cidade receptiva e tem muita gente de fora, então você não vai se sentir tão deslocada.

– Que bom... – ela murmurou de forma pouco expressiva.

Talvez percebendo que a passageira não estava muito aberta para conversas naquele momento, o taxista silenciou-se. Chegaram à hospedagem, Yara avaliando que tinha sido muito perto, acostumada que estava a distâncias maiores nos deslocamentos em uma capital.

Antes de ela sair do táxi, o motorista fez questão de dizer que era muito importante que ela conhecesse o Rio de Ondas.

– Vi mesmo nas informações que pesquisei sobre a cidade. Talvez eu vá, um dia.

– Tem uma lenda aqui, que diz que quem se banha nas águas do rio, cria raízes e não vai mais embora.

Yara deu um sorriso desanimado, agradeceu e se despediu do rapaz. Um funcionário do estabelecimento a auxiliou com seus pertences, levando-os até o quarto. Após ter pesquisado bastante, ela decidiu que não levaria mudança para a cidade, porque os custos ficariam altos e, afinal de contas, não tinha muita coisa, praticamente tudo pertencendo a seus pais. Depois teria que conseguir encontrar um lugar para morar, com móveis, eletrodomésticos e toda a estrutura necessária. Seria mesmo uma nova vida e isso a assustava muito. Mas trata-

vam-se de detalhes para se resolver nos próximos dias, porque agora ela precisava mesmo era descansar.

Naquela noite, Yara sentia-se pequena no quarto modesto da pousada. Teve um sonho estranho, em que remava um barquinho na beira de um rio. De repente, o rio ficava enorme e ela pequena, minúscula. As águas a levavam para a direção contrária a que ela desejava ir, com uma força que ela não conseguia vencer com os remos, agora diminutos. Era terrível para ela a sensação de perder o controle!

Ela que, ao longo de seu processo de crescimento, foi aprendendo que o controle é o que nos traz segurança... Ela que foi assim, com as experiências escolares, com a faculdade, com as situações sociais, sendo treinada a dominar seus impulsos, seus instintos. Ela que achava que esta era a grande habilidade a se dominar em sua profissão: controlar os custos, controlar a receita, controlar os recursos, controlar os funcionários... Assiduidade, pontualidade, produtividade... A cabeça rodando... A falta de controle evidente na água que a levava de um lado para outro. Chega! Um grito na madrugada. Yara acordou sobressaltada. Não conseguiu mais dormir.

Os dias que se seguiram correram conforme o previsto. Conhecer o local em que seria instalada a nova filial, conversar com o chefe sobre as metas, planejar cada passo a ser percorrido nesse novo trabalho, começando da seleção da equipe, organizar sua rotina, conversar com a família por chamadas de vídeo. O sonho não mais se repetiu. Não como naquela noite, mas ele se repetia a todo momento na cabeça da jovem mulher. Foi tão real aquela sensação de se sentir tão pequena e vulnerável frente a algo que parecia imenso. Será que foi de verdade? Lembrou-se de quando era pequena e foi conhecer o mar pela primeira vez. O pai carregando-a nos braços em meio aquelas ondas que iam e vinham e ela solta, totalmente entregue... Que confiança era aquela?

Sentiu medo. Não sabia bem o que, mas algo estava acontecendo dentro dela.

– Vó, que saudade que estou da senhora! Não vejo a hora de terminar logo esse serviço e poder voltar pra aí.

– Minha querida, não seja tão ansiosa, aproveite essa oportunidade que a vida te trouxe de viver novas experiências. Você nem mesmo conheceu a cidade e já quer logo voltar? Aposto que nem tem saído para passear e gasta todo o seu tempo ou trabalhando ou pensando no trabalho, não é mesmo?

– A senhora me conhece mesmo como ninguém! Mas na verdade não tenho tido muito tempo para pensar em outra coisa que não seja o trabalho...

– Bobagem, o tempo é a gente que faz! E o rio, pelo menos isso você já conheceu? Pesquisei na internet, naquele site que você me ensinou a mexer, o Google Maps e vi imagens tão lindas. Das pessoas se divertindo em meio à natureza.... Quanto lugar bonito tem aí!

– Ainda não, vó, uma funcionária lá da empresa já me convidou várias vezes para eu ir acompanhando a família dela que tem uma chácara na beira do rio, mas confesso que tenho um pouco de receio de entrar em água de rio, sabe. Ainda mais com essa correnteza toda que tem aqui. Eu contei para a senhora do sonho que tive assim que cheguei aqui?

Yara contou o sonho para a avó, com os detalhes, ainda vívidos em sua mente. A avó silenciou por um tempo e, de repente, soltou um daqueles seus comentários misteriosos.

– Não se esqueça, Yara, que antes dos europeus invadirem essas terras, os povos ancestrais que aqui habitavam povoavam todo o território do que hoje chamamos de Brasil, inclusive aí em Barreiras, onde você está. Lembra do significado do seu nome, Yara? “Mãe d’água”, no

idioma Tupi-Guarani. Reconecte-se, minha querida!

E, sem que Yara pudesse tecer comentário algum sobre a proposta intrigante e perturbadora, a avó recomendou melhoras e desligou o telefone, alegando precisar cuidar de suas plantas. Yara tinha tido uma crise forte de cólica menstrual no trabalho no período da tarde, o que explicava a sua presença incomum naquele dia útil, em horário de expediente, no quarto da hospedagem.

Yara desligou o ar-condicionado, que ficava constantemente ligado enquanto ela estava no quarto, devido ao calor que fazia na cidade e, pela primeira vez em todos aqueles dias, resolveu abrir a janela. A vista dava para a praça da igreja São João Batista, a primeira a ser construída no município, como o funcionário da pensão lhe explicou um dia. Era final de tarde e raios de sol atenuados entravam iluminando o interior do recinto.

Ela se debruçou na janela para ver melhor aquela paisagem que, para ela, naquele momento, fazia-se nova, pelo ângulo e moldura ainda inexplorados. Seu cabelo, em cachos, pendia na lateral do rosto e, em composição com brincos, formados por hastes de flores, construía uma bela imagem. Quem passasse e visse a cena por certo se lembraria daquelas moças nas janelas retratadas pelos artesãos em esculturas singelas. Ainda mais que, em determinado momento, uma brisa suave e refrescante, dessas que não são muito comuns por interiores secos como Barreiras, passou, fazendo voar os cachos e saltar um sorriso de alívio dos lábios de Yara.

Da janela em que estava, Yara tinha a visão das árvores e dos pássaros, que retornavam para suas moradas, após sua jornada diária. Ela via as pessoas que passavam, os carros que iam e viam, a estrutura da igreja, com seus detalhes, o que incluía a imagem do cordeiro-santo na pilastra central, enfim, via a cidade viva, que respirava.

Ela não sabe se foi por causa daquele vento ameno, ou da cóli-

ca, que enfim se amenizara, ou se era porque estava de vestido leve e florido ou mesmo se foi por acaso. Mas era como se o tempo naquele momento tivesse parado, ela olhava para aquele cenário todo e, pela primeira vez, sentia-se parte daquilo. Sentia uma conexão estranha e singular com os passarinhos que cantavam, com as árvores que os abrigavam, com o vento que balançava os galhos das árvores, com o cordeiro frágil da igreja, representando a figura central daquela religião ainda predominante no país. Sentiu que, sim, tudo estava a todo momento se conectando, fora de si e dentro de si.

E pensou. Aliás, fez uma grande descoberta. Dessas que não se faz todo dia. Descobriu que talvez não fosse necessário controlar tanto e a tantos e a todo o momento. Que, ao invés disso, poderia ser possível trocar, dialogar, estabelecendo conexões que mostrassem novos caminhos.

É... Ela estava enfim apaixonada. E seu grande amor se chamava liberdade.

Os dias corriam, já completando 3 meses da chegada de Yara em Barreiras. Ela já tinha encontrado um apartamento mobiliado para morar. Sua avó, dona Jurema, veio para ajudá-la na organização do espaço, pois os pais estavam trabalhando e não conseguiriam tirar férias. Dona Jurema logo notou alguma diferença na neta, parecia mais leve e tranquila.

– Acho que tem um novo amor nesse coraçãozinho, hein?

A menina-moça nem desmentia, nem confirmava, afinal de contas era e não era verdade aquilo que a avó insinuava. Então melhor deixar assim, ao sabor da imaginação alheia. A liberdade estava mesmo tomando conta daquela antes tão enrijecida em suas posturas...

– Dona Yara, as listas já estão todas prontas. Já entrei em con-

tato com os fornecedores e peguei todos os dados para a confecção das notas fiscais. Ontem a noite acabei ficando um pouco mais aqui na empresa para fechar as planilhas de custos, assim, se levarmos algum trabalho para fazermos em casa nesse final-de-semana, conseguimos cumprir o prazo que estabelecemos para finalização do serviço. Sei que a empresa não paga hora-extra, mas, se não fizemos assim, o trabalho irá demorar mais do que o planejado e as coisas podem sair do nosso controle.

A mulher falava rápido, mal dava tempo de respirar. Yara ficou olhando-a por um tempo, os olhos cansados, com olheiras. Era a assistente administrativo que trabalhava diretamente com Yara. Assim como ela, era muito competente, engajada no trabalho, mas quando... Em que momento deixamos que a coisa tivesse chegado naquele ponto? Quando nos perdemos tanto de nós mesmos? Yara refletia.

– Sofia, fique tranquila. Não tem problema se precisarmos de um prazo maior do que o planejado para fazermos esse serviço. Eu conversei com o chefe, ele nos respeita muito e sei que irá compreender.

Era sexta-feira e Yara sabia que sábado seria a comemoração do aniversário da filha de Sofia.

– Saia mais cedo hoje, compense as horas extras feitas ontem. Você mereçe! Aproveite para organizar a festinha da sua filha.

Sofia olhou para ela com gratidão, os olhos agora mais vívidos, esperançosos.

Pouco depois, ainda naquele dia, o chefe mandou chamar Yara. Tinha uma proposta a fazer para ela. Havia outras possibilidades, dessas vez não era pegar ou largar, afinal de contas, ela era uma excelente administradora, a nova filial vinha dando bons lucros, mas ele achava que ela podia mais. Tinha surgido uma vaga para o cargo de gerência na sede da empresa na capital e ele logo pensou nela. Assim, final-

mente ela poderia voltar para a cidade grande, com seus shoppings centers, sua vida noturna agitada e onde também teria maior oportunidade de crescimento nos negócios.

Yara titubeou. E o seu novo amor, como ficaria? Disse para o chefe que precisava pensar... Melhor, antes disso, precisava resolver algo antes de tomar essa decisão.

– Para quando o senhor precisa que eu dê a resposta?

– Infelizmente, não temos muito tempo. No mais tardar, até segunda agora, quando o dono da empresa retornará da viagem da Disney com a família e precisamos já passar para ele como ficará estabelecido o novo quadro de funcionários.

Na verdade, considerando as circunstâncias que avaliava para tomar essa decisão, ela achou o prazo perfeito.

Yara tinha acabado de ler uma mensagem do WhatsApp de Sofia com uma pergunta-afirmação: “Você vem na festa da minha filha, né? Queremos muito que você venha”.

Com sinceridade, Yara desejava ir, porém, não podia, pois tinha algo inadiável para resolver, um encontro, que, ela ainda não sabia, mas iria mudar completamente a sua vida.

Yara ouviu a buzina e desceu correndo as escadas do prédio. Estava ansiosa. Tinha colocado o vestido florido, o mesmo daquele dia do encontro com a liberdade. Nos pés chinelos de dedo coloridos e levava seus pertences em uma bolsa de praia de crochê, que sua avô havia feito para ela. Na rua, o taxista, aquele mesmo que havia buscado ela no aeroporto da cidade no primeiro dia em que pisou em Barreiras. Ele sorriu, ao ver a jovem tão alegre, animada.

– Bem que seus colegas da empresa me falaram que a senhora estava diferente, mais leve, feliz. Dizem até que está namorando, mas

que ninguém nunca viu o dito cujo.

– Por favor, “senhora” está no céu – disse sorrindo Yara, sem tecer comentários sobre o suposto namoro.

– E aí, você vai encontrar com os amigos lá nesse restaurante na beira do rio? Bem que eu falei que você iria gostar de lá. Agora que já banhou no rio, não sai mais daqui!

– Na verdade, vou me encontrar com alguém especial... – comentou Yara, num tom de mistério, sem entretanto esclarecer que aquela seria a primeira vez que veria o Rio de Ondas em todos aqueles meses.

– Entendi! Então será um encontro com o namorado... Mas precisava ser assim tão cedo? Esse relacionamento está estranho, viu?

Yara se divertia com a situação toda, deliciando-se em atizar a imaginação daquele homem.

– Pois é, hoje será meu dia de me distrair!

Yara entrou no restaurante, que também funcionava como pousada. Foi recepcionada por um funcionário, que a indicou a área de banho e trouxe o cardápio.

– A senhora está esperando alguém? – perguntou o homem, num misto de curiosidade e perplexidade, ao vê-la só naquele lugar que por vezes reunia grupos grandes de pessoas. Ainda mais assim, tão cedo, o lugar tinha acabado de abrir ao público.

– Não, será somente eu mesma – respondeu Yara, sorrindo.

Ela pediu um suco de maracujá do mato, fruto que tinha conhecido ali na cidade. Quando este chegou, ela fez questão de saborear cada gole.

Resolveu que ia entrar na água. Não havia ninguém ainda comparilhando com ela aquele pedaço de rio, então seria o momento ideal.

Retirou calmamente seu vestido, ajeitou seus pertences no banco em que estava sentada, contornou a mesa de bar, que se encontrava a

sua frente e desceu até a beira do rio.

E como era lindo! Demorou-se um tempo apreciando o sol ainda leve iluminando aquelas águas límpidas, o movimento da correnteza, criando ondinhas, a vegetação ao redor, os insetos que circulavam, com suas asas brilhantes.

Por que tinha demorado tanto tempo?

Foi entrando aos poucos na água, que estava um pouco fria. Colocou as pontas dos pés, molhando um pedacinho das pernas, apoiando suas mãos em pedras na margem, ajeitando-se para sentar. Já assentada, sentiu um arrepio subindo a espinha, ao molhar um pouco de sua barriga e costas.

– Que delícia aquela sensação!

A correnteza passava pelo seu corpo, massageando-o, esfregando todas as suas partes, entremeando-se em todos os cantos do seu corpo. Foi então que ela resolveu deitar-se.

O rio passava pelos seus cabelos, fazendo desenhos na água com os fios revoltos. A água passou rápido no meio da parte de cima do seu biquini, fazendo a alcinha cair para os lados e revelando seus seios, desnudos. Não havia ninguém para vê-la assim, pois dentro do rio as ondinhas escondiam as suas formas. E ela gostou da sensação do seu torso nu, sendo massageado pelo rio voraz.

Naquele momento era como se o rio e Yara fossem um só e que nada mais existisse. Sua decisão havia sido tomada. Naquele dia, Yara fez-se mulher.



Reminiscências de uma noite de dança

JÉSSICA FURTADO

O céu e as suas cambiantes cores prenunciaram o anoitecer, quase que pronunciando, sílaba por sílaba, o trecho de uma bela canção através do som que só a fauna e a flora conseguem harmonizar. A Lua exibia um quarto-crescente, e o calendário gregoriano datava 19 de outubro enquanto o asteca predizia a véspera do fim do mundo. A natureza insinuava uma ode divinamente sinestésica que só não se fez infinita devido à convicção milenar de que nada é eterno.

Naquela noite, Jama foi tirada para dançar; usava um vestido branco, nitidamente à mão costurado, organicamente pensado, cujo tecido trazia à memória a leveza e o movimento dos cabelos longos da Vênus de Botticelli. Não calçava os seus pés, pois era o contato direto com a terra nativa que nutria o seu entusiasmo.

Ela mantinha em seu rosto a suavidade de linhas que somente a juventude proporciona, embora estivesse às vésperas de sentir na pele os saldos da atuação constante da gravidade. Seus olhos escuríssimos

em nada contrastavam com o azul cobalto do céu noturno, mas conseguiam exprimir a mesma vivacidade e luminosidade da paleta de Tarsila do Amaral. Os cabelos ruivos ostentavam a naturalidade de quem saíra de um mergulho no rio e penteara os fios enrolados com os próprios dedos, conferindo à brisa fluvial a responsabilidade de secá-los.

A moça não era aliada ao clima frio, às chuvas de dezembro, aos lugares pequenos com pouca incidência solar, e ao uso de roupas roxas; os três primeiros devido à óbvia melancolia intrínseca a eles, o último por mero capricho. Acreditava que o roxo não se ajustava bem ao avermelhado do cabelo e à palidez da pele, tinha a sensação de que a combinação deixava sua fisionomia com aspecto adoecido.

Dentre suas diversas paixões e curiosidades, destaco que ela amava os cajueiros e umbuzeiros, achava fascinante a maneira majestosa como os carcarás aterrissavam, era fã da sintonia da bossa tropicalista e do arranjo do jazz abraileirado, e tinha como preferida uma outra cor secundária: verde. Agradecia a Deus pela beleza da clorofila das plantas ser retratada em trajes diários.

Seu maior defeito - se é que se adjetiva como tal tamanha poesia que uma vivência humana é capaz de produzir por aptidão nata -, cumpre dizê-lo, era o saudosismo costumeiro que despertava dentro dela a cada passo que dava enquanto valsava.

Neste momento eu peço licença, rapidamente, para fazer um pequeno adendo: quando eu digo que Jama “valsava”, compreendam o termo com o devido teor poético que o acompanha. Sua dança não era a europeia à la “Danúbio Azul”, porque, apesar de linda, esta não retratava sua brasilidade (uma forma amena e nacionalista de afirmar que ela não tinha a menor noção de como compassar uma valsa). Um dia tentou adentrar o universo do ballet russo que Rubem Braga exaltou

em uma de suas crônicas, contudo não possuía a assiduidade que essa arte demandava, tampouco a disposição para a feitura de coques nos cabelos.

Nossa protagonista tinha o coração preenchido pelo som brasileiro, estimados leitores. Apostem que ela dançava forró, samba ou choro e comemorem a inevitável vitória.

Adendo feito. Prossigamos.

O defeito que Jama possuía habitava justamente na caça que ela mesma fazia à saudade, dependendo os cinco sentidos em suas lembranças para a extração de qualquer sentimento que fizesse o peito apertar e implorar pela volta a um tempo, um lugar ou a uma companhia agora inalcançável.

Considerem um cenário em que o rio São Francisco, após ter nascido na Serra da Canastra, percorrido o Nordeste e desaguado no oceano Atlântico, empregasse esforços múltiplos para regressar pelo mesmo caminho inteirinho, só por sentir falta da cabeceira. Era o que ocorria com Jama, criatura entregue à nostalgia dos feitos, das formas, dos aromas e dos sons, hora ou outra desafiando o curso puro da fluidez típica da vida. Aliás, foi imersa em seu maior defeito que as primeiras horas da dança de Jama desestabilizaram sua compostura.

A música ouvida fez menção à capital federal, então ela lembrou de Brasília, a cidade onde havia passado a infância e a adolescência, onde idealizava, quando criança, criaturas mitológicas emergindo do Lago Paranoá, ora salgado por Poseidon. Lá o céu noticiava, amiúde, o Sol de veraneio - ainda que estivesse em meados de julho -, como se ele clamasse por atenção tal qual uma manchete sensacionalista sobre uma figura afamada.

Lembrou-se que, na transparência criativa de sua inocência,

acreditava que os azulejos de Athos Bulcão eram águas salgadas transfiguradas e concretadas na parede da Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, que a ponte JK atravessava um oceano, e que a Torre de TV era um farol de onde era possível ver todo o Distrito Federal, porém só subiria ao topo quem soubesse de cor o Hino à Bandeira da nação. Precisamente por isso, aos oito anos de idade ela já havia o decorado juntamente com o Hino Nacional, o da Independência, e o da Proclamação da República, assim, não existiria possibilidade para o impedimento à sua subida. Cantaria todos ao faroleiro, iria ao alto e, de lá de cima, veria o planalto, descobrindo, finalmente, se a Asa Norte realmente estava na direção do ponto cardeal norte, numa asa do avião outrora arquitetado pra ser a nova capital do país. Também atestaria, de um ângulo perfeito, o motivo de ser impossível haver uma passagem secreta entre sua casa e a chácara dos seus avós: a distância.

Deixem-me roubar uma pequena parte do vosso tempo, mais uma vez, para atualizá-los sobre essa história da passagem secreta. Tentarei ser breve.

Jama poderia jurar, a partir de uma teoria inventada e nada física, que ambos os quintais – o da sua casa e o da chácara dos avós – eram divididos por um muro branco que ficava nos fundos de onde morava, bastava a ela descobrir qual tijolo apertar para a parede girar.

A menina, com todo o potencial persuasivo que tinha no auge dos seus seis anos, chegou a convencer um primo de que a passagem secreta era viável, usando o argumento de que os dois muros se pareciam muito e seriam, simplesmente, frente e verso do mesmo local. Para ela, isso não se tratava de obra do acaso – ou de algumas demãos de tinta branca que tornariam qualquer parede... digamos... branca!

Nesse dia, eles ocuparam a tarde com a tarefa de desvendar o

mistério e evidentemente não obtiveram êxito. Nossas crianças ignoraram o fato de que a casa estava localizada em Brasília, e a chácara, em Santa Rita de Cássia, no oeste baiano.

O defeito de Jama não deixou as lembranças estacionarem na criatividade infantil que recordara. Ela cerrava os olhos periodicamente enquanto dançava, tentando extrair da mente, à força da pressão que sua face produzia, o que pudesse fazê-la sentir muito, sentir tudo, sentir os fios das emoções emaranhando-se até surgir um novelo desmedido, feito de algo que se assemelhava a pedaços irregulares de linhas de meada centenárias, acumuladas sem qualquer cautela.

Memorou que Brasília, apesar de ter sido seu lar de amor, foi o leito da maior dor da sua vida, a morte daquele que foi a inspiração para sua primeira palavra falada e para o seu originário poema autoral escrito e recitado: seu pai. Ao invés de se apegar à existência dele na mente, Jama focou na ausência dele na contemporaneidade, nos cafés da tarde acompanhados de bolos de fubá, nas cantorias sertanejas enquanto viajavam ao interior da Bahia ou do Goiás.

Com as lágrimas impetuosas e os soluços contínuos, adveio uma súbita falta de ar. Seu corpo esmoreceu e ela correu com as forças que lhe sobraram, recolhendo-se às encostas da serra, sozinha, mantendo-se assim durante as próximas quatro músicas tocadas, assim como esteve durante os quatro anos subsequentes ao momento que a enlutou.

Aos 13 anos, Jama ainda ia com seu pai à despensa da casa, com medo de que existissem monstros debaixo das prateleiras. Ele caminhava à frente dela, empunhando um facão, prometendo que enfrentaria qualquer bicho que ousasse aparecer.

Aos 14 anos, eles ainda assistiam juntos os filmes de comédia e de ação da programação da televisão de domingo à tarde, emendando com a transmissão do futebol rubro-negro que frequentemente surgia em seguida.

Aos 15 anos, ela ainda pedia para que ele preparasse para o almoço a sua refeição favorita: arroz, carne moída com batatas, pimenta e farinha, que, por coincidência – ou tradição – também era a comida favorita dele.

Aos 16 anos, ela o viu numa cama de hospital, sedado, com todos os seus sentidos letargos, sem esboçar a feição conhecida de felicidade. Um dia depois, ela o perdeu, e na última vez em que Jama pôde beijá-lo na testa, seu coração já não bombeava sangue. Ele estava prestes a ser enterrado.

Era um coração repleto de humor, amor, tão rítmico que parecia a melodia de um samba de gafeira. Até o monitor cardíaco chorou alto ao notar o sumiço do batuque do peito daquele homem. O que poderia fazer Jama senão desmoronar?

A morte do pai tinha, para ela, o aspecto de uma lesão que marcava o rosto de fora a fora e que precisava ser tratada diariamente, em doses homeopáticas, caso contrário, o simples toque provocaria uma hemorragia incansável. A cicatrização era uma esperança distante; sob o alcance imediato restava somente a tentativa de evitar a inflamação ou renunciar a tentativa, deixando-se definhando.

Na noite que eu narro a vós, a lesão inflamou o bastante para fazer Jama se aterrorizar ao pensar na condição humana de todos aqueles que ela amava: todos são tão mortais quanto seu pai. Ela continuava sujeita a perdas súbitas que rasgariam manualmente a ferida ora aberta.

A mente era seu refúgio e sua tortura, seu protetor e seu algoz.

Passadas as quatro músicas, aproximou-se de Jama aquele que a tirou para dançar. Sem dizer uma palavra, ele estendeu a mão, e então ela se levantou com o suporte oferecido, entendendo que teria ajuda para retornar. Acalmou-se.

Subitamente a pseudodançarina questionou o repertório, aborrecendo-se com a sequência infinda de melancolia. É claro que ela amava todos os cantares ali ecoados, aliás, a seleção era dela, considerava-se apreciadora assídua de composições que extraíam da tristeza suas melhores consonâncias. O problema residia na falta de intercalação de teor musical que a própria havia feito. Para seu infortúnio, durante o baile não poderia ausentar-se para reordenar o que finalizado estava. Aguardou com ansiedade a vinda de versos alegres.

O revés se apresentou. Mais letras melodramáticas. Entregou-se ao que ouviu.

Lembrou-se de um amor antigo, daquele que chegou com um discurso meio Woodstock, falou da luminosidade da lua e da influência que ela exerce sobre as marés, da intensidade do verde de samambaias de varanda bem cuidadas, e de como a cuíca é a especiaria mais autêntica que tempera o samba. Tanto na sua recém formação quanto no seu fim, a sanidade padrão foi rejeitada nesse relacionamento.

Buscou na memória e concluiu que tudo poderia ter sido paz, ter sido afabilidade, tecido de linho fino trabalhado à mão, porém ele escolheu ser um ferimento causado por arma branca e, fingindo levantar a bandeira branca, declarou guerra. Sabendo dos ferimentos de alma que Jama possuía, fez com que eles sangrassem acintosamente. Entenda, ela não pediu a ele o tratamento, não cobrou a cura, só não desejava que ele fosse outro que aceleraria o processo autodestrutivo das suas células.

Não chorou; irou-se. Recordou a benquerença se transformando em temor, o verão convertendo-se em um rigoroso inverno, desses que destroem hectares de plantações, matam exércitos inteiros despreparados, tornam as ruas intransitáveis e as extremidades do corpo insensíveis.

Com licença para mais um acréscimo necessário.

Imagino que alguns pensem, de modo simplista, que Jama poderia ter virado as costas, embarcado num avião com o horário de decolagem próximo, sem passagem de volta, rumo a outro lugar em que a estação do ano fosse perene e aprazível, entretanto, elucido que a menina se apegou às miudezas oferecidas em época de internada, julgando-as suficientes para a sua permanência.

Os ossos doíam com o frio intenso, mas chocolates quentes e cappuccinos eram sempre entregues a ela. Dormia assustada com o barulho inquietante da ventania, todavia recebia vários livros de presente para que adentrasse à leitura e ignorasse o que havia ao seu redor. Era afastada do calor humano daqueles que amava fraternalmente, no entanto recebia belíssimas cartas de quem a jurava amor eterno.

Habitou-se a ser exposta a baixas temperaturas por aquele que a cobria com mantas macias.

O tremor disso movimentou o solo fértil e propício a desesperos da cabeça dela, irrompendo no chão, de maneira abrupta, pomares regados de desilusões amorosas, algumas irrelevantes, outras traumatizantes, o que engatou lembranças subseqüentes de todas as situações às quais tinha se submetido devido ao desconhecimento do seu autoamor.

Rememorou a dramaticidade de um término vivido quando ainda morava na capital. A brusca ruptura, antes de libertá-la, golpeou-a.

Naquele dia, após o abandono declarado, ela correu como um guepardo para alcançar o topo do prédio onde estava, rodeado de construções do século atual, e de lá de cima gritou com o ímpeto desesperado de um lobo que uivava ao ver sua alcateia sendo morta. Doía muito.

Ao olhar para baixo, deparou-se com o caos urbano frenético e sentiu-se sufocada com a vasta extensão da metrópole. Parecia um filhote indefeso à deriva de novos predadores, mas não, nem passou pela sua cabeça lançar-se daquela altura; sabia que a dor que sentia passaria em breve – e que o desleal que a deixou não valia o papel do jornal em que seria publicada a matéria sobre sua morte.

Deem-me o epíteto “exagerado”, mas tenho certeza que descreveriam a cena de igual modo se também tivessem visto o que vi.

Finalmente se fez animada quando ouviu um novo som: era a sua favorita de Luiz Gonzaga. Pela primeira vez, em toda aquela dança, a felicidade inundou seu corpo e transbordou pelos olhos. A peça central da memória foi a prima com quem compartilhou a infância nos períodos de férias escolares. O cenário dessas vivências é conhecido por vocês: a chácara dos avós em Santa Rita de Cássia.

Relembrou das tardes longas em que o tédio não tinha espaço para fazer parte da brincadeira, pois a imaginação das meninas nunca permitia a apatia. O quintal espaçoso, repleto de árvores convidativas para serem escaladas, também era fator determinante à impossibilidade da escassez da criatividade.

O pé de seriguela era o mais estimado porque, apesar de não ser alto como as mangueiras, fornecia muitíssimas opções de caminhos a serem seguidos quando o primeiro galho fosse pisado por quem subia nele. Tinha inúmeras ramificações, algumas mais resistentes que outras, mas quase todas hábeis para realizarem suas tarefas essenciais com a devida competência: dar deliciosos frutos, produzir folhas lindas e proveitosas para o chá, e sustentar aquelas garotas que não pesariam mais do que trinta quilos.

Comumente, uma delas corria até à cozinha, pegava o saleiro sem que ninguém visse e levava à outra que estava à espera, já entranhada na copa da amada árvore. Ali, penduradas, conversavam sobre tudo e nada, contavam piadas, inventavam histórias mirabolantes para impressionar, partilhavam os sonhos, fofocavam sobre os outros primos, e até discutiam devido às competições que formavam entre si – como na vez em que Jama se apressou, foi à papelaria do centro da cidade e comprou todo o estoque de adesivos de caderno da loja para que a prima perdesse em quantidade no quesito “quem tem mais figurinhas” –, tudo enquanto comiam seriguela verde com sal.

Luiz Gonzaga entra na lembrança no seguinte ponto: era um dos cantores que sua avó mais ouvia no rádio, e aquela voz ritmada com a sanfona alcançavam o pé de seriguela, arrematando a construção da recordação.

Com felizes e saudosos sentimentos, aquela madrugada desenrolou-se até se concretizar.

Naquela noite, Jama foi tirada para dançar pelo tempo. Bailou sob o luar com todas as suas reminiscências e seus arcaísmos a madrugada inteira, mas, ao despertar da alvorada, recompôs-se, retirou-se,

e levou ao cabide o vestido branco que amava. Compreendeu que, à semelhança do desabrochar da flor de mandacaru, bastava uma noite para que as suas memórias ardessem, pois isso poderia aliviar seu peito do frenesi diário que acabava fazendo com que ela esquecesse de tudo que a fabricou. Beirava a catarse.

Era aceitável, então, que as lembranças, em algum instante, fossem mescladas como níquel e cobalto, unidas o suficiente para dificultar a diferenciação entre o que despertava dor e o que promovia esperança, afinal, instante nenhum era infundável, e o tempo seria o encarregado de ajudá-la a cada passo.

Perdoem-me, acabei deixando de lado – se por desazo ou intenção, sintam-se livres para especularem sobre o adiamento do presente anúncio – uma informação importante que muito diz sobre Jama: seu nome foi retirado de *Cereus jamacuru*, denominação científica do mandacaru. Havia sido dado por sua mãe, uma autêntica amante da natureza e de seus detalhes minuciosos, que agradecia pelo canto dos pássaros ao romper da aurora e tinha como sua flor preferida a do mandacaru.

Na próxima noite de calor que passardes por um campo aberto, no meio do cerrado ou da caatinga, reparardes bem; repentinamente conseguirão observar Jama e o tempo. Eles dançarão novamente em algum momento oportuno.



O menino que virou rio

LUÍS HENRIQUE LOPES SILVA

Chico Sem Camisa queria muito pescar, então bateu à porta de seu amigo e o intimou, gritando:

– Gabiru! Oh, Gabiru! Bora pescar, rapaz! Os meninos lá em casa já estão se vendo.

Irritado, Gabiru gritou de dentro da sua casa:

– Primeiro que você nem tem filho, seu safado! Segundo que, uma hora dessa da noite? Vê lá, homem de Deus! Nem o diabo pesca essa hora.

Gabiru tirou o chapéu, coçou a cabeça pensativo e disse:

– Espie um pouco aí que eu tô indo pegar a rede.

Alguns minutos depois, Gabiru volta com a péssima notícia de que a rede estava furada e, assim, não dava para pescar. Porém, Chico Sem Camisa queria muito pescar, chega se coçava todo. Foi aí que Gabiru deu a ideia de pescar com linha e anzol, ele sabia que Chico só queria ficar no meio do rio proseando, então não contou pra ele que não tinha isca, não queria atrapalhar o ânimo do amigo. Os dois foram em dire-

ção ao rio. Chegando lá, Chico Sem Camisa pegou o pacote, os remos e entraram rio adentro. Enquanto remavam para o ponto de pesca, Chico Sem Camisa perguntou a Gabiru se ele sabia do ocorrido. Gabiru, espantado, perguntou:

– Que ocorrido?

Chico respondeu:

– O filho de finado Oinôtnã. Fiquei sabendo que ele morreu por essas beira. Menino bom, rapaz, nada de mal tinha, morreu logo afogado.

Gabiru olhou para o céu e sussurrou algumas palavras que Chico jamais esqueceria:

– Às vezes Deus dá de lavar as pessoas e acaba por afogar elas em seu contentamento. Chico não tinha entendido aquela maluquice que Gabiru tinha falado, estava visível em seu rosto a dúvida. Gabiru gargalhou do esforço que seu amigo estava fazendo para poder entender o que ele tinha dito e disse:

– Deixe de besteira, Sem Camisa. Dos dilúvios, chorar é o mais belo.

Foi aí que Chico ficou sem entender mesmo.

Os dois amigos já estavam no ponto da pesca, fazia quase uma hora que tinham jogado a linha na água e nem sinal de peixe. Chico ainda não tinha percebido que o anzol estava sem isca. É estranho pensar que logo ele, Chico Sem Camisa, o maior pescador da região, não tinha percebido que faltava o essencial. Conversava tanto sobre as coisas do mundo e as mulheres imaginárias dos seus sonhos que puxava e jogava a linha sem ao menos conferir. Numa dessas jogadas, percebeu que já havia se passado muito tempo. Achou estranho, pois, no dia anterior tinha voltado com a rede cheia e aquela noite nada. Foi aí que Chico Sem Camisa olhou para Gabiru e disse:

– Minha nossa, Gabiru. Não concebo! Não concebo, Gabiru! Não é possível uma coisa dessas.

Gabiru estranhou a preocupação de seu amigo e disse:

– Que foi, homi? Esqueceu de lavar os pés antes de entrar no barco?

– Não – disse Chico – Eu acho que pesquei os peixes todos do rio ontem com minha rede, porque só assim sendo para explicar o motivo de não termos pescado nada ainda.

Gabiru riu mais uma vez enquanto puxava a linha de dentro d'água, mostrou o anzol para Chico e disse como se fosse qualquer coisa:

– É que tá sem isca.

Chico franziu a testa, pegou Gabiru pelo pescoço e, nada que fosse machucar, chamou ele de rato safado. Gabiru, gaiato, disse a ele que antigamente que era bom, que era só cuspir na água que os peixes já pulavam no barco, hoje em dia todo mundo anda muito sabido, ninguém cai mais só porque tá molhado. Após alguns minutos de silêncio, o rio começou a se agitar repentinamente, as estrelas no céu piscavam e o vento balançou o barco. Chico Sem Camisa já sabia que Gabiru estava se preparando para contar uma história do jeito que só ele sabia contar. Gabiru começou num tom diferente do de costume, mas nada diferente do normal, pois Chico percebia que para cada história era preciso uma voz:

Era feliz de pedregulhos e risos abertos ao mundo. Tinha os passos curtos como quem não quisesse caminhar todo o caminho de uma só vez, para que, assim, fosse capaz de contemplá-lo em cada pequeno detalhe. Via os raios solares vindos do longínquo espaço, se queixava de não poder ser também um raio solar e isso o doía a ponto de se entristecer.

Aos domingos, sempre aos domingos, ouvia um cantar de galo madrugadeiro e se levantava para contemplar o grandioso galo madrugadeiro. Como por ali já estava, subia no muro do quintal de sua casa, aproveitava para ver o céu e nele as estrelas penduradas que,

vez e quando, caíam sobre sua cabeça. Morria de medo de que um dia uma dessas o atingisse. Ali ele ficava até se sentir aquecido pelo sol. Tinha uma ideia doida de que o dia só nascia no domingo se ele fosse aquecido pelo sol e, para ser, ele deveria estar lá, senão o sol, ao notar sua ausência, retornaria seu caminho e a escuridão reinaria sobre a face da terra.

O menino deixava que o sol lhe tocasse o rosto, que os raios pousassem sobre sua pele macia de criança e o enchesse de vida. Quando quente, descia do muro, sempre resmungando que gostava mais do tempo das cercas e das poucas casas, onde a natureza produzia insetos dos mais diversos e ele os observava, que era melhor para ver o dia e não tinha o trabalho de escalar muros. Ao tocar o chão do quintal, o menino se transformava, mas antes agradecia por poder ter mais um dia de galos madrugadeiros, estrelas caídas e quentura.

Transformado, o menino entrava em casa. Esperava todos acordarem para que ele pudesse ver em seus rostos a insatisfação de ter que acordar. Ele sorria por dentro, gargalhava por dentro, dava pulos e chorava de tanta infantilidade que havia em seu peito. Abraçava a todos, mas sempre por último à sua mãe, porque sabia que iria demorar de tanto abraço que daria nela, tamanho abraço daqueles braços pequenos. Nos braços da mãe, pensava sempre que queria guardar aquele momento em seu espírito eterno. Sabia que o tempo das coisas era limitado, por isso abraçava o máximo que podia e guardava a maior quantidade de informações para que a lembrança ficasse repleta de detalhes. Sentia o cheiro da mãe, a pressão em seu corpo, sentia o respirar de sua mãe, as batidas do coração, olhava-a nos olhos profundamente para que ela soubesse que ele sabia de tudo no mundo.

Tinha duas irmãzinhas, mais novas que ele: Poá e Paetê. Ele se sentia encarregado, por ordem da rainha, de protegê-las com sua vida

se fosse necessário. Corria sempre, corria longe. Gostava de ficar suado para que depois, escondido, fosse para o beco de sua casa abrir a torneira e tomar um banho de mangueira renovador. Sentava ao chão, deixava o sol novamente aquecê-lo até secar toda a água em sua pele e agradecia mais uma vez por aquilo que amava tanto. Entrava de fininho em seu quarto para trocar de roupa e agir naturalmente sem a represália dos adultos, depois, deitava no chão da sala, sentia o gelado, respirava.

Gostava muito de ouvir o rádio, mas aos domingos só passava a missa da igreja de sua cidade. Ouvia por gostar das músicas, mas achava muito triste toda vez que o padre oferecia o corpo e o sangue de Cristo e mais triste ainda por saber que, sem pena nenhuma, todos comiam com muita satisfação. Chorava silencioso por pensar em tamanha maldade e só parava ao ouvir os cânticos de preces, que era quando mudava os pensamentos pelo de acreditar que nada poderia ferir o Menino Jesus. Cantava alto algumas das músicas, mas silenciava na presença de algumas outras, porque acreditava fielmente que algumas músicas deveriam apenas serem ouvidas, em sinal de respeito a sua magnitude e beleza.

Mais tardinha, ia para a calçada de sua casa. Negava a companhia de amigos. Era domingo e ele queria estar sozinho. Comia com os olhos todas as coisas, maravilhava de tudo, deixava preencher-se com todas as cores e não piscava para não perder absolutamente nada. Seguia os pássaros no céu, as borboletas, as flores, o vento, as nuvens, o balançar das árvores, as pessoas que transitavam pela rua, tudo, nada escapava da sua curiosidade de criança. Algumas pessoas que passavam o comovia, “quanta vida perdida”, “quantos sonhos perdidos” ele dizia. Nunca conseguia conter sua tristeza diante das vidas abandonadas pelo mundo, dentro do próprio mundo. Não acreditava em Demos, mas se houvesse, isso seria o próprio Diabo. O abandono.

Caía a noite e ele se preocupava. Não conseguia dormir cedo, mesmo cansado. Vigiava tudo e estava sempre a postos para imprevistos. Sentinela. O medo invadia seu corpo pequeno. Tudo agora era muito escuro e vazio, apesar da poesia que pairava no ar e que sempre o cumprimentava, convidando-o. Ele era todo negação, não podia, não era tempo de poesia, era tempo de vigília. Talvez o homem, que traz pregado em seus olhos a amargura, em seu passos o ressentimento e em seu coração o desejo de transformar em cinzas a sua vida com a de todos à sua volta, fosse chegar a qualquer momento, com chamas em suas mãos, fumaça em sua boca e sede em seus olhos. O devorador de sonhos. Moloque.

Sentindo que sua chegada era breve, organizava os móveis da casa de modo a estar tudo preparado para um possível embate. Escondia os objetos cortantes ou tudo que pudesse ser utilizado para ferir alguém em algum canto que só ele poderia encontrar. Para amenizar a tensão que pairava no ar, punha músicas dançantes e divertidas. Fingia contentamento e alegria, dançava, fazia todos rirem. Sua mãe brigava com ele por ficar pulando nos móveis da casa, mas sempre se rendia. Poá e Paetê cantavam e dançavam juntas dele, davam-se as mãos, corriam, caíam. Mas ele sempre alerta, atento. Por dentro, seu coração disparava. Dançar era um modo de distensionar, porém, era também para disfarçar seu nervosismo quando ele não aguentava mais esconder.

Essa noite o devorador de sonhos não invadiu a sua casa, mas não se engane, Chico, lá também era a casa de Moloque, seu santuário, seu esconderijo. Todos foram deitar exaustos, o sono venceu a cantoria. Em seu quarto, o menino pensava indignado: Por que tinha de ser desta maneira? Por que, em todo o vasto universo, Deus o colocaria logo ali? Talvez fosse para proteger Poá e Paetê, sem contar com sua mãe, aquela a quem prometeu sempre zelar por seu bem estar. Quando che-

gava a essa conclusão, sentia uma responsabilidade enorme. A noite era vasta, o silêncio era vasto, mas nada era capaz de conter aquele sentimento.

Raiou o dia, denunciou o galo madrugadeiro. Ele ouviu. Acordou, mas não abriu os olhos de primeira. Respirou calmo. Deixava os ouvidos sentirem por primeiro. Ele era estranho como só poderia ser.

Era triste ter que pensar que uma criança teria que viver sob a dor de não poder ser criança e, quando se pode, é um disfarce, um descuido, um horror. Viver aquelas manhãs de esperança e medo era difícil para o menino sem nome.

Enxugou as lágrimas matinais e partiu. Era segunda, em seu rosto a indiferença a qualquer gesto que lhe aproximasse de alguém até ver a sua mãe, mãe sem nome também. Ele abria os braços, anunciando silenciosamente o mundo e acolhendo cada dor, cada alegria, cada lágrima, cada pessoa que ela precisou ser para poder chegar até ali com vida e força.

Poá e Paetê dormiam no quarto ao lado da cozinha. Poá se contorcia toda, parecia dar nó em seus braços e pernas que se entrelaçavam ao cobertor, lençol, travesseiro, era uma coisa de se admirar. Talvez em outro tempo tivesse sido contorcionista em algum circo por aí. Ao lado, Paetê dormia gentilmente, parecia gostar de desprender sua alma do corpo e sonhar, sonhar longe e profundo, deixando o corpo de lado, calmo e pousado em sua cama. Às vezes um pouco forçado, é claro, com a cara soterrada no colchão, marcando em seu rosto o prazer de dormir. Poá e Paetê eram quase gêmeas e só um detalhe importante as impedia: o fato de que nasceram com quase dois anos de distância uma da outra e, por obra do destino, não eram nada parecidas. Poá era forte e destemida, Paetê também era destemida, mas não podia quebrar uma unha que paralisava o corpo inteiro. Uma vez, ao machucar o dedinho do pé, chorou lamentando que não poderia caminhar e,

por isso, todos deveriam servi-lá. O menino achava aquilo engraçado e gargalhava sem parar até dar dor de barriga. Tudo era sempre lindo e poético para o menino e sua família, todos os dias.

Naquela segunda, ele não foi para a escola. Não tinha aula. Ele agradecia muito por segundas como aquela, porque os dias de aula eram puxados. Além de ter que ir e voltar sozinho em sua bicicleta, tinha que levar suas duas irmãs para a escola delas no período vespertino, pois Moloque sofria de má digestão e falava sempre que, depois de sua refeição do meio dia, não podia pilotar sua moto. O menino retrucava dizendo que era difícil ter que carregar as duas, mas não adiantava, Moloque tinha ordenado e quem seria besta de contrariá-lo?

O menino pegava sua bicicleta, colocava Poá na garupa e Paetê no quadro. Mandava se prepararem para a partida, ligar motores, apertar cintos de segurança, segurar mochilas e vai! Era o que ele gritava antes de sair com toda velocidade de cima da rampa na calçada de sua casa. Pelo caminho, o menino ia subindo e descendo as rampas, cortando a areia das ruas, subindo e descendo calçadas. Poá e Paetê adoravam aquelas tardes de vento no rosto, elas só não sabiam que ele, o menino, só fazia aquilo para que elas soubessem que não era problema levá-las para a escola. Ele adorava, o ruim era só o cansaço acumulado durante a semana. De segunda à sexta-feira as tardes de meio dia eram assim. Chegou um momento que ele não mais reclamava, de nada adiantaria, é preciso fazer o que tem de ser feito.

O sol apontava no céu o horário das seis. O menino rezava, uma vez ele ouviu dizer que no céu, às seis da tarde, a Virgem Maria reunia todos e fazia suas preces pelas almas perdidas no mundo, para que encontrassem algum rumo de ter com ela no céu sua comunhão ao fim da vida, para que tivessem consolo agora e na hora de sua morte. Ninguém sabe de onde o menino tirava esses pensamentos, mas se sabe que ele muito acreditava.

Aquela noite de sexta-feira não era igual às outras, estava muito calma. O menino pressentia, um arrepio que principiou em sua cabeça e tomou o corpo todo. Estava muito calmo e havia uma estranheza em seu rosto. Era sexta-feira, o dia mais amaldiçoado da semana. Nenhuma calma dessas sextas-feiras podem ser reais. Um sinuoso silêncio rondava pela casa e não importava o que fosse feito, nada fazia barulho, tudo estava silenciosamente tenebroso. Depois, subitamente, sons de unhas arranhando madeira, cães uivando, gatos desesperados, panelas caindo, vidraças quebrando e o vento assobiando um canto de morte sequestraram o silêncio assustador e puseram sobre ele uma dose da mais profunda realidade de uma sexta-feira. O menino já sabia o que estava por vir, mas antes de qualquer preparação possível o passo torvo de Moloque sinalizava sua chegada. O menino congelou ao ver a fumaça passar pelas frestas da porta. O cheiro de cevada e carvão tomou todo o espaço. Em seu rosto, o pânico. Seus olhos arregalados já não possuíam a doce inocência de uma criança, ele conhecia o mal. Moloque estava em pé na sua frente, com seus olhos vermelhos vibrantes e intimidadores, com fumaça em sua boca e, nos seus gestos, o desejo de transformar em cinzas tudo que conseguisse tocar. O pequeno menino não concebia aquele momento como real, tudo estava fragmentado, as cenas não ocorriam em ordem. Poá estava chorando. Moloque segurava Paetê pelos cabelos. A sua mãe apontava uma faca para a própria barriga ameaçando se matar se Moloque não soltasse as crianças. O menino não sabia o que fazer, para onde ir, o que falar, onde se esconder e, por este motivo, fixou-se estático. Conseguia ouvir uma música que vinha de longe e ia desaparecendo aos poucos. O momento em que vivia, com tudo que se desenrolava, estava ficando distante. Aquela era a iminência da morte.

De alguma forma, ele estava entre sua mãe e Moloque. Suas irmãs estavam protegidas no quarto. A faca que sua mãe apontou para si

estava em suas mãos. Moloque o olhava receoso. Aquilo nunca havia ocorrido daquela maneira, o menino não entendia como tinha chegado ali, nem o que estava fazendo e, antes de qualquer tempo para analisar a situação, Moloque disparava em sua direção, não para atacar o menino, mas para atacar sua mãe. Seus olhos não piscavam e ardiam de secos. O lapso entre barulho e silêncio, luz e escuridão, o atordoava, então, ele fechou os olhos por um segundo e pensou ser um raio de sol que fugia do inatingível espaço. Sem perceber, estava correndo para fora de sua casa, rasgando os pés de juremas que cercavam o fundo de seu bairro.

Em seu imaginário fértil de criança, alimentava as árvores e plantas com sua luz, fustigando o orvalho da noite, mas nada era real, somente corria sem parar até chegar a um campo de terra na beira do Rio Grande. Foi quando pôde abrir os olhos. Estava arranhado dos espinhos, os pés descalços sangravam e o seu corpo formigava como se estivesse em chamas, o coração batia forte em sua barriga, parecia que iria explodir. O menino olhou para o céu noturno e teve certeza naquele momento que o universo não se importa com o que acontece às criaturas da Terra. A lua cheia era um escândalo, refletindo amarga em suas lágrimas invisíveis que não conseguiam escorrer para fora do corpo. Um canto rasgou a hipnose e, como num estalo, o menino despertou. Era o galo madrugadeiro cantando uma nova manhã que dizia: chora tua dor, criança, e deixe que desague até não haver nenhuma gota. Foi então que os músculos do menino se enrijeceram, tentando, em vão, conter o fluxo das m'águas. Teu choro lavou o pequeno corpo, apagando as chamas que o queimava. Regou o chão. Criou uma poça onde pôde flutuar iluminado pela cruel luz da lua. O menino, em pouco tempo, era uma nova nascente que ninguém podia impedir. Em poucos minutos, o pranto era tamanho que inundou a cidade, não existia cais capaz de conter tamanha nascente que agora era outro rio. O menino

que sonhava ser raio de sol virou rio. Rezam as lendas que, quando é tempo de cheia, é possível ouvir um choro agudo na beira do Rio Grande que é onde o menino morreu afogado em suas vastas lágrimas de criança que não pôde ser.

– Que foi, Chico? – perguntou Gabiru para seu amigo que estava aos prantos. Chico, disfarçando, respondeu:

– Não, não, é só o sereno que juntou aqui nos meus olhos.

Gabiru sorriu contemplando a sensibilidade de seu amigo e disse:

– Vamos embora que já está tarde e amanhã é dia de branco. Um sereno desse que deu em seus olhos se der de pegar nas juntas é fatal.



Wesley e a assombração do meio-dia

FRANCISCA FERNANDA

Na escuridão da noite tudo acontece. Todas as assombrações do sertão saem do meio do mato para fazer barulhos no pé da porta das casas. Embaixo da cama das crianças, fazendo bagunça nos pés de manga dos quintais e ficando à espreita em cada canto mal iluminado das casas do sertão baiano. Em contrapartida, todos podem ficar devidamente protegidos pelo escudo celestial das cobertas da cama. Basta se cobrir por inteiro, sem deixar nenhuma parte sequer do corpo para fora. Um braço que escapa pode ser suficiente para ser puxado por alguma coisa que passou a noite inteira esperando uma oportunidade de te assombrar pelo resto da madrugada, e, no outro dia, você acordar quebrado pelo cramunhão que passou a noite inteira perturbando seu juízo. As crianças possuem a mente mais aberta pela inocência da idade e conseguem enxergar as coisas que vivem nas sombras. Os adultos, ainda que racionalizem todas as coisas, também podem ser assombrados. Seja por um pesadelo que parece não ter fim, seja pela

insônia de passar toda noite sem dormir, ou até mesmo uma enxaqueca que só termina quando o dia amanhece.

Durante muito tempo era concebido como verdade absoluta que as coisas do outro mundo só ganham força durante a penumbra da noite. No entanto, há uns meses atrás, um cantador da beira do São Francisco trouxe em sua prosa a lenda da Assombração do Meio-dia. No meio de uma cantoria de vaquejada lá para as bandas de Paratinga, ouvi um matuto contar essa história sobre o sete peles que anda sob o sol quente esperando uma alma para perturbar.

Wesley vivia o auge dos seus 17 anos como todo adolescente moderno do século XXI. Passava a maior parte do seu tempo vendo vídeos no celular para esquecer a angústia da sua existência, acreditava que a vida poderia ser mais do que ele experimentava naqueles dias de profundo tédio. Estudava pela manhã, trabalhava à tarde e passava as noites pensando nas coisas que poderiam ser diferentes. Queria que seus pais fossem mais compreensíveis com as suas escolhas.

A escassez de dinheiro levava à escassez de escolhas e, nesse aspecto, a vida poderia ser mais generosa. Amava a sua casa perto do rio, mas tinha consciência que aquele bairro era destinado às pessoas que estavam à margem da sociedade. Parecia uma ironia perversa da vida, mas as margens do rio eram destinadas aos marginalizados. Mas acima de todas essas dificuldades, procurava ter um rumo definido na vida que ninguém questionaria, e, se questionassem, não importava, porque seria uma escolha genuinamente sua.

A angústia da vida do nordestino pobre não acaba, mas há pequenos intervalos: suas mais diversas e fartas festas regionais. Uma das mais importantes são os festejos juninos. Nesse ponto, Wesley era quase profissional. Vivia intensamente cada dia, movimentava toda sua família em torno dos festejos. Comprava fogos, pesquisava receitas, mobilizava a escola e participava de todos os pequenos e grandes

arraiás que apareciam na sua frente.

A tradição da família era certa. Nos dois dias reservados para São João, todo mundo se reunia em volta da fogueira e por lá mesmo assavam milho, carne e qualquer outra coisa mastigável que pudesse ser colocada em um espeto. Familiares vinham de todo lugar e a festa era uma mistura das tradições incorporada com as novidades advindas da modernidade. Tinha espaço para todos que queriam se divertir e professar sua fé aos santos do festejo. Também tinham os bêbados, os contadores de histórias, violeiros, cantadores e bailarinos. Fora dos festejos, eles eram trabalhadores, pais, mães, tios, sobrinhos, filhos, avós e netos, mas durante a festa podiam ser o que bem entendessem, essa era a magia dos festejos juninos.

O coração de Wesley se animava como se o sofrimento nunca tivesse existido antes. Era tradição sair bem cedinho no primeiro dia para procurar lenha para fogueira com seu pai Sebastião. Eles pegavam qualquer árvore seca ou troncos caídos às margens do rio São Francisco. Na época de seca, o rio formava grandes bancos de areia ao seu redor e todas as coisas que estavam debaixo da água, incluindo bons pedaços de madeira, estavam visíveis e prontos para formar uma fogueira.

Um dia antes da coleta da madeira, Sebastião recebeu uma boa proposta para levar um carregamento de carne em uma das cidades do litoral da Bahia, quase mil quilômetros de distância de onde moravam. O dinheiro era bom e, para o patriarca de uma família de seis pessoas, oportunidades como essa não poderiam ser dispensadas. Ele viajaria no fim da tarde e, por isso, a tradição da fogueira teria que ser uma aventura de um homem só.

Wesley estava na mesa da cozinha olhando seu pai pegar as últimas coisas que precisava para viajar. Sua mãe Beatriz o ajudava a reunir seus pertences, e seus irmão mais novos pareciam alheios à saída

do pai. Wesley pensava que eram pequenos demais para entender que ele não voltaria a tempo para comemorar um dos principais eventos em família que tinham.

Aquela poderia ser uma das últimas ocasiões que estariam juntos, como vinha ocorrendo em 17 anos. Logo Wesley seria considerado um adulto e não sabia aonde a vida o levaria assim que terminasse os estudos básicos. Olhava para seus cadernos sem conseguir se concentrar no dever de casa que a professora de português tinha passado naquela manhã. Precisava escrever um cordel sobre algo do seu cotidiano, mas só pensava que iria se sentir incompleto, mais uma vez, justamente na melhor época do ano.

Uma buzina soou na porta. Era Moreira, o patrão de Sebastião, anunciando a hora da partida. Então o pai deu um beijo em Beatriz, abraçou os filhos pequenos e olhou nos olhos de Wesley como quem dizia: “confio em você, meu filho, ajude a sua mãe”. Mas dessa vez não parecia ser o suficiente, Wesley trazia consigo uma tristeza no olhar. Sebastião encostou perto dele tentando animar o filho.

– Não consegue estudar direito? – olhou para o menino ainda desanimado – Quem não estuda acaba aceitando qualquer emprego, qualquer salário e qualquer vida. Se quiser voar para bem longe daqui, precisa se dedicar mais.

– Eu gosto daqui pai, não quero deixar nada aqui – respondeu chateado.

– Às vezes a gente tem que ir embora, entender um pouco mais da vida e retornar para se sentir mais feliz com o que tem – Sebastião não sabia mais o que dizer diante daquela cara emburrada e resolveu perguntar – O que está te chateando menino? Me fala.

– Eu não quero pegar a fogueira sozinho amanhã, quero que o senhor fique aqui – respirou fundo, finalmente dizendo tudo que estava entalado no peito.

Sebastião olhou aliviado, finalmente entendendo o que estava deixando aquela cabeça tão agitada.

– Fica triste não meu filho, você sabe que o senhor Moreira anda correndo e logo estou de volta. Na noite do segundo dia de festa eu vou estar aqui para comemorar com vocês. A festa vai ficar tão bonita que eu nem vou me importar com o cansaço da viagem – Wesley parecia menos desanimado – Amanhã bem cedo chame seu irmão e vão juntos pegar a fogueira que logo mais estou de volta.

Moreira buzina mais uma vez e Sebastião enfim vai embora. A possibilidade de garantir comida na mesa com a força do seu trabalho era a única coisa que o conformava em ficar distante.

Mesmo com as palavras carinhosas do pai, Wesley não tentou estudar mais. Passou a noite jogando online com os amigos nesses joguinhos de celular, só se deu conta que era hora de dormir quando a casa estava muito silenciosa e não se podia ouvir o barulho de seus irmãos fazendo bagunça para não dormirem cedo. A porta que dava para o quintal estava aberta e batia um vento frio, típico do mês de junho. Isso fez Wesley se distanciar da tela e olhar para trás.

A plantação de cana, próxima de onde ficava a casa dos cachorros, estava alta e balançava com o vento. Ao lado, parecia haver uma silhueta escura de uma mulher de cabelos longos. Nesse momento seu corpo se arrepiou por inteiro, correu para fechar a porta, mas uma força invisível a segurava aberta. A sombra parecia chegar cada vez mais perto. Quando sentiu sua alma desgarrar do corpo, as velas que sua mãe colocava no pequeno altar na varanda começaram a tremer. Só assim ele conseguiu fechar a porta. Foi para o seu quarto e se protegeu debaixo das cobertas. Dormiu profundamente a noite inteira que nem percebeu o movimento da casa.

Beatriz acordou cedo para comprar a comida da festa. Limpou a casa com a ajuda dos parentes que já haviam chegado. Os irmãos de

Wesley pulavam e gritavam por toda a casa. Ele só acordou mesmo quando seu irmão, o segundo mais velho, veio ao pé da cama a mando de sua mãe para acordá-lo. Irmãos nunca perdem a oportunidade de serem inconvenientes. Mateus puxou pelos seus calcanhares gritando.

– Eu vim te pegar! – O pobre coitado levantou gritando achando ser a assombração que tinha visto ontem no quintal.

Entre risos e arqueadas no corpo de tanto gargalhar, Mateus disse que ele deveria ir logo pegar a lenha, que uma hora da tarde deveria estar na casa da avó para ajudá-la a se deslocar da zona rural até a cidade. Disse também que o almoço iria demorar para ficar pronto, e que ele levaria o carrinho para ajudar sua mãe com a feira e as crianças, então Wesley deveria levar o carrinho de mão para carregar a lenha.

Passado o susto, o ódio e o sono, Wesley se levantou ainda raciocinando o que o irmão falou e ouviu a porta da frente batendo quando ele saiu. Não havia mais ninguém em casa e, enquanto lembrava que tinha prometido ajudar a avó, e que só tinha um pequeno carrinho de mão para pegar lenha suficiente para queimar nos dois dias a noite inteira, olhou no relógio e viu que eram exatamente 11 horas da manhã.

No sertão baiano, a festa junina é coisa séria e a fogueira é a atração principal. Por isso, naquele momento Wesley estava completamente lascado e precisava correr contra o tempo. Vestiu uma calça e a primeira blusa que viu. Colocou a botina, pegou o pequeno carrinho de mão, bateu o portão e correu direto para a beira do rio descendo o barranco acelerado e quase caindo.

Sua casa era perto do rio, morava bem próximo das comunidades ribeirinhas que se beneficiavam dos recursos advindos do curso d'água. Trabalhou rápido e às onze e dez já tinha levado dois carrinhos cheios para casa, mas não eram suficientes. Começou a pegar lenha cada vez mais rápido e se cansava cada vez mais, porém já tinha reu-

nido uma boa quantidade de madeira.

O sol batia alto bem no centro do céu e quando o relógio do seu pulso marcava meio dia, percebeu que sentia sede. Foi na beira no rio e bebeu a maior quantidade de água que conseguiu. Ouviu o estômago fazendo barulho de trovão: era a fome. Voltou a se abaixar e pegar mais lenha. Na velocidade que trabalhava, mais três carrinhos já eram suficientes e então poderia ir para a casa da sua avó e almoçar por lá.

Bem ao longe, Wesley podia ouvir o sino nos pescoços dos bois que pastavam por ali até o momento que sentiu uma dor mais profunda no estômago e não conseguia ouvir mais nada além de seus próprios gemidos de dor. Com o sol bem quente sobre sua cabeça e o estômago dolorido, sentou-se no chão com uma mão na barriga e, com a outra, tapava o sol dos olhos. De repente, um vento frio cercou seu corpo quando começou a ouvir uma voz fina e estridente.

– Pobre criança perdida e faminta – ele se assustou e pensou ter enlouquecido antes de responder.

– Quem está aí? – Houve um pequeno tempo em silêncio e a voz voltou.

– Eu não costumo me apresentar antes de levar as almas embora, mas é sempre bom quebrar os protocolos de vez em quando – Wesley olhou para os lados procurando em vão o dono daquela voz – Tenho vários nomes, mas as poucas almas que viveram para contar histórias sobre mim me chamam de Assombração do Meio-dia.

– Pois vai embora, assombração, eu não tenho medo de briga. Não vai querer se meter comigo – tentou levantar para fingir coragem, mas seu corpo parecia não querer obedecer.

– Seu espírito anda fraco. Ontem a dama da noite foi te buscar, mas não conseguiu. Dentro da sua casa, sua mãe protege muito bem você e seus irmãos, mas aqui não tem ninguém para te proteger – Wesley sentiu um calafrio percorrer seu corpo inteiro, se não morresse

ali mesmo ia passar a vida inteira sem juízo e perdido depois daquele trauma – Sabe, apesar de ser bem perverso, não tenho muitas forças durante a noite, é quase impossível concorrer com as outras entidades que moram na escuridão, mas nenhuma delas tem coragem de sair uma hora dessas. Além disso, eu me aproveitei da maior fraqueza que assola ao meio dia: a fome. Você sente fome e sua cabeça vive confusa: um prato cheio para alimentar minha força.

Com medo, dor e fome, a angústia de Wesley aumentava por não poder ver o rosto daquela coisa ruim que ameaçava sua vida e resolveu desafiá-la.

– Se é mesmo tão perverso como diz, porque não me mostra sua cara e me leva olhando em meus olhos.

Esperou o bicho se espreitar para fora do mato, mas sentiu sua alma sair do corpo quando uma coisa estranha, que mais parecia um bicho atropelado, começou a se materializar sobre seu corpo esmagando sua barriga. Se em algum momento a morte foi uma dúvida, depois daquilo ela era uma certeza. A assombração arregalou seus olhos amarelos em cima dele e Wesley o encarou firme e ofegante.

– Vai ser uma honra tirar sua vida, garoto. A maioria das pessoas desmaiam quando mostro como sou. Posso ter muitas faces, porém essa é a minha preferida – começou passar sua mão pelo pescoço do menino apertando firmemente.

O bicho encostou mais perto para dar o bote final e levá-lo para o outro mundo junto com ele. Wesley pensou na família, teve vontade de chorar ao lembrar de todos que deixariam nesse mundo para viver sozinhos. Não sabia nenhuma oração, reza ou cantoria que poderia ajudar a se livrar daquela situação. Enquanto sua vida passava diante de seus olhos, lembrou dos cordéis que escreveu na escola e no poder que uma rima bem feita poderia ter. As histórias do sertão diziam que rimas bem feitas convenciam homens a desistir de ambições e mulhe-

res a enfrentar suas frustrações, até mesmo a desvencilhar qualquer laço bem dado das assombrações.

Sua cabeça reuniu rapidamente palavras que rimavam e começou tímido e depois foi ganhando confiança com os versos que saiam de sua boca.

– Sei que tu, peste que mora na escuridão, sai ao meio dia se chamando de assombração – sua voz era fraca quase como um sussurro.

A criatura olhava com curiosidade e ele continuou a falar.

– Mas não passa de um coitado sem moradia, sem lar e sem vez. Eu sou muito mais forte do que pensa para virar seu freguês – mais versos. Dessa vez seu olhar era mais forte e desafiador.

Maravilhada e curiosa com tamanho atrevimento, a assombração permitiu que ele continuasse.

– Posso até parecer pequeno com a barriga cheia de fome, mas sou um versador inteligente, você não vai esquecer meu nome. Sou filho de dona Beatriz a curandeira do sertão, posso não saber rezar, mas meu corpo é cheio de oração – nesse momento o bicho feio começou a diminuir de tamanho e sentir a angústia e dor da fome, sua existência aos poucos se desfazia, mas Wesley não parou – Assombração do meio-dia, que se acha muito valente. A fome pode até ser forte, só não é mais forte que o meu repente. Volte de onde veio e não cruze mais o meu caminho. Sou protegido por todos os lados mesmo andando sozinho.

Wesley estava de pé e a criatura parecia um pequeno rato se escondendo entre as próprias patas no chão, olhou para o menino e se acovardou vendo seu rosto corar, e sumiu para dentro dos matos. O som das coisas ao redor voltou de repente e ele começou a se dar conta do que tinha acabado de acontecer. Com a respiração ainda muito ofegante passou a prestar atenção nas batidas do seu coração ainda muito aceleradas, um turbilhão de coisas passava por sua cabeça naquele momento.

Tinha acabado de romper o véu entre o mundo real e o espiritual, ou pelo menos o mundo onde habitam as assombrações. Todas as coisas das quais as pessoas tinham medo dentro do íntimo das suas almas eram reais. As cantigas de ninar estavam certas esse tempo todo. Os amuletos de proteção, as rezas, os cultos, os altares e qualquer tipo de crença que nos proteja não podiam parar.

Sua missão naquele momento era contar para as pessoas o que tinha visto, mesmo que isso significasse ganhar fama de doido. Tinha que ter uma maneira inteligente de contar isso para o mundo sem correr o risco de ser internado ou virar o maluco da cidade. Viraria um abandonado que sabia demais, mas não era compreendido.

Pegou o restante de madeira que podia e chegou atrasado na casa da sua avó, ainda perturbado com tudo o que aconteceu. Estava decidido a perguntar para ela sobre o que sabia sobre essas coisas. Se alguém podia responder algo sobre isso era ela, uma das mulheres mais sábias que já conheceu.

A velha senhora preta sentada à sombra de um juazeiro pitava um já bem gasto cigarro de fumo de rolo. Olhou para Wesley, que chegava de mansinho em sua bicicleta. Ela sorriu e ele se aproximou.

– Benção, vozinha – ele encostou perto e sentou junto dela – Tenho uma pergunta sobre um assunto que parece loucura, mas aconteceu de verdade.

– Meu filho, a loucura é uma coisa que poucas pessoas conseguem acreditar – ela olhou com aquele olhar manso para os olhos assustados do menino.

– Vó, eu vi uma assombração do outro mundo, um negócio feio e perigoso, ele disse que ganha força nos nossos medos e fraquezas – no desespero das palavras parou para respirar – Eu preciso contar para todo mundo continuar se protegendo, por que em qualquer lugar, de

dia ou de noite, as coisas ruins podem aparecer. Tentaram me levar, mas eu criei uma rima forte e não deixei que aquele negócio perverso permanecesse perto de mim.

Ela olhava as galinhas que ciscavam no meio do terreiro, a tarde parecia cair devagar diante dos olhos de quem viveu muitos anos.

– Tem bem uns quarenta anos ou mais – a avó finalmente responde – que eu ouvi na beira do rio um canto bonito e fui correndo procurar o que era – ele olhou para ela muito curioso – Era uma criatura que vivia no rio, era bonita e graciosa, mas tentou me levar. Corri depressa para casa e nunca contei isso para ninguém.

– Então você acha que devo fazer o mesmo? Não contar para ninguém? – Ele se sentia revoltado, não queria ter que fingir que nada aconteceu.

– Meu filho, se os seus versos te ajudaram a se livrar dessas coisas ruins então você tem um dom. Se quer espalhar para os quatro cantos do mundo a verdade sobre as assombrações, use o dom que tem. Escreva sobre tudo, cante suas toadas pelos sertões. Nada se espalha melhor que a arte.

“Nada se espalha melhor que a arte”. Isso ressoou na sua cabeça e o coração de Wesley se esquentou como se pudesse queimar o mundo com a sua coragem. Assim como podia encarar a dificuldade de manter sua existência, era capaz de escrever rimas e apresentar para muita gente.

Aquela noite, depois de se alimentar bem, sentou à beira da fogueira e escreveu os versos que tinham o ajudado a espantar a assombração. Adicionou umas pitadas de liberdade poética, inventando umas coisas e exagerando outras tantas.

No outro dia durante mais uma noite de festejo reuniu todos em volta da fogueira. Seu pai tinha voltado a tempo, e ele contou a história em verso e prosa, com pausas dramáticas e imitações quase genuí-

nas. Apresentou seus versos em sala de aula. Os colegas morreram de medo e a professora ficou cheia de orgulho.

O seu cordel ficou tão bem feito e ganhou tanta proporção na sua escola que os professores o convidaram para recitar em formato de toada para toda cidade nos últimos dias de junho, na tradicional festa de São Pedro. Finalmente Wesley encontrou seu rumo, aquela inquietação que faz com que a gente se esforce para ser sempre melhor que antes. Ele era um trovador, um repentista, cordelista e cantador das vaquejadas do sertão. Muitas pessoas demoram anos para encontrar uma motivação de vida e, por coincidência do destino ou não, foi justamente uma assombração que o fez encontrar sua paixão.

Dizem que mente vazia é oficina do diabo, mas Wesley provou que uma mente angustiada e um estômago vazio também podem ser.



Amor em tempos de ChatGPT

JORGE NÉRIS

Ele nunca escrevera nada! Nadinha... Mas agora tinha a seu favor a inteligência. Não a dele. A artificial. Mas, segundo escutara, essa se tornara mais natural que a natural. Pronto! Tinha chance! E aquela menina receberia a mais linda mensagem de amor. Cheia de imaginação!

Foi ao Google e procurou: ChatGPT. Logo, as instruções para baixar o aplicativo apareceram. Baixou, instalou e, sem demora, escreveu: “uma carta de amor”.

A resposta foi imediata. A carta veio praticamente pronta. Bastou inserir o seu nome e o nome dela, alterou o gênero onde necessário e pronto. Tinha a carta a ser enviada:

Querida Bárbara,

Escrevo esta carta cheia de amor e emoção, pois não consigo mais conter o que sinto por você. Desde o momento em que nossos olhares se cruzaram, minha vida mudou para sempre.

Cada dia ao seu lado é como um sonho que nunca quero acordar.

Seu sorriso ilumina meu coração e sua presença preenche todos os espaços vazios da minha alma.

É difícil expressar em palavras a intensidade do que sinto por você, mas saiba que meu amor é verdadeiro e incondicional. Eu te amo por quem você é, com todas as suas virtudes e imperfeições, e não há nada que eu deseje mais do que estar ao seu lado.

Desejo poder abraçá-la todos os dias e dizer o quanto você é importante para mim. Cada momento compartilhado é um tesouro que guardo com carinho em meu coração.

Quero construir um futuro juntos, enfrentando todos os desafios de mãos dadas. Saiba que estou disposto a lutar por nós, porque você é o meu porto seguro, a razão do meu sorriso e a inspiração para ser sempre uma versão melhor de mim mesmo.

Espero que esta carta possa transmitir uma pequena parte do que sinto por você. Saiba que estarei aqui, amando-a intensamente, hoje e para sempre.

Com todo o meu amor,

Thiago!

Depois de ler e reler a carta, chegou à conclusão de que não a faria melhor. É verdade que aqui e ali algo lhe pareceu demasiadamente artificial. Ridículo para ser mais preciso. Mas todas as cartas de amor são ridículas, pensou consigo mesmo, concordando com o poeta. E se convenceu de que o mais importante, ou talvez a única coisa que importasse, era o resultado. Agora, a questão era o momento oportuno.

Certo que não enviaria a carta como antigamente se fazia, papel, correios, selos, aquela coisa toda com a qual ele nem intimidade tinha ou deseja ter. A ideia da carta não surgira do nada. A sua pretendida era romântica, gostava de poesia, de flores e de cartas de amor. Uma alma antiga vagando no mundo novo! Era isso. Como ele descobrira? Tinha os seus meios. Uma amiga em comum lhe havia cantado as di-

cas, como os passarinhos verdes de antigamente.

– Ela gosta de poemas?

– Adora! Não vê como está sempre com um livro na mão?

– Sim. Mas não sabia que eram poemas.

– Poemas, contos, romances, cartas de amor, crônicas, contanto que sejam românticas, bem românticas (ela riu).

Ele estava apaixonado e começou a imaginar dificuldades. Ela percebeu em seu olhar, que agora caía ao nível do chão.

– Escreve uma carta! E caiu na gargalhada.

– Só se for.

Disse ironicamente, a empurrou, um empurrãozinho de leve para acentuar a ironia, como se até soubesse o que era ironia. Em seguida, levantou-se daquele balcão velho da escola e seguiu para casa. Ela fez o mesmo.

Ambos tinham a mesma idade, 17 anos. Altura mediana e se conheciam desde a infância. Eram colegas desde os 10 e tinham a intimidade dos amigos para sempre, se a vida, por seus naturais caprichos, não os separasse. Já a menina de quem falavam era amiga apenas dela. Não tinha seis meses que chegara na escola, por uma transferência ou algo do tipo. Até então não se sabia o motivo. Era um ano mais velha. Estava no terceiro ano, como eles, mas em salas diferentes. E, com ele, apenas tinha trocado olhares, duas ou três vezes, como se desejassem conversar. Não eles. Os olhares. Foi o que motivou a conversa que acabamos de relatar.

Em casa, apesar do jogo de ironia, não conseguia esquecer a carta. Foi então que teve a ideia do ChatGPT.

E assim, pensou ele, quem deu a ideia da carta bem que podia ajudá-lo, com o envio. Mandou mensagem:

– Clara (chamava-se Clara), fiz a carta. Não ria. Disse... para quebrar o constrangimento natural dos acometidos de paixão. Na mesma

hora, aparece “digitando” e ele fica aguardando a gargalhada que viria. Ela ri:

– Agora é só mandar!

– Mas como? Você entrega pra mim?

Pronto. Tudo acertado. A carta impressa num papel bonito que comprara na papelaria do shopping. No outro dia, a carta foi entregue.

Amor que é amor atíça e constrange os corações. Bárbara tentava esconder a felicidade do olhar. Clara lhe deu a carta enquanto entrava na sala, com um sorriso zombeteiro, disse: – É dele! Bárbara jogou dentro do caderno, tão rápido quanto batia seu coração.

Ao ler a carta, se emocionou com as referências, “troca de olhares”, com a ideia de “futuro a dois”, com o “prazer” que ele dizia sentir. Sentia-se inebriada, abraçada, em uma palavra, feliz! Nada mais verdadeiro que as promessas de felicidade enquanto são feitas. Que vá se cumprir é coisa que nenhuma garantia se possa exigir. Até porque o futuro é desejo e desejo não é senão o que falta, assim como a promessa não passa de desejo sincero. De alguma forma, o ChatGPT sabia disso!

Pegou o papel e começou a escrever:

“Estou encantada! Muito feliz...”

Mas achou que o tom estava exagerado. Amassou tudo. Jogou fora e recomeçou:

Thiago,

não posso deixar de dizer que adorei sua carta. Sempre quis receber uma. Mas acho que hoje em dia não se escreve mais cartas, né? Fiquei feliz de saber que você gosta de escrever.

Muito obrigada,

Bárbara!

Depois que terminou, pensou em fazer uma pergunta pela qual se mostrasse interessada. Fez um PostScript:

“PS: Você está lendo algum livro?”

Mal conseguia esperar pelo outro dia, quando entregaria a Clara sua resposta. Ficaram de se encontrar logo cedo no colégio, antes das 8h, que era o início das aulas.

Assim que entregou a carta, perguntou se estava boa. A outra fez uma cara de analista e sentenciou:

– Fantástica! Rindo e fazendo rir a outra, que estava séria, como quem aguarda a sentença de um crime cometido, sem culpa.

– Para! Disse Bárbara. Aliviada de uma espera e, agora, tensa, ansiosa, por outra espera, a resposta.

Clara, sem demora, foi para sua sala, que ficava no pavilhão oposto à sala de Bárbara. Quando Thiago chegou, o recebeu com a carta estendida na mão. Era uma carta pequena, ele a leu com o olhar, sorridente! Gostou que ela, Bárbara, tivesse gostado da carta. Só ficou preocupado com a pergunta ao final e por sentir que devia responder escrevendo. Mas logo viu o lado bom da pergunta não ter sido feita na lata. Tinha como perguntar ao ChatGPT. Foi o que fez ao chegar em casa.

– Que livro estão lendo no momento?

A resposta, como a primeira, veio de imediato:

– Como inteligência artificial, não tenho a capacidade de ler livros no momento. No entanto, adoraria saber qual livro você está lendo ou se posso ajudá-lo de alguma forma com informações sobre livros!

– Pode me recomendar algum livro?

– Claro! Existem muitos livros maravilhosos por aí. Depende um pouco dos seus gostos e interesses. Você prefere um romance, ficção científica, mistério ou talvez algo não-ficcional? Quanto mais detalhes você puder fornecer sobre seus gostos, mais precisa será a recomendação. Mas, caso você não tenha preferência específica, um livro que costuma agradar a muitas pessoas é “O Alquimista”, de Paulo Coelho.

É uma história inspiradora sobre a busca por seus sonhos e propósito na vida.

Aqui, não teve dúvidas:

– Romance. Escreveu!

Se ele não tinha dúvidas, imagina o ChatGPT:

– Ótimo! Se você gosta de romances, vou recomendar um livro clássico que cativa muitos leitores: “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen. Este romance clássico é uma história intemporal de amor, orgulho, preconceito e sociedade, centrando-se nas complexidades dos relacionamentos humanos e nas expectativas da época. É uma leitura envolvente e cheia de personagens cativantes. Espero que você aproveite a jornada através da Inglaterra do século XIX com Elizabeth Bennet e Mr. Darcy!

Tinha a sua carta! Gostou do tom amigável em meio a resposta e resolveu copiar algo dali, além do conteúdo, com o qual desejava impressionar Bárbara. Depois de alguns ajustes, digitou:

Querida Bárbara,

Ótimo! Eu gosto de romances. Estou lendo “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen. Uma história intemporal de amor, orgulho, preconceito e sociedade, centrando-se nas complexidades dos relacionamentos humanos e nas expectativas da época. É uma leitura envolvente e cheia de personagens cativantes. Estou aproveitando a jornada através da Inglaterra do século XIX com Elizabeth Bennet e Mr. Darcy!

Beijos,

Thiago

Depois de olhar a carta dela, por alguns segundos, resolveu copiar o final. Achou bonito, embora não soubesse o significado de PS. O que importava era garantir um retorno porque estava adorando conversar com ela, ainda que pelo mecanismo frio das palavras. Não sentia que era ainda o momento para um encontro “face to face”, como dizem os

ingleses. Ou “cara a cara”, como dizemos nós. Antes que esqueçamos, vejamos como ficou o seu PS, o pós-escrito ou escrito depois do fechamento de sua carta.

“PS: E você?”

Há algo de incomensurável, incomparável mesmo, nas cartas de amor! De alguma forma, é um prazer lê-las e, Clara, se sentia bem nesse papel de intermediária, quase um cupido. Afinal, se os olhares sorrateiros entre os dois começaram tudo, qual é o destino dos olhares, sem palavras que os signifiquem? E, assim, ela lia cada carta, curiosa e atenta, já supondo os retornos. A ansiosa agora era ela. Não podia esperar pelo horário da escola. Correu à casa de Bárbara.

Já com a carta na mão, em meio a leitura, olhos cheios d’água, Bárbara mal pode terminá-la:

– Que lindo!

– Né? Interrogou, afirmando, Clara.

E ia dizer alguma coisa, mas percebeu que a outra já estava no mundo da carta, como quem vive no mundo da lua, com ouvidos vedados às palavras impróprias deste mundo. Só se viu ela correr ao papel e à caneta. Resposta dada! Clara, em silêncio, pegou a carta e guardou-a consigo, como quem guarda um segredo inacessível, até a ela mesma. Mas que era curiosa, quem podia negar? A caminho da casa de Thiago, sentou-se no banco da praça e começou a ler.

Querido Thiago,

Muito me anima saber que você gosta de romances. Ainda mais de Jane Austen. Eu a amo de paixão. Acredita que ainda não li orgulho e preconceito. Nem vi o filme (risos). Ano passado li Razão e Sensibilidade. Orgulho e preconceito vai para o topo da minha lista de leitura (risos). Quer saber que livro estou lendo agora? Um livro bem diferente do que estou acostumada a ler. Se chama Planolândia. Ganhei da amiga de minha mãe, que é professora de matemática. É uma história incrível.

Não te contarei... quando terminar, quem sabe te empresto e podemos conversar sobre ele. Estou quase apaixonada pela matemática (risos).

Beijos,

Bárbara

PS: já descobriu o porquê do título Orgulho e Preconceito? Adoro spoiler (risos)

Em cinco minutos estava na casa de Thiago. Dessa vez, não entrou. Com pressa, apenas lhe entregou a carta e garantiu que voltaria mais tarde, quando ele já tivesse a resposta. Ele acenou com a cabeça e correu para seu quarto.

Leu com sorriso nos lábios. Porém, não esperava que a conversa voltasse ao livro de Jane Austen. Que ideia! E perguntou a si mesmo, como quem buscasse por uma resposta já conhecida: por que mesmo “Orgulho e Preconceito”? Mas não demorou muito para cair em si. Aquela resposta só o ChatGPT poderia lhe dizer. E disse!

– O título “Orgulho e Preconceito” reflete os temas centrais abordados no livro. O orgulho é representado principalmente pelo personagem Mr. Darcy, um homem rico e arrogante, que inicialmente olha para a protagonista Elizabeth Bennet com desprezo. O preconceito, por sua vez, é retratado principalmente na própria Elizabeth, que forma uma opinião negativa sobre Darcy com base em suas primeiras impressões.

Começou a escrever a resposta:

Querida Bárbara,

Sim, sim, Já descobri. O título “Orgulho e Preconceito” reflete os temas centrais abordados no livro. O orgulho é representado principalmente pelo personagem Mr. Darcy, um homem rico e arrogante, que inicialmente olha para a protagonista Elizabeth Bennet com desprezo. O preconceito, por sua vez, é retratado principalmente na própria Elizabeth, que forma uma opinião negativa sobre Darcy com base em suas

primeiras impressões.

Depois disso, ficou sem saber continuar ou o que perguntar. Queria sair do tema do livro, mas não sabia como. Resolveu voltar ao ChatGPT. Agora, queria uma forma de encontrá-la de fato, de convidá-la para sair. Nunca havia convidado alguém por escrito, ainda menos entre a formalidade e a informalidade de uma carta. Abriu o chat e escreveu:

– Convite para sair com uma menina.

Acrescentou:

– Convite para sair com uma menina por meio de uma carta. (se atentou para o fato de que era importante detalhar o que desejava. O próprio ChatGPT já havia lhe indicado isso!)

Como das outras vezes, a resposta veio. Ele copiou os trechos que lhe convinha e acrescentou à carta:

Querida Bárbara,

Sim, sim, já descobri. O título “Orgulho e Preconceito” reflete os temas centrais abordados no livro. O orgulho é representado principalmente pelo personagem Mr. Darcy, um homem rico e arrogante, que inicialmente olha para a protagonista Elizabeth Bennet com desprezo. O preconceito, por sua vez, é retratado principalmente na própria Elizabeth, que forma uma opinião negativa sobre Darcy com base em suas primeiras impressões.

Ah, gostaria muito de ter a oportunidade de passar um tempo especial com você. Seria um prazer convidá-la para sair e compartilhar momentos agradáveis juntos.

Que tal irmos ao cinema, nesse final de semana?

Por favor, saiba que este convite vem de um lugar sincero e respeitoso. Não há pressão, e estou feliz em aceitar sua decisão, seja ela positiva ou negativa.

Com carinho,

Thiago!

Já era tarde quando, finalmente, terminou a carta. Mandou mensagem para Clara e combinou que levaria logo cedo para a escola. E assim o fez. Chegando lá, lhe deu, com recomendações de que não demorasse para entregar a Bárbara. Estava ansioso, sem muita esperança.

Clara, quase sem demora, a levou para Bárbara. Foi só o tempo de ler, quando passava pelo corredor do pavilhão de aulas. Gostou da atitude de Thiago, chegou a sorrir consigo mesma, mas depois lhe veio algo como que um desânimo. Um convite ao cinema significava que as cartas não seriam mais necessárias! E, com isso, ela não contava tão cedo. Acostumara-se a ser “leva e traz”, como diziam os fofoqueiros de antigamente.

Desnecessário dizer que Bárbara, por sua vez, ficou empolgadíssima. Adorou o motivo que dera título ao livro e, não menos que isso, o convite para o cinema. Empenhou-se na caligrafia para dizer, sem reservas, que gostaria muito de ir ao cinema. Claro, para assistir ao filme do ano: Barbie! Foi na internet e verificou que na sexta tinha sessão às 22h05.

Querido Thiago,

Ah, quero, quero muito ir! Vamos na sexta? Quero ver Barbie! Tem sessão às 22:05. Podemos nos encontrar lá! O que acha?

Muito ansiosa, (risos)

Bárbara!

A carta, pequena, foi lida em um átimo de segundo por Clara e entregue, no outro dia, uma quinta-feira, a Thiago. Como o tempo era escasso e podia contar consigo mesmo para responder, compôs a resposta ali mesmo, em uma folha que trazia consigo. Concordou em poucas palavras, com a empolgação das vogais:

Querida Bárbaraaa,

Siiiiim. Vamos!!! Te encontro lá às 21h30.

Mais que ansioso, (risos)

Thiago.

Esta, Clara acompanhou a escrita. Não teve que ler depois e, verdade seja dita, o emprego das vogais, símbolo de empolgação dos novos tempos, foi ideia dela. O “mais que ansioso, seguido de risos, também! Quando deu a carta a Bárbara, brincou com sua ansiedade, estendendo e retirando a carta, como fazem as crianças. Mas tudo de acordo! Afinal, não é o amor, quando nasce, uma criança?

Chegaram no horário combinado. Nem antes, nem depois. Olharam-se mutuamente e, agora, podiam demorar o quanto quisessem, enquanto caminhavam um em direção ao outro. Mas o tempo não acelerava apenas o coração dos apaixonados e logo estavam se cumprimentando, com palavras vazias do dia a dia, é verdade, mas para eles carregadas de significado, como a lua e as estrelas. Porém, quem olhava de fora, via claramente o quanto o amor nos torna desajeitados.

Entraram, sentaram-se lado a lado e tentaram entabular uma conversa.

– Queria tanto ver o filme da Barbie. Ela disse, com os olhos brilhando.

– Eu também! Respondeu, sem que o entusiasmo pudesse fazer frente ao dela. Mas que se esforçou, se esforçou! E, talvez, ela nem tivesse notado, dada a própria felicidade e a admiração que se podia perceber nos olhos dele, quando a olhava.

Fixamente, passaram a olhar os filmes anunciados naquela enorme tela de cinema. Oppenheimer era um deles.

– Ah, também quero ver esse!

Ela falou toda espontânea, de forma tão natural que ele se sentiu como fora de lugar. E estava. Em sua mente, em seu mundo, nem mesmo ele havia. Apenas, ela, Bárbara e seus grandes olhos negros, que iluminavam a noite. Começou a pensar que ele a amava; que, talvez,

ela o amasse, mas certamente menos do que ele! Nunca havia sido bom com as palavras e, naquele momento, sentiu falta do ChatGPT. Perguntaria para ele o que dizer, como despertar nela o amor que havia nele. Mas estava enganado. Ela o amava na mesma medida. O universo garantiria isso, mesmo antes do ChatGPT. Basta lembrarmos da troca de olhares!

O filme começou e eles acompanharam comportados, bem-comportados, como se estivessem no começo de algo que duraria eternamente. Por que pressa de chegar?

Ao fim, todos saíram espantados do cinema, todos prontos a ostentar, nos gestos e na fala, que viram o filme da Barbie. Eles, não! Estavam mais concentrados em si mesmos, como cabe aos apaixonados. Agora, juntos, de mãos dadas, lamentaram profundamente, quando tiveram que ir, cada um para sua casa, como se tivessem que ir a um país estranho, por pura e simples obrigação!

Chegando em casa, foi correndo ao ChatGPT:

– O que estão dizendo do filme da Barbie?

– Peço desculpas, mas não tenho informações atualizadas sobre eventos específicos que ocorreram após a minha data de corte em setembro de 2021. Portanto, não consigo fornecer detalhes específicos sobre o filme da Barbie que possam ter sido lançados após essa data. Para obter informações sobre o filme da Barbie ou outras atualizações recentes, recomendo verificar fontes de notícias, sites de entretenimento ou redes sociais relevantes.

Resolveu, então, perguntar algo que lhe desse o que falar.

– O que dizer a uma menina depois do cinema?

– Depois de um encontro no cinema, é uma boa ideia continuar a conversa de forma descontraída. Aqui estão algumas opções do que você pode dizer...

Olhou as opções e escolheu:

Acho que o filme nos deu bastante o que falar. Alguma cena em particular chamou sua atenção?”

Pensou em mandar mensagem. Agora, tinha o número dela. Mas sentiu-se ansioso pela possibilidade de não saber o que dizer, caso ela perguntasse alguma coisa. Pegou o papel e escreveu:

Querida Bárbara,

Acho que o filme nos deu bastante o que falar. Alguma cena em particular chamou sua atenção?

Beijos,

Thiago!

E se deitou, sonhando com as estrelas, com os grandes olhos negros, com a resposta que receberia amanhã.



A fada do siso

ENIELDA SOUZA NUNES

Uma fada? Tem mesmo uma fada no meu quarto? Mas como isso é possível? Fadas não são seres considerados mitológicos? De faz de conta de histórias encantadas ou sei lá o quê mais? Então como isso explica o fato de estar vendo uma bem na minha frente, falando comigo como se já me conhecesse?

– Por favor, se acalme, Anna. Eu não sou nenhuma assombração e nem barata que voa. Só vim aqui buscar o seu dente – disse aquela pequena criatura aos pés da minha cama. Enquanto ainda recupero meu fôlego após ter gritado tanto, meus olhos ardiam como um alerta de que já estava tempo demais sem piscar. Mas aquela personificação de boneca com asas parecia determinada a conversar comigo.

– Será que a minha pronúncia está ruim? Você consegue entender o que estou dizendo? Se falei algo que te ofendeu, por favor me desculpa. É que boa parte do que aprendi do seu idioma foi com uma ajudinha da fada poliglota, na verdade, foi tudo bem de última hora. Mas

até que gostei de aprender enquanto assistia às novelas nacionais, os atores até tinham dentes tão bonitos que até pareciam naturais.

Se aquilo não era um sonho, então era um pesadelo, sabia que não devia ter assistido ao filme de terror da boneca de pano. Mas isso não vem ao caso, mesmo não sabendo se aquilo era real, pisco rapidamente para não perdê-la de vista. Então, sem fazer movimentos bruscos, levanto da cama para ficar em uma distância segura daquela boneca falante estranha.

– Como vou saber se isso é verdade? – Pergunto.

– Simples, pressione as suas bochechas e verá que não está sonhando – disse a fada, enquanto apertava o meu urso de pelúcia.

Será que aquele era algum truque de fada? Mesmo achando que tudo isso não é real, não sei se posso confiar nela. Mas, sem muita alternativa, apertei minhas bochechas e uma dor me lembrou de que havia extraído o dente hoje e que provavelmente o efeito da anestesia já tinha passado. Com certeza, ver criaturas mágicas não estava na lista de efeitos colaterais de uma pós-extração de siso.

– Acho que não começamos muito bem, permita-me apresentar-me novamente. Agora são exatamente nove e meia da noite, sem gritos dessa vez, por favor – ela pigarreia e bate as suas asas um pouco – Olá! Meu nome é Caliandra e, sim, eu sou uma fada. Tudo bem, querida? Ela olha para mim sorrindo, ainda esperando uma resposta.

– Tudo bem, eu acho – ainda estava tentando me recompor, mas acho que conversar um pouco não faz mal.

– Que bom! Sei que de início não deu para entender muita coisa, na verdade, quase nada, pois não é fácil tentar conversar com alguém que joga quase tudo que tinha em cima na mesa de cabeceira em nossa direção, não é mesmo? – ela faz uma pausa ao mesmo tempo em que abaixa suas asinhas – E te peço desculpas.

Um sentimento de culpa surge em mim, mas também não me ar-

rependo. Tento pensar em algo para falar, mas não consigo deixar de reparar no quanto aquela cena ainda era incomum e, ao mesmo tempo, tão familiar para mim.

– Eu trabalho para um departamento muito conhecido no reino das fadas. Somos especialistas em dentes humanos – diz ela com um tom de orgulho – Eu particularmente faço parte da equipe de coletas. Conhece?

– É... Acho que já ouvi falar dos seus serviços – Respondo.

– Imagino que sim! As fadas do dente de leite são as mais famosas entre o público infantil. Trocando moedas e outras lembrancinhas pelos preciosos dentes de leite das crianças – ela continuava sorrindo enquanto falava.

Lembro que quando criança, costumava jogar meus dentes no telhado da casa dos meus pais, então nunca recebi uma moeda debaixo do travesseiro. Já cheguei a ouvir histórias sobre crianças que receberam moedinhas após arrancarem seus dentes de leite, mas sempre suspeitei que isso fosse coisa dos adultos. No entanto, é a primeira vez que vejo algo sobre fadas do siso, e ainda por cima é a própria que está me contando.

– Bem, deixe-me dar uma olhada na sua ficha – ela folheou os papéis em sua mini prancheta – Nossa! Vejo que estão precisando atualizar os seus registros, pelo visto você tem passado por... – Calmamente, ela olha ao redor e encara algumas poucas caixas empilhadas – Mudanças?

– Sim... faz pouco tempo que moro sozinha.

– Isso explica porque foi tão difícil de encontra-la. Nem consigo mencionar o número de portais que precisei atravessar desde o reino das fadas para enfim conseguir chegar aqui.

– E a onde é que fica esse tal reino das fadas? – Pergunto curiosa.

– Informação sigilosa! Não tenho autorização para falar – disse

com autoridade na voz – O que posso te dizer é que estou aqui para fazer o meu trabalho. Já faz um tempo que fui promovida para fazer parte da equipe de coleta de sisos. Um grupo pequeno de fadas, atrás dos casos raros, como o seu, de adultos que levam o dente extraído para casa – disse ela, levantando o olhar para mim.

Nesse momento a vergonha estava me dominando. Só de lembrar na cara de surpresa que a dentista fez quando disse que queria ficar com o dente. Nem eu sei exatamente o motivo, só senti vontade de ficar com ele por mais um tempo. O que parece incomum para alguns, mas para mim parecia necessário.

– Está tudo bem, Anna. Não precisa ficar envergonhada, não – Caliandra sorri – Na verdade, você não sabe a sorte que tem.

– Sorte?... De conhecer a fada do dente?

– Isso também – ela pisca para mim – Mas você sabe qual a diferença entre uma fada do dente de leite e uma fada do siso?

– Imagino que seja o tipo de dente que coletam, certo?

– Obviamente que sim, porém o tipo de serviço é diferente.

– Como posso distinguir, se nem nunca vi uma fada do dente de leite?

– Exatamente! – ela diz empolgada – A missão delas é pegar o dente de leite, com todo cuidado do mundo para não serem vistas – ela explica ao mesmo tempo em que faz um movimento rápido, simulando se esconder atrás do meu ursinho de pelúcia – E na maioria das vezes deixam moedinhas, pois lembrancinhas dá muito trabalho para escolher e em alguns casos nem agrada à criança. Sem contar que, depois do incidente com uma fada do dente em 98, a firma recomenda que é melhor carregarmos uma moeda por questões de segurança.

– E as fadas do siso?

– Ah, sim, claro! Não posso me esquecer do principal – ao se levantar, ela ajeita a roupa um pouco – Como eu disse, as fadas do siso

são um grupo muito especial. Depois que as pessoas passaram a extrair seus sisos, também passamos a coletar esses dentes. Porém, a energia armazenada dentro deles é tão forte, que uma simples moedinha provavelmente não serviria para uma troca.

– Como assim? Por que vocês precisam de uma troca?

– Não posso te dar muitos detalhes... Mas lembra que mencionei que algumas crianças não ficavam contentes com as lembrancinhas deixadas? Bem, se o dono do dente não gostar genuinamente da troca, não conseguimos usar a energia dos dentes mesmo se levarmos eles para o reino das fadas. Por isso, o Conselho das Fadas dos Dentes sugere dar moedas para as crianças porque é mais fácil agradar.

– Tá explicado. E as pessoas que tiram o siso? Quer dizer que são mais difíceis de agradar?

– Quase isso, conforme as pesquisas do departamento de análises, o nível de satisfação deve ser compatível com o nível de energia armazenada no dente do portador. E dentes de leite geralmente não armazenam tanta energia quanto um dente permanente, principalmente sisos. E precisamos dessa energia para manter nossos poderes mágicos.

– Impressionante. Mas deixa eu ver se entendi... As fadas precisam fazer “trocas” por alguma coisa que deixe o dono do dente feliz, para assim poderem usar a energia que tem no dente como fonte para os seus poderes mágicos, certo?

– Isso mesmo – Ela diz empolgada – E os dentes são uma ótima fonte, quanto mais saudável for o dente, melhor.

– Agora faz sentido usarem as imagens das fadas em campanhas publicitárias sobre cuidar bem dos dentes, tinha um interesse por trás.

– E em campanhas para as crianças irem dormir mais cedo também! – ela então começa a rir. E fico com vontade de rir junto, mas uma dúvida bem grande ainda estava no ar.

– Mas...Se para as crianças deixam moedinhas, então o que costumam deixar para os adultos?

– Um desejo! – Ela responde empolgada – Porém... Entretanto... Todavia... – Faz sinal de suspense – Vem acompanhado por um pacote bônus de restrições e normas. Fiz até uma versão resumida e traduzida das nossas leis para você – Caliandra começa a folhear um livro menor que a sua própria mão – Outra coisa, você tem até meia-noite para fazer o pedido. Então, já vai pensando em algo aí.

Não faz nem muito tempo que tive de lidar com a notícia de que tem uma fada no meu quarto, na verdade, ainda nem estou totalmente convencida. Agora tenho pouco tempo para pensar em algo para pedir? Ela não podia ter feito da mesma forma que o gênio da lâmpada e ter me avisado logo de cara sobre isso?

– O tempo está passando! – diz ela fazendo sinal para um relógio em seu pulso. Bom, tem uma coisa que estou precisando e está na minha lista de sonhos de consumo já faz algum tempo.

– Que tal um computador novo?

– Tecnológica você, né?... Um computador novo? Tudo bem, vamos ver se existe alguma restrição quanto a isso...– Ela folheia seu pequeno livro de normas – Bem, está tudo ok. Podemos transformar o seu computador velho em um novo. Mas já vou te avisando que os bens materiais também têm prazo de validade.

– O quê? Como assim?

– Quero dizer que quando der meia-noite o seu computador vai voltar a ser o que era.

– Mas do que valeria um pedido assim?

– Tem gente que ainda arrisca. Que nem a Cinderela que depois teve que sair correndo do baile. Ainda me questiono como aquela garota conseguiu tanta coisa com um único pedido. Provavelmente o dente dela devia estar em outro nível de qualidade.

– Não é bem assim que conheço essa história, não foi uma fada madrinha que realizou o sonho dela? E ela não tinha ficado com um sapato?

– Na verdade, a fada do siso da época que tinha lhe dado o sapatinho, e logo após essa e outras infrações, iniciou-se assim o movimento das fadas madrinhas. E no reino das fadas, “as madrinhas” são vistas como heroínas por alguns e foras-da-lei por outros.

– Então... acho que vou pedir outra coisa – Porém ainda não faço ideia do que pedir.

– Agora faltam dez minutos para as onze horas da noite – diz ela me apressando.

Para organizar as minhas ideias, comecei a fazer uma lista de possíveis desejos, riscando aqueles que serviam ou não podiam. Se pedir um livro, não vai dar tempo de ler e se pedir dinheiro, provavelmente não vou conseguir gastar. O que será que vale a pena desejar? As ideias parecem fugir da minha mente. Sem contar que está difícil pensar em algo, principalmente com a fada Caliandra voando de um lado para o outro.

Ela voa até mim e pousa na minha escrivadinha.

– Será que enquanto você não se decide, pode me entregar o siso para que eu possa ir adiantando os preparativos? É que nosso tempo é curto, sabe?

– Ok – Vou até a minha mesa de cabeceira. Esperando encontrar meu dente enrolado em um guardanapo de papel. Mas, para a minha surpresa, não estava lá. Para variar, depois daquela cena que fiz ao me assustar com uma criatura mágica dizendo ser a minha fada do dente, não tinha como ter algo em cima daquela mesa. E mesmo olhando ao redor, não consigo ver nada que se pareça com um guardanapo. Apenas uma pequena bagunça que surgiu do meu desespero.

– Na mesinha?! Aquela mesma “mesinha” que você quase jogou

em cima de mim à pouco tempo atrás? – Pergunta um pouco alterada
– Eu não estou acreditando que você perdeu o seu próprio dente – Ela diz como se aquilo fosse a coisa mais absurda do mundo. Mas agora que reparei, ela parecia muito preocupada, sem contar que segurava algum tipo de graveto pequeno em forma de um Y. Será que aquilo seria algum tipo de varinha de condão?

– Não se preocupe, vou achar o seu dente, mas parece que o meu ultra-localizador não quer funcionar – Ela aponta o objeto para mim.

– O graveto? – pergunto ainda tentando entender. Ao olhar mais de perto, vejo que aquilo não se parecia em nada com uma varinha mágica. Não que eu já tivesse visto uma que não fosse cenográfica, mas ainda assim é bem diferente do que esperava.

– Não é um graveto! – refuta – Isso é uma ferramenta muito importante para as fadas, uma tecnologia mágica que facilita nosso trabalho de localizar qualquer coisa que desejarmos – diz orgulhosa.

– E por acaso o seu gravet... Digo, a ferramenta mágica está com problemas técnicos?

– Não é a primeira vez que isso acontece – ela analisa o objeto em suas mãos – Espero que ainda esteja dentro da garantia.

Correndo contra o tempo, procuramos pelo resto do quarto, mas nem sinal do meu siso. Caliandra não parava de voar de um lado para o outro, revirando tapetes, olhando em cima dos armários e até revirou a minha cesta de lixo. Tudo que estivesse no campo de trajeto dos arremessos que fiz.

– O nosso tempo está acabando e ainda nada desse dente! E agora? Não posso ligar para a equipe de coleta e dizer que perdi o dente de vista.

– Calma! Talvez eu tenha deixado em outro lugar – Tento tranquilizá-la. O que era irônico, pois algumas horas atrás era ela quem estava tentando me acalmar.

– Você não entende! Eu posso perder meu emprego se não completar a missão direito. Não posso falhar de novo e essa era a minha última chance – Diz ela colocando as mãos no rosto. Ainda assim consigo ver sua aflição se manifestar em suas asas caídas como folhas murchas de uma planta. Parece que até as fadas têm problemas.

Preciso rever meus passos, tenho certeza que eu trouxe meu siso para casa. Primeiro, após chegar do dentista, tenho quase certeza que havia deixado meu dente enrolado em um guardanapo em cima da mesa de cabeceira no seu quarto. Segundo, fui até a cozinha para pegar uma bolsa de gelo para por no local da extração pelas próximas horas. Terceiro e não menos importante, após acordar de um cochilo demorado, me deparo com a fada do dente que veio em busca do seu siso. Até aí tudo bem, nada de anormal, tirando a parte da fada e do arremesso dos objetos.

– Vamos! Não custa tentar procurar em outro lugar – Caminho até a cozinha e ela vem voando logo atrás de mim.

Olhando ao redor não consigo notar o paradeiro do meu dente. A não ser que... Será que guardei na geladeira?

– O que você está fazendo? Não vai me dizer que deixou o seu dente na geladeira? – Ela pergunta colocando as mãos na cintura.

– Bem capaz que sim – Respondo, verificando primeiro o congelador, mas não vi nada parecido com meu siso.

Caliandra tenta abrir a porta de baixo e dou uma ajudinha. Rapidamente ela explora o interior da geladeira. A pequena fadinha parecia que estava dentro de outro mundo.

– Nossa! O que são essas coisas moles e coloridas aqui?

– São gelatinas! A minha principal refeição nos próximos dias, pelo menos até me recuperar parcialmente da cirurgia de extração do meu siso.

– Gente, vocês humanos colocam de tudo mesmo na geladeira

– ela diz enquanto revira as prateleiras – Só nessa porta encontrei várias coisas, tem coisa aqui que tenho certeza que não é alimento. Porém, nenhum sinal do seu dente.

Procuramos nos outros cantos do apartamento também, mas até o momento não encontramos nenhuma prova do paradeiro do meu dente. Logo voltamos para onde tudo começou. Sentada na minha cama, fico olhando ao redor do meu quarto até voltar a ver a cara de frustração da pequena fadinha.

– Eu não entendo – Caliandra resmunga – Segundo o relatório feito pela equipe de localização o seu dente está por aqui, você trouxe ele com você, não é mesmo?

– Sim! – Concordo com a cabeça. Mesmo não tendo certeza de tudo que estava acontecendo, não acho que me confundiria com uma coisa dessas – Será que não podemos pedir reforços para as outras fadas?

– Esquece. Faltam só dez minutos para meia-noite, não vai dar tempo – Ela cobre o rosto com as mãos – A culpa é toda minha, não devia ter tagarelado tanto. Vou ser demitida por justa causa e ainda por cima você vai ficar sem fazer o seu desejo especial. Me desculpa Anna. Eu sou um fracasso como fada do dente – ela pousa na minha cama e abraça o meu ursinho de pelúcia.

– Não, Cali! Não me importo mais em fazer pedido nenhum! Olha, qualquer coisa, você pode dizer que foi culpa minha – afinal, fui eu quem perdeu o dente – Fala que enrolei demais para dizer o que queria e acabei passando da hora.

– Não, eu não posso mentir!

– Por que não? Eu tenho certeza que iriam acreditar em você e...

– Não é isso – Ela me interrompe, levanta voo e me encara – É um encanto do código de ética profissional das fadas, literalmente não tenho como mentir no meu próprio relatório. E nem pretendo tentar.

– Mas pelo visto consegue esconder a verdade.

– Eu prefiro dizer que é algo confidencial – Cruzando os braços , ela volta para o meu ursinho – Mas e você? Por que resolveu ficar com o seu siso? – Pergunta em um tom mais calmo.

– Eu... – Abraço minhas pernas, tentando achar uma resposta enquanto encaro minhas meias cinzentas – Não sei bem. Acho que talvez tenha sido, por nunca receber um presente da fada dos dentes antes.

– E por que você acha isso? – Ela parece estar impressionada.

– Simplesmente porque nunca coloquei meus dentes de leite debaixo do travesseiro para esperar que fadas viessem me dar uma moeda enquanto dormia, meus pais também nunca incentivaram esse tipo de coisa. Eu sei que parece algo muito infantil da minha parte, mas é assim que me sinto.

– Anna – ela faz uma pausa ao me encarar – Eu nunca disse que as fadas deixavam presente somente se o dente estivesse debaixo de um travesseiro.

– Espera um momento, o que disse? – Chego mais perto para ter certeza de que não escutei errado – As fadas do dente de leite tem outros meios para entregar seus presentes?

– Mas é claro! Está pensando que a gente é que nem o senhor Noel que só entra na sua casa se tiver chaminé? Se bem que ele já parou de fazer isso já faz um tempo depois que terceirizou o serviço de entregas.

– Quer dizer que eu já ganhei um presente das fadas em troca dos meus dentes de leite? Mas como eu nunca percebi nada disso?

– Por acaso você já teve um dia em que encontrou uma moeda no meio grama ou achou no meio das suas coisas e pensa que era seu dia de sorte? – Sorrindo, ela vai até o meu ursinho de pelúcia e arrasta ele até mim – Ou ganhou algum sorteio de algo que queria muito?

Algumas lembranças começam a se acender em meio as minhas memórias. Eu mal podia acreditar. Todo esse tempo as fadas dos dentes sempre estiveram me presenteando?

– Segundo a sua ficha, você era uma criança muito esperta e agitada demais para dormir cedo. De acordo com seus costumes, não seguia o modelo padrão de pôr os dentes embaixo do travesseiro, sempre jogava seus dentes no telhado com o pedido de os novos fossem mais saudáveis. Mas ainda assim esperava uma recompensa por seus dentinhos de leite amarelados, não é mesmo? – Ela folheia novamente os papéis em sua mini prancheta.

– É... Confesso que não era muito fã de escovar os dentes antes de dormir.

– Percebi, agora tá explicado seu medo de dentista, vivia fazendo obturação para tratar dos dentes cariados. Crianças que nem você são a razão do estresse de muitas fadas que conheço – Comenta em tom de brincadeira e eu não consigo conter a risada.

– Bem, já são meia-noite – Ela verifica em seu pequeno relógio – Preciso ir embora, encarar a realidade.

– Você vai ficar bem?

– Não se preocupe. Não vou ser trancada em uma masmorra por isso, provavelmente vai ser só uma suspensão ou uma demissão eterna sem remuneração. O que também não é uma coisa legal, mais vai ser bom para mim, sair dessa rotina de atravessar portais de um lado para o outro – disse em um tom otimista – Pelo menos não vou precisar mais dessa bugiganga mágica – Ela joga o seu Ultra-localizador com aparência de graveto em cima do meu travesseiro.

Voltamos a rir de tudo aquilo. Até que percebi que o graveto começa a se mover sozinho, fazendo movimentos em círculos sobre o meu travesseiro.

– Eu não acredito nisso! – Caliandra vai andando até lá, tomando cuidado para não tropeçar nas cobertas – Será que quebrou de vez? Eu ainda estava pensando em devolver para loja.

– Qual o problema dele? – Pergunto, mas ela não me responde de

imediatamente. Em silêncio, ela parecia estar analisando algo.

– Anna, me responde uma coisa? – ela se vira até mim segurando o aparelho de localização, que agora parecia estar estável – Em algum momento você pensou em procurar debaixo do seu travesseiro?

Eu não podia acreditar. Ao levantar o travesseiro, lá estava o guardanapo amassado e enrolado dentro dele o dente mais temido pela humanidade, o siso.

– Bom, antes tarde do que nunca – Caliandra pega o dente e coloca na minha mão – Desculpa por não poder realizar o seu desejo – Disse num tom de tristeza. Percebo que novamente estava com as asas mur-chas, acho que aquele era o jeito dela de mostrar condolências.

– Tudo bem. Eu também te peço desculpas por não colaborar com o seu trabalho no começo – Agora sinto arrependimento.

– Sem problemas. Mesmo que provavelmente esse não seja mais o meu trabalho.

– De toda forma você conseguiu realizar um sonho de infância que estava guardado. Estou muito contente em poder te conhecer, para mim, você vai ser sempre a minha fada do siso.

Antes que pudesse perceber, sou atingida por um pequeno abraço de fada. Suas asas não pareciam mostrar mais tristeza. E uma forte emoção de alegria e gratidão tomou o lugar de todo o medo e desconfiança que havia sentido. Eu não a enxergava mais como uma boneca falante assustadora ou uma pequena criatura mágica de existência questionável, agora via apenas quem ela mostrava ser, Caliandra.

– Ei! O que acha da gente comer gelatina?

– Como sua fada do dente, eu diria que aquelas coisas brilhantes e coloridas podem expor seus dentes a um nível ameaçador de açúcar e acidez. Mas, contanto que a gente não deixe de escovar os dentes depois... Vamos nessa! – Disse empolgada – Qual sabor devo escolher primeiro? Verde-esmeralda ou amarelo-girassol?

Apesar de tudo o que passamos, foi uma noite bem divertida. Nunca imaginei que um dia uma fada seria minha amiga. Por incrível que pareça, espero de verdade que isso tudo não seja apenas um sonho.

- A gente ao menos vai se ver de novo?
- Quem sabe, talvez se você fizer mais gelatina.
- Pode ao menos me dizer qual foi a sua novela favorita?
- Hum, essa informação também é sigilosa.

A gente então começa a rir, como se nenhum problema estivesse nos preocupando mais. E assim nos despedimos.

Quando vou deitar na minha cama, não vejo o meu ursinho de pelúcia. E quase como por instinto, percebi de imediato que ele está debaixo do meu travesseiro. No entanto, ao lado tinha algum objeto brilhante e reluzente. No mesmo instante, sinto uma alegria como se segurasse o maior dos tesouros em minhas mãos.

- Uma moeda?



Satisfação incompleta

JEANLUCAS FRANK ESCOBAR GOMES

Era uma manhã de agosto, acordei muito ansioso, esperava um e-mail importante que poderia mudar minha vida. O céu apareceu acinzentado, como quando há uma intensa chuva iminente. Formava-se uma ventania considerável, um tempo perfeito para ficar em casa, mas meu nervosismo me forçou a sair, procurar algo para fazer, e assim não ter de suportar meus próprios pensamentos no silêncio de uma residência quase vazia. A cidade em que eu morava era mediana, nem muito grande, nem muito pequena, ainda detinha um pouco do ar interiorano que me trazia certa tranquilidade.

Algumas ruas para cima havia uma cafeteria em que amava passar o tempo por ser pouco movimentada, o que não seria diferente nesse dia. Quando adentrei, não tive nenhuma surpresa, o mesmo ambiente, o mesmo vazio que fazia qualquer um questionar como aquele lugar se mantinha. Pedi um cappuccino como habitual, esperei o preparo, recebi minha maravilhosa bebida bem quente e me direcionei ansiosamente para um lugar perto da TV da cafeteria. Infelizmente, notei

que alguém já estava na mesa com a melhor vista e era justamente a única pessoa além de mim a consumir algo naquele local em tal momento. Era uma moça com cabelo castanho e algumas mechas loiras, ela parecia ter altura média, mera suposição minha já que se encontrava sentada, e possuía um rosto pálido. Questionei-me o porquê de não a ter notado logo quando entrei no estabelecimento, poderia ter desistido do café, mas agora teria de me contentar em sentar numa mesa próxima dela de forma estranha, ao meu contragosto – e, provavelmente, dela também – nesse ambiente com inúmeras outras mesas para se escolher, mas, para minha desgraça, muito distantes da televisão.

Sempre gostei de ficar perto da TV da cafeteria acompanhando as notícias, me fazia esquecer os problemas, pode parecer estranho agora que temos tudo nas palmas de nossas mãos por meio de nossos celulares, mas era a imprevisibilidade da TV que me atraía. Tratava-se de uma roleta russa, poderia passar uma matéria científica irrelevante, uma fatalidade com inúmeros mortos e muita exploração de audiência, uma futilidade de um “famoso” que ninguém conhece, uma propaganda malfeita de um produto de utilidade duvidosa, um crime narrado com o máximo de sensacionalismo ou mesmo uma matéria que me toque ao ponto de mudar minha forma de ver o mundo. Uma roleta russa com cinco balas no tambor, mas que ainda tirava meu foco do cotidiano, então cumpria o papel que eu almejava.

Quando me sentei perto da televisão – na segunda melhor vista – a moça logo me encarou, percebi seus grandes e brilhantes olhos castanhos. Não era de se surpreender que um estranho escolhendo se sentar próximo a você em um ambiente com inúmeros outros lugares seja incômodo, comparativamente ao inconveniente daquelas pessoas que se sentam ao lado de outras em ônibus quase vazios. Contudo, ônibus não tinham televisões, muito menos café, então ignorei o paralelo que

traçava na minha mente e tentei me concentrar no noticiário. Entretanto, eu estava muito preocupado com o e-mail que tinha para receber, encontrava-me desfocado, era aquela situação de quando apenas existimos estáticos em um ambiente de contínuo movimento e parecemos não nos importar com o tempo escorrendo por nossas mãos relaxadas e soltas como o resto do corpo a mercê das direções avulsas dadas pelo Universo. Ainda assim, escutei no programa televisivo um jornalista dizer algo peculiar, alguma coisa sobre uma parcela considerável dos americanos se considerar solitária, isso tomou minha atenção... Um país desenvolvido, boa educação e segurança, serviços de saúde eficientes, ainda que caros, qualidade de vida elevada, tantas coisas que inúmeros povos matariam – e realmente matam – para ter, mas não parecia ser suficiente para quem tinha, senti um pouco de aversão a isso, talvez “um pouco” seja até eufemista. No entanto, uma voz suave e bem leve me tirou do transe:

– Ei!

Olhei em volta e a moça me encarava, aparentemente aguardando alguma atenção e continuava:

– Por que acha que eles se sentem assim?

Eu não tinha certeza do porquê dela puxar assunto, se era para amenizar o clima tristonho deixado pela notícia ou mesmo uma sincera curiosidade que te faz requerer diálogos com estranhos numa cafeteria. A única coisa que sei é que eu não tinha vontade alguma de conhecer alguém ali, muito menos debater sobre a solidão dos americanos, eu queria somente receber logo meu e-mail. Todavia, a educação – para não dizer o peso na consciência – falou mais alto e eu respondi em tom de desinteresse:

– Não sei.

Penso ser uma fala curta e consistente. Não foi difícil perceber no rosto dela que não era a resposta desejada, mas era a perfeita para

matar a conversa de uma vez e eu sabia disso, inclusive, quase me orgulhava da desistência de diálogo que ela seria obrigada a aceitar. É, mas eu estava errado e logo ela continuou em um visível tom de deboche:

– Nem uma ideia? Nem um pensamento?!

Ali estava óbvio que eu não me livraria da situação se não entregasse o que ela queria. Por um breve momento, toquei a tela do meu celular e vi não haver qualquer notificação, então decidi entrar de uma vez nessa conversa:

– Se eu fosse um filósofo contemporâneo ou um jornalista engajado, diria que é por causa das redes sociais, da distância que elas constroem entre as pessoas enquanto acham que estão mais próximas ou algo assim.

– Parece ter sentido, disse ela e a interrompi rapidamente:

– Mas, eu não sou nenhuma dessas coisas. Então, acredito que essas pessoas estão apenas infelizes por suas vidas, pela totalidade delas, não somente pela mudança das relações humanas.

Eu preciso confessar antes que duvidem de minha sanidade: eu jamais afirmaria coisas tão subjetivas, extensas e com tamanha convicção para uma desconhecida qualquer em meus dias comuns. Porém, aquele dia era diferente, eu estava ansioso, desconcertado, apenas querendo assistir TV, mas entregando a uma estranha o diálogo que ela parecia tanto buscar, então me dei liberdade para falar o que me viesse a mente. Logo, a moça me respondeu:

– Tudo bem, mas por que acha que as pessoas estão mais infelizes?

– Eu não disse isso... Apenas falei que estão infelizes, sem o “mais”. A solidão é um sintoma da infelicidade ou talvez o contrário, não importa, o resultado é o mesmo. Mas, se quer mesmo saber, acho que as pessoas sempre foram infelizes, desde que nos entendemos como es-

pécie, apenas estamos tentando expressar isso em números e notícias escandalosas por agora.

– Hum... murmurou ela.

Ela me encarou por um tempo, em pleno silêncio. Eu comecei a cogitar se fui rude na forma de me expressar ou algo do gênero, não era minha intenção. Nesse meio tempo reparei novamente em seus olhos: castanhos, grandes e brilhantes. O olhar dela era algo muito diferente, me incomodava a forma como parecia passar por mim, não por minha superfície, mas como se pudesse ver por baixo, como se alcançasse meus pensamentos. Ao mesmo tempo, eu gostava daquilo. Após certo período, ela inicia uma fala:

– Eu acho que você está errado.

Ela disse com um tom de menosprezo e faz mais uma pausa, fico aliviado por ela não parecer magoada com minha resposta anterior, mas sim insolente e espero a continuidade de seu raciocínio que não demora a ocorrer:

– Dizem que muitas pesquisas apontam os povos nórdicos como bem felizes. Não sei exatamente a diferença deles para os americanos, talvez a qualidade de vida mais alta, menos desigualdade social, não parecem gostar tanto de armas e guerras como os EUA, etc. Mas me chamou a atenção o que você disse sobre infelicidade, não acha que talvez esteja com um padrão de vida infeliz em mente e generalizando?

Aqui deve ter ficado claro que ela era uma pessoa inteligente. Alguns indivíduos poderiam se sentir desconfortáveis com a insinuação dela, digo, ao me acusar de ser infeliz e, por isso, ver todos como infelizes, por mais rebuscadas e minimizadoras fossem as palavras que ela utilizasse para isso. Contudo, eu não me importava, já havia aceitado a infelicidade como uma certeza da vida há muito tempo, mas estava disposto a garantir meu ponto e decidi continuar correndo o risco de beirar o cinismo e até mesmo o negacionismo:

- E quem garante que os nórdicos são mesmos felizes?
- As pesquisas, é claro!
- E como elas podem garantir que eles saibam o que é felicidade?

Ela olhou para mim e riu, um sorriso muito bonito, diga-se de passagem. Logo soltou:

- Quer mesmo dizer que sabe mais da felicidade das pessoas do que elas próprias?

- Não, quero dizer que sei mais da infelicidade mascarada por números do que quem acha que é feliz, mas não é.

- Então, você duvida dos números? Eles não pareciam te incomodar quando se tratavam de uma grande parcela de solitários americanos.

- Claro, a solidão é fácil de se identificar, todos sentimos em algum momento, a felicidade temos dificuldade até em conceituar, quanto mais saber se já a vivenciamos.

Ela parou por um momento, olhou ao redor, acredito que refletindo sobre a existência ou não de veracidade nas minhas palavras. Logo, retornou ao debate:

- E o que é felicidade para você?

- Uma utopia.

- Você não acredita que as pessoas possam ser felizes? Conheço pessoas que passam a vida sorrindo.

- Sorrir não significa ser feliz. Eu acredito que as pessoas podem ter seus momentos de alegria, um contentamento passageiro, um sorriso ou outro, uma descarga de dopamina, etc. Mas não podem ser felizes, pois um sentido comum de felicidade vem de uma alegria contínua e isso não existe, não importa quão sortudo você possa ser durante sua vida, a tristeza é uma certeza fundamental.

- Está bem, está bem, esse discurso é clássico, mas isso de “alegria contínua” é um pensamento infantil! A maioria dos adultos não vê

a felicidade dessa forma!

Ela realizou essa afirmação com convicção e revolta, tive a impressão de que esse assunto era mais do que uma conversa de cafeteria para ela, era um confronto entre concepções de vida, aceitar a inexistência de algo como a felicidade poderia ser como assassinar as motivações que ela tinha para suas atitudes cotidianas, como quaisquer outras pessoas. Mas eu queria saber até onde poderia ir, por isso continuei:

– Tudo bem, então para você, o que é felicidade?

– Felicidade é... satisfação, estar satisfeito com sua vida.

– Acho que isso recai na mesma coisa: não devem existir pessoas satisfeitas com suas vidas.

– Por que não?!

– Porque todo mundo busca mudar algo em sua vida, não há completa satisfação. Se houvesse coisa do tipo, as pessoas ficariam permanentemente inertes.

– Não precisa ser completa satisfação, quero dizer que há pessoas que podem olhar para suas vidas e dizerem: “é, eu gosto do que estou vendo”.

– Eu duvido muito, sempre há algo em falta que chama mais atenção do que as coisas que já estão lá. É isso que move as pessoas.

– Discordo, as pessoas podem buscar coisas novas mesmo estando contentes com a vida que possuem, apenas pelo prazer da mudança.

– É mesmo? E você está satisfeita com a vida que possui?!

Confesso que após essa pergunta senti um certo arrependimento. Talvez fosse cruel e eu estivesse levando a sério demais essa discussão, sendo que nem saberia dizer o porquê. Mas a moça não demorou a responder:

– Não, não estou, mas tenho em mente o que seria necessário para estar.

- E o que seria?
- O básico: amor, uma boa família, estabilidade financeira, etc.
- Não me parece ter nada de básico nesse pacote de felicidade, na realidade me parece ser bem caro...

- Por que acha isso?

- Vamos lá: quantos casais que realmente se amam você conhece?

Começam com atração, passam pela paixão e nesse estágio acham que são almas gêmeas, mas a paixão acaba, a racionalidade volta e percebem com o outro é sempre mais defeituoso do que os sentimentos iniciais disfarçavam. O resultado é o divórcio ou a continuidade e, nesse último caso, a maioria dos casais que estão juntos por muito tempo é por conveniência, não querem se dar ao trabalho da separação, seja pela estabilidade financeira ilusória, preceitos religiosos, medo do julgamento de familiares, dependência emocional ou talvez a existência de um filho para criarem. Isso parece ser um caminho mais próximo da infelicidade contínua do que felicidade por satisfação emocional.

- É uma visão bem pessimista...

- Talvez, mas conseguiria dizer que é mentira?

Mais uma vez ela para de falar para refletir. Eu gosto disso. No nosso dia a dia, somos forçados a dar respostas rápidas diante das mais diversas situações. As mídias reforçam isso: em filmes, séries, livros, até mesmo contos, os personagens dão respostas rápidas e extremamente concisas, mesmo ao falarem de temas novos para eles. Isso não ocorre na realidade, precisamos de tempo para pensar nas coisas se queremos chegar a um bom resultado, a pressa nos faz tirar conclusões precipitadas. Mas ignoramos tudo isso e continuamos dando respostas apressadas porque parece que a sociedade exige tal atitude, parece que pensar demais é uma demonstração de fraqueza, de burrice e despreparo. Entretanto, essa moça não se comportava assim, ela não se importava em permanecer um bom tempo em silêncio

enquanto pensava sobre o que conversávamos para dar uma resposta que realmente acreditasse. Enquanto eu divaga nesses pensamentos, ela estava pronta para continuar e disse:

– É uma verdade.

– Sabia que concordaria!

– Mas... Não é uma verdade absoluta, ainda há uma chance de se superar o estado da paixão, voltar à racionalidade e aceitar os defeitos do outro, há uma possibilidade de existir amor por trás de tudo.

– Tudo bem, há essa possibilidade, mas é muito pequena.

– Ou seja, não é nula, é o que me basta.

Confesso que essa positividade dela me irritava, era incômodo. Antes de continuar o diálogo, aproveitei o momento para verificar o e-mail mais uma vez.

– O que é que você tanto olha nesse celular?!

– Você é curiosa, né?

– Sim, eu sou, me conte o que é. Já me falou das suas concepções pessoais de felicidade mesmo, não há algo para se esconder ou surpreender.

Infelizmente, ela estava certa. Pensando sobre isso, lá estava eu falando com uma total estranha sobre nossas crenças fundamentais em relação a vida, sem qualquer filtro. Acho que a ansiedade pelo e-mail que me influenciou a fazer isso, mas realmente não tinha porque esconder, não era algo surpreendente:

– Estou esperando o resultado de uma proposta de trabalho, uma proposta muito boa bem longe daqui.

– Ahhhh, é só isso?

– É, desculpe a decepção se esperava algo maior.

Ela riu. Mas não tardou em continuar:

– Para alguém que debocha tanto da felicidade e da satisfação, você parece bem empenhado em buscá-las, não é mesmo.

- Não estou buscando felicidade, apenas uma melhora de vida.
- Nem você deve acreditar nisso, mas seu ego fala mais alto, então

não admitirá.

Fiquei impressionado com a audácia dela nas palavras, mas eu ri, era bom ter alguém tão sincera ao lado. Ela voltou a falar:

- Ainda assim, você está muito ansioso para uma proposta de emprego que parece querer tanto...

- É uma proposta complicada, o salário é ótimo, a localidade também, mas eu gosto daqui, gosto desse ar intermediário de interior e cidade grande ao mesmo tempo.

- Hum... Se considera “satisfeito” com sua vida por aqui?

- Boa tentativa, mas não, não me considero satisfeito aqui e também não me sentiria assim por lá.

- Então, qual o propósito dessa mudança?

Fiquei em silêncio, eu não tinha uma resposta para isso.

- Desculpe, talvez eu esteja sendo muito intrusiva.

- Não, não... Você está certa. É que eu realmente não sei com exatidão o que busco por lá.

- Talvez... Felicidade?

- Haha, é, talvez.

Já havia passado um bom tempo, eu terminei o capuccino e as funcionárias da cafeteria em encaravam como fazem quando alguém ocupa espaço sem pedir nada, mesmo que espaço não fosse algo em falta naquele local. Então, por livre e espontânea pressão, decidi me despedir para ir embora:

- Acho que já está tarde, preciso ir.

- Sério? Tão rápido...

Ela disse isso com uma real expressão de tristeza.

- Sim... Mas nossa conversa foi ótima. Desculpe se tiver sido grosso em algum momento.

– Não foi, tudo que vi foi sinceridade, com altas doses de pessimismo, mas apenas sinceridade.

Eu ri, mas lembrei que não nos apresentamos mesmo após conversarmos tanto, então prossegui:

– Ah, meu nome é Thiago, tinha esquecido de dizer.

– Tudo bem, eu também havia esquecido: meu nome é Sarah, é um prazer.

Depois disso, trocamos sorrisos e me direcionei para a porta. Ainda assim, havia uma sensação dentro de mim, um querer mais daquela conversa. Mas ficou por isso e eu saí da cafeteria. Quando cheguei em casa, pensei sobre tudo que Sarah me disse: felicidade como uma satisfação incompleta. Parecia-me algo paradoxal. Antes de dormir, verifiquei o celular mais uma vez e, para minha surpresa, lá estava a resposta da minha oportunidade de trabalho, eu havia sido escolhido, mas havia uma exigência de confirmação da minha disponibilidade sem dúvidas ou recusa da proposta até o final da semana. Entretanto, eu não detinha mais uma completa certeza.

No dia seguinte, fui à cafeteria no mesmo horário para tentar encontrar Sarah e dizer a novidade, mas ela não estava por lá. Questionei as funcionárias sobre se a conheciam e tinham algum contato, mas não obtive nada. Retornei ao local sucessivamente até o fim da semana e não a encontrei. No último dia, eu precisava responder o e-mail, então me direcionei à cafeteria mais uma vez, o céu estava bem limpo, havia muita luminosidade, mas pouco movimento nas ruas. Cheguei ao estabelecimento, pedi um capuccino e me sentei próximo da TV. Olhei ao redor e o ambiente estava vazio como sempre. Peguei meu celular e digitei a resposta da oferta de trabalho, escutei a porta da cafeteria se abrindo, mas resolvi não dar atenção, focando no que eu fazia. Por fim, enviei a resposta e selei meu destino.



A margem do rio que sonhei

DANIELLA TAVEIRA DOS PRAZERES

Estava no rio Grande, no cais da cidade, águas limpas, banhos refrescantes, o rio refletia a vida que pulsava em minhas veias. Me sentia em um paraíso só meu, tão jovem já nadava com a convicção de que Iemanjá me guiava do líquido até as margens terrenas. Saía delas renovada, ilesa, abraçada.

Iansã em frescor de vento se misturava à sensação de plenitude e clareza, provocando a dança das gotas, da parede plana do líquido espelhado. Perfeição do toque da água e do vento sobre a pele. Aos ouvidos o som da natureza, a composição do todo por uma orquestra: pássaros, galhos, risos entre splash, tchibum, novamente pássaros. Sussurros em vozes altas, tons da alma contida que se libertam em cada margem do rio e na sua travessia.

Aprendi a amar as águas, o rio e a vida! Na infância descia para a Vila Brasil e no fim de semana era uma festa, quantas pessoas felizes e entorpecidas pelas águas no calor fumegante de Barreiras. Apesar do preconceito periférico, fortemente generalizado e cego, no passado a

palavra “droga” ou “local perigoso” nem se quer existia no vocabulário do bairro.

Lavadeiras, pescadores, crianças, famílias e jovens. Contemplávamos as águas e tudo que a cercava como quem saboreava uma moqueca de surubim após o longo jejum da Quaresma na Sexta-feira da Paixão. Feliz década de 1970! Segui feliz até 1990, embriagada pela a doce água do rio.

Casas sem muro, muitas de barro, sem banheiro, cômodos apertados, ruas sem asfalto. Aos poucos, em um processo lento as construções e caminhos vão se transformando, assim como a paisagem. Durante as chuvas, o bairro ainda alagava. Durante a chuva encontrávamos piabas pelas ruas.

A Vila Brasil é um bairro de alegria, de pessoas determinadas, obstinadas, trabalhadoras. Todavia, como todo bairro histórico, existem regras-ensinamentos: Não podia passar por Mãe Titinha sem dar à “bença”, dizia sempre a vovó, é respeito, ela é a mãe de pegação de quase todos, a antiga parteira, de um tempo em que hospitais eram um sonho distante. Dona Titinha, fundadora do grupo do Divino Espírito Santo, respeitada, amada pela família e com uma lista incontável de afilhados e afilhadas continuava a ser uma mulher requisitada nos momentos tristes e alegres.

Não podia passar sem cumprimentar as pessoas sentadas nas portas, todos se conhecem dos avós aos bisnetos. Existe tranquilidade, crianças correm pela rua, jogam bola, empinam as pipas, bola de gude, pião, bandeirinha, dono da rua, elástico e todas as cirandas e cantigas. Sim, há tranquilidade.

A praça Joaquim Neto, antes, praça do Coreto, porque tinha um bem no centro. Na eleição era palanque dos políticos. À noite, era o lugar mais badalado, então não podia ter crianças nesse horário desacompanhadas. No entanto, o bom mesmo era nos fins de tarde, o

pequeno coreto, se transformava em palco para a meninada. Nele, podíamos brincar de imaginar ser qualquer personagem ou artista.

E o mais importante, não pode descer para o rio sem adulto ou permissão, cuidado com o Nêgo d'água, pois ele te puxa para o fundo, dizia o vovô, ele contava ter visto a mistura de homem e criatura várias vezes em suas pescarias. Tem também o remanso, o redemoinho que te arrasta e por mais que você tente nadar, é inútil, te cansa, onde a água é mais escura mora o perigo. Cuidado, menino! Não vá para o rio escondido. E, infelizmente, assim, muitos pais perderam filhos ainda crianças e jovens. Até hoje, a quem diga que foi o Nêgo d'água.

As águas pariram Barreiras, gente e riquezas trazidas pelo rio. Histórias fabulosas envolvendo os leitos do Rio Grande e Rio de Ondas, outras tristes e descontentes. Mas, conto, lenda e fato fazem parte de um legado, triste ou não. Hoje, o mais preocupante é que parece que foi ontem os mergulhos de satisfação que tanto vivi.

Tudo é diferente agora, visivelmente, as águas estão rasas, cada vez mais poluídas. É o brutal valor da corrida pelo dinheiro, dos anos sem infraestrutura. Contemplam-nas em versos ou causos idílicos. Tristeza! Se o gosto da água que mata a sede é indescritível, um alívio em abundância nos dias quentes. Desolador é o olhar diante da morte do rio-vida.

Vejo da margem, a mudança que o ser humano é capaz de fazer. Observo calada, pois na mente são tantas lembranças dentro d'água. Banhos no rio do cais, banhos no rio da Vila. As pessoas de vida simples, sem família rica, vivem às margens da sociedade, algumas construíram suas moradias às margens do rio Grande que pela cidade percorre resplandecente, só que em pontos afastados dos grandes barcos. Tudo é água, água é vida. rio-água-vida em perfeita sintonia, por isso somos corpos de água-viva em simetria. Sem a substância líquida não há caminho possível.

Cada olhar atento da margem revela o que tenho vontade de ver: aquele rio rico de novo, eu nele, meu olhar refletido no espelho transparente, os gritos de alegria e não de dor ou nostalgia das lembranças contidas. Não tenho retrato, uma pintura, um vídeo que apresente tanta felicidade. Gostaria de ter o poder de extrair das cabines da memória uma foto, todos os sons, cheiros e olhar que me entorpecem quando aqui estou, parada nesta margem.

Muitas pessoas tiveram suas vidas transformadas por essas águas, outras nem se quer a conhecem profundamente. Mas de alguma forma, ser barreirense nos permite mergulhar em tempos pretéritos singulares, quem iria imaginar naquela época vidas de um indivíduo ou lugar dentro de um aparelho celular? Então, nosso *feed* e *stories* eram construídos nas indas, vindas e nos momentos desfrutados na magnitude do Rio Grande.

Eu lembro desse rio como o sabor do quebra-queixo, do algodão doce, do caminhão de biscoitos que na Vila Brasil passava nas tardes escaldantes. Não usávamos dinheiro, a moeda era uma garrafa. Eu lembro do rio Grande como sinto na memória o cheiro de terra molhada das primeiras chuvas do ano.

Pensar no rio é salivar pelas memórias de seus frutos de cada estação: juá, manga, jatobá, juá mirim, mutamba e pimenta-de-macaco. Sabores de amor, de infância. Nosso paladar era nutrido pela dança das estações. Vislumbro também, as lembranças de ardor profundo do que apenas desejei comer.

Passado e presente coexistem na confluência de ser, tudo é fluido, como a famosa frase atribuída ao pensador Heráclito: “Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos”, e também, “em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição.” Essência da transformação, de sua lei, do que sou e do que poderei ser.

Grande sabedoria filosófica, mas ainda distante da mente infanto-juvenil, isso porque acreditávamos que nós e o rio seríamos para sempre um, no entanto, agora sei que a cada mergulho há um novo rio, há um novo ser. Não havia lugar maior ou melhor que existisse, na inocência juvenil entregamos nossa energia e felicidade em cada canto daquela margem. Contudo, as atitudes de uma mente precoce podem ser surpreendentes.

São muitas histórias para contar, mas esta – a escolhida –, significa transformação do rio que era e hoje não tenho mais, mesmo com o olhar de encanto, a mudança é algo inevitável nem eu e nem o rio somos o que em outrora figuramos ser, ou desejamos nos tornar.

Criança alegre, ativa. Filhos enchem a casa de vozes, cheiros e jeitos. São muitos filhos, a família cresce e a luta pela vida diária é árdua. Coisas simples e residência mais humilde ainda, o sustento garantido pelos pais pescadores que das águas profundas do Rio Grande se deleitavam com a fatura de peixes de tamanhos e espécies variadas. A mãe cuidada dos afazeres domésticos e de todos, trabalhava no Abrigo dos idosos, mas também com os peixes, ela sabia como ninguém atar os fios finos das imensas redes de pesca.

Retrato de uma mulher guerreira, que desembarcou pelas águas durante a migração para construir em Barreiras novas esperanças, nova vida! Do Ceará para a Bahia com sua família e outros que mais tarde desabrochariam o sopro do nascimento aqui. Então, nasceu a criança caçula, tão desejada, já amada e linda.

Durante o período permitido para a pescaria, o pai guiava seu barco pelas fartas águas do Rio Grande de manhã e de tarde. Quanta fatura! Festa de peixes e felicidade na casa do Manuel pescador! Ele, que com o tempo e muito trabalho construiu ao lado da casa uma venda de peixes, mas a maior comercialização acontecia pelas ruas do bairro. Seus filhos/as, sobrinhos/as e outras crianças e jovens também vi-

nham, parentes ou não, e saiam pelas ruas da Vila Brasil oferecendo a venda dos cambos de peixes frescos e pendurados em fios ou cordões. Tudo era festa, na casa e na vizinhança.

Época de uma Barreiras ainda tímida e de bairros com chão de terra, sem água encanada, no entanto o esplêndido rio oferecia toda a riqueza. O líquido para lavar, cozinhar, seus peixes para pescar e o lazer das pessoas que desciam pela Rua Tomé de Souza no Bairro Vila Brasil em direção “as casinhas”, todos os dias. O lavar se transformava em diversão, porque o bom mesmo era nadar, pular das árvores e brincar enquanto a roupa secava e sorte mesmo era quando o vento não levava as peças que secavam.

Aquela criança, neta de pescadores, nas margens do rio sonhava entre um pôr do sol e outro com uma vida diferente, não tinha nas veias o “sangue” de pescador, mas era um artista no olhar, na alegria, nas palavras e nos sonhos. Fitava o horizonte e as águas que se acendiam como espelho e que refletiam a luz-curva sinuosa do rio. Pensava quanta riqueza no mundo, quanta água pura, verdadeira e bela.

Eu poderia ter uma casa grande com um deque para desfilas e dançar às margens do rio, ou ir mais longe, atravessar essas águas, mergulhá-las e saí delas como o eu íntimo revela através do seu espelho translúcido, devaneios ou desejos, era bem simples o que pensava. Bem jovem, não acompanhava as pescarias, preferia a vida do lar, cozinhar, arrumar, cuidar de outras crianças e brincar de ser uma também.

Todos os dias tinham brincadeiras com as irmãs, primas e vizinhas. Tempo de diversão, de muito faz de conta, conversas, de lanches e risadas. Corre, pula, dança! A vida na infância é mesmo a plenitude de ser humano. Porque apesar das dificuldades, da simplicidade, de ser um pobre que luta. Existe o dom da magia de sonhar e, assim, fazer o dia a dia mais divertido e menos corrompido.

Lindas casas de circo, lençóis que delineavam, se fantasiavam, riam

se amavam. Tinha a panela de guisado, mistura cozida com tudo o que encontravam na cozinha. Às vezes, com peixe, às vezes, carnes, feijão, arroz. Cada amiga levava um ingrediente, era tudo festa, já transitavam para a adolescência tranquilamente.

Passa o implacável tempo, emergem os anseios adolescentes, revelando aos poucos um novo eu, inquieto, triste, contudo, otimista e confiante no que veio para o mundo ser. Estava deslumbrante, a cada dia mais linda. Na plenitude jovial, cintilava pelo quintal e por onde passava.

Diziam, o povo:

- É porque só tinha irmã mulher em casa!
- Como pode só brinca e anda com as meninas, outros afirmavam.
- Eram tantos boatos... É penitência do passado? Ou a língua dos pais?

- Nada que uma boa surra não resolva.
- Só tem amigas!
- Só anda com menina!
- Só pode ser uma doença, algo da cabeça!
- Não tem cabimento tanto descaramento!
- É porque gosta da safadeza!
- Deveria ser expulso de casa!
- Falta de vergonha na cara!
- Não quero andando com os meus filhos!
- É má influência!

A maquiagem foi o primeiro passo, depois as roupas, porém só saía escondida. Ninguém podia ver, ninguém podia saber. Que ocultação inútil, todos já sabiam.

O percurso não era mais descer e caminhar até o rio com as irmãs, primas e as meninas da rua, agora, sua caminhada noturna iniciava ao entardecer em direção à avenida JB – José Bonifácio –, para a BR 242

ou avenidas de cima e continuava madrugada a dentro.

No começo, as roupas bem simples, por vezes doadas ou emprestadas, pelas ruas assobios e falatórios, seu corpo alto, esbelto, cabelos longos e negros que ilustravam a referência ancestral indígena, o rosto lindo, enfim, o corpo ganhava cada vez mais formas esculpidas, corpo que falava. Maquiagem, salto alto... Nada de cambo de peixe, nada de barco, rede.

Porém, no princípio de tudo ser um iniciante a enfrentar essa jornada tão sofrida e libertadora significava risco. Começou a viajar, conhecer outras, se ver em grupos que o enalteciam como amiga-irmã. Nessas vivências de alegria e de luta para libertar seu verdadeiro eu, assumiu muitos perigos, confiou em quem não devia. Já estava conhecida na cidade e fora dela, já havia desfilado em passarelas e vencido etapas inimagináveis para as possibilidades da época.

Trilhava os palcos da arte, da beleza e estava cada vez mais próxima daquele eu refletido no espelho-água do passado. Vencia sempre, pela beleza, pela graça, simplicidade e sensualidade daquele corpo que a resignificou. Contudo, em casa, tudo era mais difícil, o pai já não o olhava mais, o irmão também o desprezava. Tinha o carinho da mãe, das irmãs, das primas e das vizinhas amigas.

Tudo que somos ou almejamos ser, parte de determinadas escolhas, isso é fato! E do dinheiro ela precisava para se parecer mais com aquela que dentro de si habitava. O preconceito é uma cobra peçonhenta que afasta as oportunidades de uma vida plena e real. Empurra-nos para escolhas tristes e sórdidas ou nos mantém inertes em um mundo tão vasto de possibilidades. Amava o seu corpo, tanto, que o vendia para deixá-lo mais parecido com o que via no seu íntimo por meio da sua profunda-verdade que outrora o Rio Grande refletira.

Com mais dinheiro em mãos se colocou em risco novamente, não

se aventurou na pescaria como seus ancestrais e primogênitos. Foi-se para a Capital Federal, na esperança de ser real a promessa do corpo ainda mais escultural, ainda mais espelho. Admirável trajetória é aquela na qual lutamos pelo que queremos ser, e não somente, para acumular coisas, cargos ou conquistas que com o tempo se tornam vazias e podem não garantir a felicidade. Aquela criança, depois adolescente e agora adulta só queria ser e viver na margem do rio-vida contemplando a sua verdade.

Na mesa improvisada, em um cômodo sem esmero, uma dança de injeções, que não paravam mesmo com os gritos horrendos de dor que lentamente exauriram sua voz até o colapso do som não mais pronunciado. Eis o crepúsculo da vida, ceifada nos seus 20 e poucos anos. Um homicídio premeditado? Acidente ou imprudência? Peritos não se deram ao trabalho, para a polícia morreu mais um, era da Vila Brasil, e para a família uma dor imensurável.

Por que não pararam as injeções de dor-fantasia? O silicone industrial que extravasou as veias, misturando sangue, água, gel e órgão se espalhou com a velocidade do peixe que fisga a isca e escorrega pelas mãos. A criança, antes, ativa, de olhos claros e de beleza radiante, deixava a magnitude do rio-vida em que sonhou construir sua verdade. Não pescou a felicidade, não nadou mais, não contemplou a casa dos sonhos e não teve seu amor verdadeiro.

Ela não subiu mais a avenida ao entardecer para o posto Cepil, ou para as esquinas de avenidas e ruas da BR. O menino que poderia ser pescador, era uma menina na alma, uma mulher jovem que almejava pescar seus sonhos e não viver mais à margem da vida, das esquinas, da violência que sofria. Com o corpo cada vez mais parecido com o de uma mulher, pensava...Sim, serei livre!

Não sei quantas vezes fostes ridicularizada pelas ruas ao passar, ou pelos motoristas nas pistas, zombando com os nomes mais vis e

obscenos, como se tu e cada uma delas, as companheiras da rua, fossem uma espécie de humano-monstro ou um ser fantasma das lendas do rio. Não há termos que possam agregar eufemismo à palavra-faca, piadas, violência e dores sofridas por tantos anos e que por vezes ainda são na vida daqueles que escolhem refletir no espelho quem de fato são por dentro.

Famílias que não apoiaram sonhos, famílias sem condições de apoiar e sem auxílio para entender que nem sempre o espelho d'água revela quem de fato somos. Algo interno grita sem explicação quando passo pela rua Tomé de Souza, naquela esquina, naquela Vila Brasil que guarda na baixada um dos entardeceres mais iluminados que já vi, vejo seus lindos olhos ainda refletindo verdadeiramente.

Naquela rua, vejo quem um dia ela foi e o menino que antes nasceu, mas sobretudo me vejo fugindo do encontro com o rio, com a água que tanto desejei. Ser livre e mudar todos os dias é o que nos faz constantes no mundo. No entanto, qual é o preço que estaremos dispostos a pagar para se libertar da armadura e encarar a imagem verdadeira refletida no rio-vida?

Carol, cujo nome de batismo era Luiz e o apelido Luizinho, nos deixou cedo. Avós, pais, familiares atônitos pela brutalidade da morte precoce, imaginando quão longe no curso do rio da vida ela iria chegar, pois era uma lutadora desde pequena. Inconformadas, àquelas que com ela cresceram, sabiam dos riscos, porém há circunstâncias que apontam para um crime de inveja, dizem. Fizeram porque sabiam que ela iria ganhar e brilhar ainda mais nas passarelas.

Como Carol aguentou tantas ofensas? Como suportou tantas intempéries? O que ela poderia me falar? Nos ensinar? Talvez fosse uma advogada, modelo, militante, blogueira, ela poderia ser tudo, talvez hoje, sim, hoje! No passado, de trajetória humilde, só desejou refletir no espelho o ser-mulher.

E, certamente, não seria hoje uma expectadora que na beira das águas do Rio Grande vê a vida simplesmente passar, como muitos de nós fazemos, ou melhor, não vivemos.

Ela não teve a chance de abraçar a si mesma e eu de abraçá-la consciente de seu ser, mas há muitas mulheres trans em Barreiras, contemplando a beleza e as águas, sonhando com o rio-vida. À espera da oportunidade para mergulhar e do outro lado encontrar o seu lugar de ser e de fala. Para dessa forma, vê o reflexo-verdade no espelho das águas do rio Grande, sentada livremente quando quiser e como quiser nas margens do rio-vida que sonhou.

Sonhou, o eu-rio, com um lugar diferente, desejou se encontrar naquele lugar cintilante, onde pudesse viver refletida no curso das águas como por dentro sou de verdade mesmo que fosse por um breve instante. Foi então que me vi, ali, parada sentada na margem me olhando em um fragmento de percurso contínuo.



Poeira vermelha, ferramenta e homem

GABRIEL ROMEIRO RODRIGUES

A poeira dali era muita, ardia em seus olhos. Tudo ali era feito de estranhos, mas o pó não. Era a vontade obstinada que insistia em lembrar que ele era parte daquilo. Pela massiva argumentação do entorno, o vermelho mentia. O Sol cobria o seu já ressecado nariz. Desde que chegou aquele era o momento mais seco para ele, eram isolados os dias em que não acabava por sangrar, principalmente a narina esquerda. Não sabia o que poderia ajudar naquilo, faria bem perguntar pra algum dos companheiros de serviço, mas para isso teria que marcar um encontro entre a coragem e a lembrança da necessidade, um casal que costumava ser espinhoso e omissos às necessidades do rapaz sempre que possível.

O trabalho seguia. Tiff, tiff, tiff. Em sua frente, Mateus se movia estranhamente com o facão em mãos. Seus joelhos se dobravam e esticavam no que parecia ser o moinho de carne que seus braços utilizavam pra cortar de forma rápida, mas muito precisa. Pensou que ele

estivesse bêbado na primeira vez que viu isso e, apesar de duas semanas afastarem os dois momentos, ainda mantinha a hipótese viva. Não que alguém conseguisse trabalhar duas semanas estando bêbado todos os dias, não que já tenha visto. Ouviu os companheiros falarem que o homem vinha de Minas Gerais em outro dia. Não, do Rio de Janeiro, acredito. Sim, com certeza, do Rio de Janeiro. Devia fazer mais de um ano pela quantidade de pessoas que conhecia, apesar de que essa informação o rapaz só teria se pescasse de uma conversa alheia no dormitório, os dois nunca fizeram mais que uma troca de bom dia. O nome dele só se lembrava pelo hábito que o homem tinha de falar de si próprio na terceira pessoa. Mateus tinha braços que pareciam curtos demais para o corpo, mas nada que 50 centímetros de aço não pudessem ajudar, ainda mais para ele que parecia bastante experiente com tudo aquilo. Com eles, ia abrindo uma brecha da direita para a esquerda no trecho relativamente estreito em que trabalhavam. Parecia um riacho seco, mas se um dia teria passado água ali havia muitos anos. Agora, milhares de braços de madeira se cruzavam em abraços hirsutos e se punham em resistência aos trabalhadores.

Na lateral da falha feita por Mateus, Francisco dava a sua contribuição. Era uns bons 10 centímetros mais baixo que o outro e com certeza tinha menos experiência. Talvez fosse até mais novo que o rapaz. Mas era mais persistente que os dois. O Doutor sempre tecia elogios em seu nome, apesar de estar ali há apenas duas semanas, “esse aí não faz firula” era o de maior frequência. Sabia que Francisco era baiano, o jovem subiu no caminhão que ele estava na vinda para a cidade. Inclusive, nesse dia perguntou de onde ele vinha, mas valeu por pouco tempo, era ruim em lembrar o nome de locais. A pequena semente de conversa da travessia também não havia florescido até então. Suas sobrancelhas eram espessas e compridas e marcavam o pouco que dava pra ver do seu rosto, em maioria coberto por um pano vermelho.

Vermelho. Pode ser que o mundo tenha entendido como uma ordem. Ou talvez a palavra tenha escapado e tomado sua forma suprema como ideia e se expandido tão larga e rapidamente que colapsou sob o próprio peso, esfarelando-se. Não soube, mas a cor agora erguia-se e concretizava a dominação dos céus.

O trabalho seguia. Tiff, tiff, tiff. Mas ele decide que não. Se afasta. Agora está muito longe, na antepenúltima casa da saída pra Jupaguá, na Ponta da Rua. As telhas coloniais em suas quedas estranhas não permitem que ela se esconda. Tiff, tiff, tiff. Nana deve estar cortando goiaba pra fazer o doce dela. Não faria mal ajudá-la. Não faria mal ver Nana. Decide adentrar. Passa pela portinha lateral que tantas vezes havia cedido ao “balançar, levantar um pouco e puxar” ensinado e tornado possível as milhares de idas ao quintal. Seus pés tocam o chão só por educação, eles ainda são visitantes, ou quase isso. O resto do corpo se equilibra e é absorvido pelo som. Tiff, tiff, tiff. Por falar nisso, quem é que corta goiaba com um som fino desses? Segue o passo na sutileza, alguma hora o corredor lateral vai ter que ceder e acabar. Já consegue ver o pé de umbu e seus mil galhos secos. O som vai ficando mais fino. Um passo, mais um, um menor agora. Não. Ele para. Não vê a pedra de fogo de amolar na esquina entre a parede da casa e o corredor. Só por não encontrar com ela já podia ver suas faíscas. Tiff, tiff, tiff. Hélio tem um rapaz na cabeça ao estreitar a faca. NÃO. AGORA NÃO.

O trabalho seguia. Seu velho amigo Mateus Gonçalves estava em sua frente, de facão em mãos. Tiff, tiff, tiff. Não, um facão raspando o chão? Aquilo é uma enxada. Mungunza é muito bom na enxada. O rapaz gosta muito de seu irmão, sempre com seu meio sorriso no rosto que está sério agora e o cabelo grande com uma mexa branca de nascença na frente, estranhamente aparado no momento. Seu Frederico está sentado na varanda da casa, não o vê, mas sabe. Percebe os tons ricos da toranja que o homem velho gosta escorrerem de lá. Idiota.

Isso não é toranja. O pó vermelho grudava em seu rosto suado.

Estavam quase pra terminar aquela tarefa. No lado oposto, Chico prometia e lançava com a ajuda do braço, insistente como sempre. Estava alheio à nuvem de poeira.

– Vamo, Pitico! Só mais uma.

A pelota do garoto pega no meio da barriga de um sabiá-laranjeira, bem entre os olhos! Não tinha como resistir, cai. Vê o Pitico pegar esse cardeal e por na bolsa. Maravilha, mas agora precisam correr. Despertam o chão por onde passam, que, ameaçado, procura o perigo. Por não ver nada além de dois moleques, volta ao repouso, mas deixa parte de si averiguar outras áreas, vai no Trem que passa agora. Claro que correm, as mãos e camisas estão com quantas melancias conseguem aguentar. Todas do Seu Carlos, todas lá da Tabua, o garoto sabe. Sabe o que Carlos faz com garotos que pegam melancias também. Ganha a corrida contra suas próprias pernas. Não importa, as pernas acabaram no pódio. Seu irmão ri do garoto estatelado no chão no meio do cerradão.

–É, Pitico, as melancias dele continuam doces.

O garoto continua rindo. Como não? Finalmente chegaram. Iam sempre juntos pedir a benção na Vila Tamboril quando chegava a Sexta Maior. Como pedia a tradição, a mesa da cozinha de dentro está decorada com um sem fim de vasilhas de alumínio e uma gamela imensa, rainha de todo o resto, cheia com canjica. Consegue ouvir que chegou atrasado. Tiff, tiff, tiff, tiff. Pitico já está na sala, raspando o pouco que ficou de sua primeira porção. Ainda assim, sabe que conseguiria ver o excesso de canela na colher do garoto, como era habitual. Quando consegue ver a colher ela era grande demais pra comer canjica, não que importe, quem usa é a sua mãe, mexendo o tacho de cobre. A farofa está mais revolta do que devia.

Lembrou-se de mais poeira. Lembrou ou apenas viu, não soube

bem. Era o grito da avó pedindo pra fechar a janela na chegada do Vento Geral. Ela sempre temeu as doenças e o mau agouro que ele trazia. O garoto sempre gostou de jogar bola, pararia logo nas férias? Saiu, mas deixou a matriarca protegida do Vento ao vedar a casa. Também pediu sua proteção através da benção. Estava do lado de fora, mas agora estava sozinho. A poeira investiu no que era a mais forte das tempestades. A tarde morria, ou só se convertia perante a vermelhidão de todo o resto. Estava com a foice de jogar bola na mão, só então percebeu. Como nunca foi muito bom em destoar, cedeu. O pó vermelho envolveu suas lágrimas. Chorou como o resto de seu sangue. A poeira dali ardia os olhos como nunca fizera a poeira de casa.

Um outro dia surgiu. O rapaz acordou e soube de alguma maneira que era sua vez de lavar o Quarto. Levantou, suspirou e o fez de forma lenta. O pó se acumulava de forma assombrosa. Os companheiros ainda estavam dormindo quando começou, o que dificultou um pouco a tarefa. Quando terminou, um dormitório estava limpo.

O vale para o café da manhã apontava nas duas extremidades de seu bolso. O que era ótimo, um vazio cutucava as duas extremidades da sua barriga. Esperava do lado de fora os outros saírem para ir junto, nunca tinha tentado só, era perigoso, mesmo sabendo que não se perderia. Era tão bom em decorar locais como era em esquecer seus nomes. Gostava da comida dali, mas não lembrava o que seria no dia. Aliás, não lembrava o dia da semana. De qualquer forma, tinham pratos que sempre se repetiam como...

– Soro.

– Não entendi.

Mateus analisava qual era o seu tamanco ao lado da porta.

– Você me perguntou ontem o que era bom pra evitar que o nariz sangre, soro ajuda.

– Ah, obrigado. Sabe onde tem pra comprar?

– Talvez na Rodrigues, lá costuma ter esse tipo de coisa. É um mercado grande, sabe onde é?

– Sei.

Não sabia. Mateus vinha conversando com os outros colegas, o rapaz ouvia calado. O caminho para o RPB era longo, mas vencido com facilidade. O refeitório tinha uma força de atração maior que qualquer outra coisa pela manhã, e a maior parte do trajeto era de terra batida na parte da cidade ainda em consolidação e expansão, com quase nenhum movimento de carros. Apenas bicicletas e pernas e conhecidos, claro. Mãos, por exemplo. Algumas mais leves que outras. O local era perigoso como só um porto no meio do continente poderia ser. Os barcos saíam e entravam da rodoviária-cais. Alguns comerciantes, a maioria de passageiros e, claro, alguns piratas. Um sem fim de grandes mercadores, empresários e figuras públicas estavam ali, investindo na expansão da cidade ou assistindo a alvorada de um mundo novo. Inicialmente se alocaram perto do RPB, ele foi a primeira grande construção. Até que um dos senadores foi sequestrado perto da rodoviária. Fora isso, um ou outro caso de roubo de carro. O mais famoso deles de um general, já tinha perdido dois jipes com seu costume de deixa-los perto de um mercado durante todo o fim de semana. Esses casos foram o bastante para que os dentes se raspassem e batessem de medo para mover as engrenagens que começariam a construir uma área nobre do outro lado da cidade. O pó dela estava em suas pernas ao chegar no refeitório.

Os trabalhadores se sentaram e esperaram o bandejão. Quando finalmente chegou, o do rapaz tinha um calendário frito com um pouco de açúcar. O dia era sábado.

– Mãe fazia a banana desse jeito também.

Disse Marcos, um homem de 40 e poucos anos que já trabalhava com o Doutor Gamoa em Santa Catarina. Tinha ombros fortes demais

para o resto do corpo e uma cicatriz que fazia a ponte entre o queixo e o lábio inferior.

– Queimada?

Francisco se dobrou na mesa para analisar a bandeja do companheiro em sua frente.

– Parece que foi só a minha, cho pedir pra trocar ali. Eii! Moça!

Enquanto um rapaz saía da mesa o outro já tinha terminado dois terços do prato. Viu de canto de olho que Mateus parecia pronto pra fazer um comentário, mas parecia ter freado, talvez ao lembrar da timidez do garoto. Em vez disso, perguntou:

–sabe jogar dominó?

O garoto parou o ataque ao pão no canto do bandejão e assentiu em silêncio.

– Mateus Gonçalves tá por morrer, acho que não vou sair com Jorgin hoje não. Quer bater pedra?

– Bora, mas depois de fazer o quilo do almoço.

– Esse aí é sagrado, umas duas hora então. Aparece, Cibola?

Um rapaz respondeu do outro lado da mesa:

– Aonde, eu vou com Jorge Fura Bolo que eu ganho mais.

Não conseguiram encontrar duas duplas pra jogatina, apesar do esforço. O Sol já estava mais forte na saída deles do RPB. O grupo de oito tinha se desmanchado até chegar em apenas quatro no dormitório. Duas duplas, sim, mas os outros três tinha discernimento o suficiente para não chamar o Senal pra jogar. Uma mesa de aço quebrada atrás dos beliches era uma fonte de sabedoria.

De qualquer forma, podiam beber. O caminho passava por uma grande distribuidora, logo do lado da rodoviária. Eles compraram um centauro de bebida. Era o jeito que chamavam 96 garrafas ali, em homenagem ao próprio estabelecimento de mesmo nome. O rapaz iria beber, já tinha dito. Gostava bastante do álcool, pelo menos desde os 12

anos. Os dias de feira eram sempre banhados pela cachaça na cidade natal, ainda mais no Beco da Alegria. Mas a cana agora estaria vermelha como o dormitório que limpou pela manhã. Se não poderia voltar, não faria mal um pouco de céu azul, estava decidido.

– Senal, onde é que tá o abridor? Será possível, não é pra mexer na minha mesinha, miséira. Pra isso cê é bom, agora pra comprar minha calça...

Edivan reclamava através do bigode falho. Cena rara e possível só por muito esforço, geralmente ele era muito tranquilo. A semana de trabalho também tinha sido mais cansativa que o normal.

– Pera lá! Cada coisa em seu cada qual. O abridor tá lá em cima, do lado do meu beliche, nisso aí eu buli, tá certo. Agora, cê viu o preço do tergal? Se eu compro pra fazer sua calça o dinheiro finda. Além disso, não sei onde tem costureira aqui. Quando abaixar eu lhe dou o tecido pra você levar em alguém.

Antes do Senal falar, o outro homem já havia se aquietado. Lembrara que tinha um abridor menor na gaveta. Respondeu positivamente ao que ouviu e abriu três garrafas para ele. Era um homem que bebia rápido, e que embebedava mais rápido ainda. Mas não era incômodo bêbado, só se recostava onde estava, se calava e olhava as coisas ao redor. As vezes chorava, mas nunca dormia. Não até acabar a festa. Na primeira semana o rapaz o ouviu dizer que tinha ido ali para juntar dinheiro e ajudar a família, mas que mudou de ideia. Agora queria trazer todos de Minas pra lá. Talvez abrir um boteco ou uma loja. Parecia uma boa.

Limpar o dormitório todo às quatro da manhã tinha cobrado seu preço para o rapaz. Não aguentaria beber agora, percebeu. Tiraria um cochilo antes. Avisou aos companheiros para que o esperassem um pouco. Não, mudou de ideia, foi beber. Estava na Praça da Igreja, ao lado da sorveteria de Carmen.

Veio de Lugar Nenhum. Não que importasse de onde veio, era um bonito dia negro. O Sol tocava tudo com suas grandes sombras, alisando os cabelos crespos do rapaz. A Lua estava sentada na cadeira ao lado, mas o eclipse estava completo. Não a via, mas ela estava ali. De onde é que conhecia a Lua tão bem? Só costumava vê-la junto com... Ah, entendeu. A Lua era Nana. O Sol insistia em refazer os seus belos olhos negros. Não era necessário, só por isso ele o fazia. O rapaz não perfuraria o momento com palavras. Não de novo. Naquele mesmo lugar, mas em um dia claro ele tinha falado que... nada. Ele não tinha falado nada. No outro dia a cabeça dele era feita dos cachos dela, de um lado ao outro sem decidir. Mas, puxado, alinhado à força, o destino se apresentava. Nada daquilo importava. Os cabelos dela agora eram parte de todo o resto, e cada vez mais. Deixaria ser ele mesmo parte daquilo. Apertou sua mão. Todos os apertos de mão são cegos. Uma risada iniciava ao fundo. Não importava. Estava em desvantagem. Tudo era um, como venceria? Nana achou por bem beijá-lo, ele não protestaria. Sua língua estava... fria. Idiota, não era o som que reinava no escuro, era o silêncio. SAIA. Sabia que era o marido, era Hélio concretizando a promessa. Aço frio como o rancor o cortava. Só então pôde ver verm...

– Pelo amor de Deus, mas aí também é demais! Quanto é que custa um soro?

Francisco já estava acordado em sua frente, o Sol que nascia demarcava bem os seus limites. Embaixo, na borda inferior de seus próprios olhos, via sangue. NÃO, ELE REALMENTE CORTOU! ELE ESTÁ AQ... Não. Quando levantou, percebeu que o sangue saía de seu nariz.

– Sabe onde o Mateus está?

O homem estava lá fora, tinha sido uma noite bem quente. Os braços pareciam ainda mais desproporcionais com mangas muito curtas.

– Acho que esqueci do Rodrigues, é onde mesmo?

Fica lá na Rua de Olinda, sabe onde fica?

Agora não poderia mentir.

– Perto do RPB?

– Quê? Não, do outro lado. Deve dar um quilômetro seguindo na rua depois da rodoviária, a loja Fatinindé de frutas vai topar em você. Daí é virar à esquerda e olhar para a direita, vai ser o terceiro ou o quarto comércio depois do quartel. O problema é que ninguém vai lá uma hora dessas. Deixe pra ir amanhã.

– Amanhã eu não lembro mais. Fora que é mais perigoso durante a semana. É longe, eu vou ter que ir só de qualquer forma.

– Tá certo, quer ir na magra?

Os olhos do mais novo brilharam. Não andava de bicicleta desde os 11 anos, um rapaz do Mozondó o ensinou, mas ficou por isso.

– Se puder, é na hora.

– Pronto.

O homem deu uma ou outra instrução para o rapaz, ela já devia ter uns bons longos anos de trabalho, precisava de cuidados especiais. Ele teria, não tinha dinheiro pra comprar outra, nem dois meses de trabalho sem precisar comer. Não que tenha esquecido disso enquanto andava, mas as pernas o traíram uns 1500 metros depois de sair. A bicicleta seguiu intacta, mas não sua camisa. Essa teve férias do serviço entre a boca do estômago e o mamilo direito. A roupa branca estava cor de folha seca. Não se importava, seguiu.

Teria que comprar outra camisa de ir pro povo depois. De fato, Senal estava certo, o preço do tecido estava um absurdo, mas não era assim sempre. A cidade era nova demais, era comum que faltasse algum produto isolado ou que ele ficasse muito caro. Mas era cada vez mais difícil, todos os dias vários comerciantes novos tentam a vida negociando nas margens do progresso. “Viva nas Margens do Progresso”, esse é o slogan que sua avó ouviu no rádio. Não gostou de

pegar o caminhão até ali, mas agora parecia promissor. Conseguiu trabalho logo quando chegou na rodoviária. Sempre precisavam de mais braços.

Além disso, poderia visitar a família quando preciso, ou levá-la até lá, como Edivan pretendia. O vento tocava em seus cabelos curtos como uma música de Belchior. Sobre Nana... Não podia fazer nada. Ou o tempo passaria e ela preferiria ele ao Hélio ou o tempo passaria e seria indiferente. O tempo precisava passar. O medo dele também precisava. Com ou sem Nana, ele decidiu que faria o brilho da meia lua no relampejar da foice. Riu. Riu, mas lamentou. Olhou pra cima e viu os seus sonhos mais íntimos em um Outdoor.

Fora esses pensamentos, os outros foram pragas pela queda e ele reforçando a palavra Fatinindé cem mil vezes na memória. Deram certo, o levaram até a placa de mesmo nome. Agora só faltava acertar o mercado Rodrigues. Mas aí tinha um problema, o órgão regulador das construções da cidade não permitiu que se colocassem placas ou fachadas naquele trecho. Ainda existiam muitos problemas com iluminação e eletricidade, os projetos até então tinham sido malfeitos. Mateus disse quatro ou cinco mercados depois do quartel?

Teria que perguntar. Encheu o peito de coragem e foi soltando aos poucos. Viu um carro estacionado entre duas lojas, teriam que ser uma daquelas. Decidiu averiguar qual era com o homem que dormia na direção do veículo.

– Oa! Sabe dizer qual desses é o mercado Rodrigues?

O senhor dentro do carro se assustou, afastou um pouco com um pequeno salto e virou o tronco, fazendo com que o rapaz ficasse em sua frente. Ainda assim, deu fim para a dúvida do rapaz. Não, fez mais. Deu fim para todas as dúvidas do rapaz. Os clientes dos comércios corriam rua afora.

O aço frio adentrou seu corpo como uma força que, no intuito de

se aquecer, cede perante a gula e não raciocina que, em algum tempo, tornaria a estar fria. A poeira intensificava o vermelho no chão como quem cumpre a profecia. Ele é parte daquilo. O vermelho não mente.



Último sonho

ANTÔNIO OLIVEIRA DE SOUZA

Em iluminada tarde do mês de março do ano 2023, vamos encontrar um casal centenário em palestra comum, às sombras de um frondoso pé de jamelão, no povoado de Capim-Açu, pertencente a Tremedal-BA, em casa de uma das filhas. Tratava-se de Ana Clara Rodrigues Oliveira, carregando 104 anos, e Valdeck Marinho de Jesus, mais jovem 02 anos. Ana Clara encontrava-se em cadeira de rodas, cega. Era uma senhora magra, branca, olhos verdes, cabelos lisos e estatura pequena. Seu Deca, como era popularmente conhecido Valdeck, estava sentado em cadeira de balanço. Era pardo, olhos castanhos, estatura mediana e com massa corporal levemente acima da norma. Embora portasse múltiplas enfermidades naturais, ainda gozava de visão razoável e audição impecável.

Seu Deca, quando jovem, trabalhou por muito tempo com tropas de burro, carregando cachaça da Mata de São João para Vitória da Conquista. Após o nascimento dos seis filhos, dedicou-se à agricultura familiar em seu rincão, localizado no montanhoso povoado do

Boqueirão. Era autodidata; um ser distinto em sua mocidade inacessível tecnologicamente. Bebeu na fonte de muitos filósofos antigos e contemporâneos. Era estudante assíduo do cristianismo. Tinha sólidos conhecimentos em várias áreas; passeava habilmente da Física à História do mundo contada pelos homens. Um intelectual anônimo para a gente simples que o rodeava. Nunca ofuscou nenhuma criatura com sua luz intensa, pelo contrário, projetava-lhes raios generosos. Tinha hábitos incomuns; por exemplo, não comia carne nas segundas, quartas e sextas-feiras. Nunca explicou o motivo a ninguém, nem mesmo a dona Ana Clara. Era um benfeitor das pessoas que o procuravam, benzia, fazia remédios homeopáticos e distribuía gratuitamente, com a afetividade de um pai enternecido. Se realizava de corpo e alma quando recebia um: Deus lhe pague; como moeda de troca pelas doações, materiais ou morais. Além de sua estrutura cognitiva aguçada, possuía dons sobrenaturais extraordinários. Tinha muitos sonhos tecnicolores enquanto dormia, ou estava em madorna, como gostava de afirmar. Além dos dons sobrenaturais, todos os sonhos significativos que lhe era descortinado à noite, buscava reproduzir-se em algum momento de sua vida. Era popularmente conhecido como o realizador de sonhos.

Seu sonho mais famoso em toda região é a reprodução do grande dia do Calvário, ocorrido no ano 33. Todo o projeto foi arquitetado por meses, após o sonho, com pequenas adaptações. Suas vestes foram construídas à imagem e semelhança daquelas do Nazareno. Várias senhoras amigas, ajudaram na ornamentação do trajeto, reproduzindo-se a via-sacra do Messias. Muitas mulheres, homens e crianças ficaram responsáveis de representarem, conforme a cena ocorrida no dia do gólgota, com a presença de todas as personagens narradas no Evangelho do Cristo, naquele dia inesquecível de Jerusalém. Seu Deca fez, com ajuda do carpinteiro Diogo, uma cruz pesadíssima de aroeira,

a ser fixada em pequena base rígida construída em frente à porta do fundo de sua casa. Tudo se cumpriu, os soldados romanos, os políticos isentos, as negações dos amigos, a coroa de espinhos, o amparo das mulheres abnegadas, a fixação da cruz grosseira no terreiro..., só não a crucificação de Seu Deca no madeiro, tal qual ocorrido com Jesus.

Seu Deca parece acordar de um cochilo leve, instantaneamente, chama a esposa.

– Ana Clara, estava me lembrando daquela receita.

– Que receita, ô? – fala carinhosamente, referindo-se à velha forma de tratar seu amor.

– Aquela receita para as pessoas não guardarem mágoas corrosivas em seus corações. Estava me lembrando da primeira vez que ensinei dona Lita a livrar-se do ódio alimentado por sua irmã Joana – nesse momento Valdeck recorda e relata a sua senhora todo o procedimento para chegar ao perdão purificador.

– É basicamente seguir a receita evangélica, onde Jesus ensina a Pedro, como relatado por Mateus. Tem um relato em um livro que após dois anos de insucesso, por outras vias, esta técnica do perdão foi utilizada por uma psicóloga norte americana. O experimento foi realizado buscando auxiliar uma paciente, ainda moça, a perdoar seu pai por violência dolorosa, praticada por ele contra seu corpo angelical de criança. Após a leitura deste livro, que está em língua inglesa, eu solicitei para dona Lita pegar uma folha de papel, escrever 35 vezes a frase, “eu me perdoo”; durante 14 dias seguidos, totalizando 490 vezes, repetindo a mesma sentença. Ou seja, o resultado de setenta vezes sete. Na sequência, deveria repetir o procedimento, ampliando a frase para, “eu me perdoo e perdoo a Joana”. Finalizado o rito, a senhora Lita me falou que encontrava-se em um estado de leveza. Em um movimento, em uma inspiração profunda para que possa julgar no inconsciente. A gente só perdoa alguém quando a gente se perdoa.

Esta receita foi repassada para todas as pessoas angustiadas que me procuraram...

– Te aconteceu algo para você lembrar disso agora?

– Esta semana eu tive o sonho que esperava ter há décadas – antes que Valdeck pudesse narrar o sonho, foi interrompido por seu genro.

– Seu Deca, o senhor se lembra dessas pessoas? – interrogou o esposo de sua filha.

Eram três amigos do casal, quando residentes no povoado do Boqueirão, dois homens e uma senhora. O amigo mais jovem era Emanuel, com quarenta anos, acompanhado de sua mãe, contando setenta e quatro primaveras. Mãe e filho haviam se mudado para outro município há 30 anos, era esse o hiato de encontro entre eles. Também estava Zé Ferraz, cantador de reis, octogenário. Foi um concerto de louvores, afagos, que deixou o casal de idosos extáticos. Parecia que um sol abrasador tornara a atmosfera daquele ambiente, com ar comezinho, em beleza intraduzível na linguagem humana.

Foram servidos caldo de cana e café para as visitas. Depois das devidas atualizações sobre as famílias, o que fizeram, o que estão fazendo, dona Ana Clara, retoma o assunto do sonho com o esposo.

– Meus amigos, como vocês sabem, ô sempre viveu, e às vezes quase morreu, pelos sonhos. Ele estava prestes a revelar o último sonho que teve no momento da chegada de vocês.

– Chegamos em boa hora – adiantou Zé Ferraz, esfregando uma mão à outra. – Vamos meu amigo, nos conceda a graça de saber os detalhes de seu sonho.

– Antes de iniciar o enredo, vou justificar – disse Seu Deca, com um largo sorriso. – Eu sempre admirei a dedicação do apóstolo Paulo pela propagação do cristianismo nascente. Ele não utilizou de nenhum veículo, seja comunicacional ou locomotivo, para realizar um trabalho de grandeza singular. No entanto, o fez, e o fez perfeitamente. Busquei

ler tudo que podia sobre o grande amigo dos gentios. Cada leitura me deixava mais impressionado com tamanha excelência. Em minhas orações diárias, há pelo menos 50 anos, eu sempre pedia a permissão aos céus saber o que faz atualmente esse espírito nobre. Seria um anjo gozando de felicidade eterna? Ou, seria um trabalhador, tal qual foi sua existência na terra? Há dois dias recebi o presente santo da visão gloriosa...

Seu Deca reclinou o corpo centenário na cadeira simples, fechando-se as pálpebras, buscando no recôndito do pensamento a multiplicidade das questões que derivar-se-ia do tronco principal da metafísica. Em instante, seu imaginário fértil perpassou desde a ontologia de Parmênides até Sócrates, buscando correlação dos acontecimentos em estado de vigília com os eventos descortinados no sonho.

– Acho que ele dormiu – interpelou Zé Ferraz, com sorriso disfarçado.

– Chiu – replicou o genro, levando o indicador direito aos lábios, em sinal de silêncio – ele está arrefecendo as ideias, não sabe o quanto é sistêmico!

Seguiu-se que o velho oráculo usou do silêncio, e não um ou dois minutos, mas vinte ou trinta. Ninguém ousou interromper o silêncio.

– Naquele ambiente ambíguo – o benzedor iniciou a narrativa com maestria -, com impressão familiar e desconhecida, encontrei-me cercado de quase uma dezena de seres, com ar réprobo, simbolizando aspecto humano e estatura de crianças de cinco anos. Todos empunhavam arcos e flechas, mirando-me ordenadamente. Não houve disparos das flechas, talvez porque não havia ressonância entre nós. A cena não durou mais do que um infinitésimo segundo, mas para mim o tempo foi dilatado para mil anos. No íntimo eu sentia titânica firmeza naquele estado de agregação, tal qual afrontei os problemas

experienciados no mundo físico. Eu me comportei como dois seres ou com multiplicidade de estados...

– Dois? – todas as pessoas presentes interpelaram, com semblantes de espanto.

– Sim, meus caros, dois; um que olhava de dentro para fora, outro que olhava de fora para mim e para os acontecimentos ao meu entorno, tal qual o objeto e a imagem virtual formada pela reflexão regular de um espelho plano. Maravilhem-se à vontade, podem duvidar, questionar, tudo que aprouver. Os dois seres era uma só individualidade, com íntima correlação entre os estados psíquico e orgânico, preservando minha identidade. Permita-me divagar por um instante.... Fisicamente falando, um era partícula, o outro era onda, coexistindo no brilhantismo da dualidade onda-partícula de De Broglie. Metafisicamente falando, um era o ser, o outro o ente. Para Martin Heidegger a “alma do homem precisa ter visto o ser, pois o ser não é captável com os sentidos” que dispusemos no veículo orgânico. Para Leon Denis, “os sentidos físicos do veículo orgânico iludem, distinguindo somente as aparências dos seres e dos objetos e nada seriam sem o sensorium, que agrupa, centraliza suas percepções e as transmite à alma; esta registra tudo e tira o efeito útil.” Ainda existe o sentido profundo chamado consciência subliminal, desconhecida pela grande maioria de nós e localizada abaixo do sensorium superficial, responsável por distinguir as regras e as coisas do mundo metafísico.

Vendo que os amigos prosseguiam curiosos para saberem o desenrolar dos acontecimentos, continuou:

– Voltando à cena do sonho, o lugar não tinha beleza, nem forte afeição, era calvo de vegetação, de amor. Lancei um pensamento magnético carregado de empatia e afeto sobre os seres; senti que houve comunicação de pensamento para pensamento, mesmo que nenhuma palavra fosse articulada verbalmente. Aos poucos o meu

eu externo, ou onda, viu o meu eu interno, ou partícula, moralmente longínquo deles. Neste momento, é preciso dizer-lhes que o tempo, o espaço, os seres e os objetos não são sempre os mesmos, a depender se é visto pelo ser que olhava de dentro para fora ou pelo ser que olha de fora para mim...

– Não? – interrogou dois ou três espectadores.

– Não, meus caros senhores; não é constante, nem uniforme. O ser que olhava de fora tinha poder para voitar na velocidade das ondas de Maxwell ou do pensamento, as distâncias nada representavam para as suas possibilidades imateriais. Consequentemente, poderia experimentar os efeitos do princípio da simultaneidade, onde o tempo e o espaço passam a comportarem-se de forma relativística. Enquanto que o ser que olhava de dentro para fora ainda se via limitado às amarras do mundo físico, deslocando-se em passos largos. Nós, a individualidade dos seres punha-se em movimento, em marcha para lugares indefinidos, induzida por força misteriosa.

– Perdão; essa força de onde vinha? Quem era? – perguntou, curiosamente dona Ana Clara.

– Essa força era uma energia invisível e inarrável em nossa linguagem, preenchia todo o espaço, com poder magnetizador e indutor. Eu era compelido a seguir em frente incessantemente, sem saber qual seria o próximo evento, mas sentia-me orientado por bússola natural. Nesta fase do sonho eu não tinha consciência de que estava sonhando; os acontecimentos inusitados deduziam uma realidade paralela.

– Realidade paralela! Como assim, Seu Deca? – instigou Emanuel.

O narrador não respondeu de pronto, lhe olhou e abriu um sorriso silencioso e farto, aguçando, sutilmente, a curiosidade dos amigos ansiosos de ouvir o caso prometido. A brisa carinhosa da tarde parecia afagar seu córtex cerebral, concatenando e refinando o discurso

extranatural. As almas ouvintes pareciam torporosas, vagueando entre o delírio e a realidade, com os corpos içados pelas palavras cativas do benfeitor. Libertos do domínio corporal, todas as pessoas pareciam enxergar estrelas em noite de sombras, com os olhos da imaginação. Eis aqui como ele recomeçou a narração:

– Realidade paralela é uma dimensão sincrônica à nossa dimensão física, caracterizada por seus habitantes, seu psiquismo próprio, seus fluidos diversificados, naturalmente, se conjugando e se interpenetrando mutuamente ao mundo material. Não entro em particularidades dessa simultaneidade, porque iria longe. Custa-lhes acreditar, não? – Custa-me até entender – respondeu uma das pessoas presentes.

– Vai compreender. Os fatos explicarão melhor esses conceitos abstratos: os fatos são essenciais. Machado de Assis alertou que “a melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada”. Galileu repensou a teoria de Aristóteles deixando cair da torre inclinada de Pisa objetos com massas diferentes, comprovando que uma pedra com massa duas vezes maior não caía realmente duas vezes mais rápido. Vamos aos fatos. Em excursão na outra dimensão minha consciência foi recobrando no deslizar inevitável do espaço-tempo. Me encontrava em um lugar plano com muitas árvores frondosas, compartilhando o solo com pequenas árvores rasteiras, exibindo diversas flores aromáticas. Eu deslocava sempre em frente, com pequenas pausas para observar o ambiente. Deixei-me que o movimento do ar inebriante conduzisse meus passos absortamente. Não sei precisar o tempo que andei até avistar ao longe um conjunto de módulos prediais, característicos de Universidades modernas. Cheguei, entrei. Fiquei ali no ambiente acadêmico por tempo indefinido – talvez anos ou décadas –, ora estudando, ora debatendo com amigos, ora trabalhando. Na sutileza da outra dimensão, rapidamente encontrava-me em meio a uma cidade

pequena, em diálogo amigável com um razoável grupo de pessoas. Eu conhecia todas aquelas pessoas. Algumas já haviam descido ao túmulo, algumas eram pessoas do meu convívio, seja familiar, profissional ou social, outras não conhecia nesta vida, talvez até fossem de outros países.

– O amigo não teve medo de ver pessoas que já morreram? – interrompeu Zé Ferraz.

– Absolutamente. Ali eu estava em paz; estava sustentado por energia indefinível. Mal podia eu suspeitar os poderes sobrenaturais que me foram conferidos naquele momento...

– Já conseguia voar? – indagou a mãe de Emanuel.

– Antes assim fosse.

– E foi algo pior? – continuou a senhora.

Escutem-me. Eu conseguia enxergar em cada pessoa todo o seu caminho percorrido, seja culposo ou honroso, acessando o coração e os pensamentos. Cada pessoa em débito apresentava-se proporcionalmente à culpa: uma aqui com melasma no semblante; outra ali se mostrava débil; outra acolá agia conforme sua consciência etc.. As pessoas em glória possuíam a lição sublime da fé e da humildade, apresentando-se límpidas. Tal qual o fenômeno da ressonância, uma terça parte do grupo seguiu-me em caravana. Demandamos para lugar incógnito, mas atraídos, como limalha de ferro em presença de ímã poderoso. Em todos os caminhos agregavam-se amigos sublimes à caravana. Naquela marcha incansável eu tinha plena consciência de que estava sonhando, sonhando deliciosamente. Atravessamos baixadas cercadas por serras douradas, repletas de barrigudas floridas, colorindo de rosa àquela paisagem múltipla. O ar úmido e perfumado, naquela região indescritível em nossa linguagem, alimentava a alma em sua plenitude. Naquele ambiente extático eu duvidava que poderia encontrar algo melhor em toda extensão dos mundos, seja terreno,

seja espaço interplanetário ou outra definição que lhes apraz. Mas, para a minha surpresa...

– Então, diga, diga – apressou um amigo.

– Toda caravana, contando mais de duas centenas de amigos abnegados, foi compelida a estacionar, ofuscada, em frente a imensuráveis fileiras de tulipas lilás, amarelas e vermelhas; desenhando em tela, com superestrutura dos astros, uma colcha de retalhos única. Eu não consigo avaliar, nem definir, a alegria exalada naquela atmosfera. Eu tomei a vanguarda do grupo, em posição de comando e submissão. Diante de nossos olhos imateriais, surge um homem jovial, que pousava em nós o olhar firme e lúcido, com idade entre 45 e 50 anos, vergando vestes tão brancas e tão límpidas, que jamais contemplei algo daquela magnitude em minha centenária existência terrena. Tratava-se de personalidade majestosa, com sorriso repleto de bondade e olhos que irradiavam uma energia impregnante e irresistível. Tinha estatura mediana próxima a 1,75 metro, corpo esbelto, tez branca, cabelos castanhos cacheados e volumosos, se estendendo até abaixo dos ombros. Não tive nenhuma dificuldade em identificar aquela personalidade inconfundível...

– Perdão; esse senhor quem é? – gaguejou Zé Ferraz, com o coração apressado.

– O apóstolo Paulo; estancado à nossa frente, com poder suave e indefinível. Torcendo seu corpo em alguns graus, Paulo de Tarso, mira à sua esquerda um enorme conjunto de construções nobres que divisava alguns metros daquele sítio.

– Sou enfermeiro ali – disse, amavelmente, Paulo. Naquele instante glorioso conclui que a articulação da palavra era algo do corpo material; ali se comunicava de espírito para espírito, de coração para coração. Não houve apresentação, mas minha individualidade parecia conhecer aquele ser puro há séculos. Eu entendi sua linguagem

encantadora, como se ouvisse o idioma Português. Caminhei para ele...

A emoção, como perfume inebriante, preencheu todos os poros da atmosfera e invadiu o coração de cada pessoa presente, ouvindo, apenas, a música da brisa fresca do fim de tarde. Seu Deca envelheceu no mundo, tentando inutilmente negar sua realidade moral transcendente, chumbado ao pensamento, negando o materialismo, gerando reservas de ternura, tão fragilizada em tempos de telas que rolam infinitamente. O narrador chorava em soluços, com suprema alegria. Permaneceu em lágrimas silenciosas, e não dois ou três minutos, mas dez ou quinze, retornando a narrativa, com voz trêmula e esgotada.

– Incapaz de descrever as sagradas comoções experimentadas por minha alma sedenta de luz, ajoelhei-me aos pés do amigo Paulo, comecei a oscular suas mãos e chorar copiosamente por tempo indefinido...

No fim da tarde do dia seguinte vamos encontrar quatro homens amigos da família descendo o narrador ao túmulo; neste momento a “alma roga permissão ao veículo físico que a aprisiona para voar livremente além dos limites corporais”, tornando-se uma individualidade absoluta.



Olhar ao Reflexo

ANALÚ GUEDES OLIVEIRA NASCIMENTO

O toque do alarme me faz despertar no susto, aquela sensação, que parece que estou caindo de um prédio, mas só estou em minha cama. Escuto o som matinal dos carros que passam pelas ruas e vielas, às vezes, paro para observar as pessoas através da fresta da persiana. Daqui de cima, o mundo aparenta ser uma pequena cidade de plástico, e que somos todos brinquedos dele, esperando um sentido para sonhar. Cada um tem suas próprias histórias, cada um com seus próprios ritmos, estranho né? Uma vida que não seja a sua. O tempo voa, e eu fico absorto em meus pensamentos imaginando a história de cada um daqueles estranhos. O que eles estão pensando agora? O que eles esperam do dia? O que eles desejam para suas vidas?

Perdido nas minhas fantasias o tempo passou mais rápido do que imaginava. Em pisadas desengonçadas, no chão frio da cerâmica branca, vou até o banheiro e me olho no espelho com uma cara de desagrado. Penso se realmente devo ir para o colégio. Caminho até a parada de ônibus ainda tentando abrir os olhos para começar aquele

dia movimentado. O barulho do mundo moderno me incomoda. Não consigo parar de perceber que todos os dias são cópias dos outros, não existe mais emoção em viver, pego o celular para ver as notícias do dia e são as mesmas de sempre: Homicídios, cartas de ódio, acidentes e políticos falando besteira na televisão. Quando ouço o som do ônibus chegando pelas ruas movimentadas de São Paulo, vejo Évora, minha pequena paixão, que pega todos os dias o mesmo ônibus que o meu. Por um momento, imagino estar conversando com ela, com aqueles olhos cor de mel, que me fazem lembrar de um lindo final de tarde a céu aberto e com a cor do seu cabelo castanho que fazem curvas perfeitas a qual complementa o tom rosado de sua pele criando uma sinfonia. Não havia palavras para descrever tamanha beleza. E então, me pergunto se essa sensação de felicidade é só um amor passageiro, ou se realmente existe algo a mais nisso. Perdido no som do meu próprio pensamento, Évora senta-se ao meu lado, começando uma conversa.

– E aí, Asura? O que está achando desse bimestre? – fico surpreso com a pergunta repentina e respondo:

– Ah, bem, como são os últimos bimestres do ano e está chegando o ENEM eu achava que iria ser mais difícil, e você? O que está achando?

– Tento puxar uma conversa, mas lembro-me que não faço um bom proveito das palavras.

– Diz isso porque você é inteligente, estou me matando de estudar... Falando do ENEM você já sabe o que vai cursar? – pergunta Évora.

O ano já está acabando e eu nem sei que faculdade vou fazer, o que ela vai pensar se eu disser que não sei ainda, que eu sou um cara sem sonhos e sem expectativa de vida? Não que isso não seja verdade.

– É eu estou pensando em... – falo sem confiança. – relações internacionais, e você?

– Legal, não conheço ninguém que queira esse curso, eu quero fazer cinema! – ela fala isso com um sorriso cintilante no rosto.

Sem perceber, logo chegamos à escola, parece que quando fazemos algo que gostamos o tempo passa mais rápido. De novo no colégio, local que gasto vários segundos do relógio da vida. Tenho poucos amigos, falo com alguns professores e a tia da cantina. Meu primeiro destino é a aula de Biologia. A voz da professora me faz sonhar acordado, tento me concentrar e percebo que é impossível, até os colegas ao meu lado estão prestes a dormir, quem quer saber sobre cruzamento de ervilhas?

Como sempre, as aulas não foram das melhores, mas não posso fazer muita coisa para mudar isso. Lembro-me que antes de ir pra casa, preciso dar uma parada no mercado, pois não tenho muitas opções de almoço, sinceramente, estou em dúvida em o que comer, faço apenas um macarrão instantâneo ou um almoço mais saudável? Observo, se eu encher meu carrinho de porcarias, o que os outros vão pensar? Que eu sou um jovem que não tem cuidado da saúde? Sinto aquele típico cheiro da sessão de congelados, será que somente eu sinto? Meus pensamentos são interrompidos com a roda do carrinho emperrando e quase me fazendo cair.

Chego em casa com as compras do mês no braço, o tic-tac do relógio já bate duas horas, me lembrando que tenho obrigações, é preciso limpar os cômodos. Faço um almoço rápido e começo a limpar a casa. Depois de tudo feito, me sinto exausto e fico em frente ao espelho, questionando minha existência.

Por que eu? Entre as milhares de almas vagando por aí, por que fui escolhido para nascer? Estou aqui por algum motivo ou foi pura sorte? Como as pessoas da igreja falariam “Não questione Deus”, mas, questionar não é algo humano? Ele nos criou, então se Ele quisesse que não questionassem tudo, não faria com que compreendêssemos, acho que isso é algo essencial humano, se não houvesse o questionamento nada teria sido criado, mas como se pensa o que não foi criado ainda? O que podemos criar? Achamos que tudo já foi inventado, mas só foi alguém

que não pensou. As perguntas em minha mente são muitas para contar, mas nenhuma delas é respondida. Por fim, pergunto ao espelho se ele tem as respostas para todas as minhas perguntas. Mas, tudo o que ouço é o silêncio ensurdecedor que me lembra como estou realmente sozinho neste mundo. Vale a pena continuar procurando por respostas, sabendo que elas podem nunca vir? Ou devo apenas aceitar o vazio que parece ser meu único companheiro nesta vida? Já chega a noite e decido dormir para mais um dia.

Acordo sem rumo e percebo que se não me apressar vou perder o ônibus. Olho para a cadeira com várias peças de roupa que não tenho coragem de jogar no cesto porque não estão sujas o suficiente, nem de colocar no guarda-roupa porque não estão limpas o suficiente, pego a primeira peça que vejo e desço as escadas do prédio, quando chego ofegante percebo que está chovendo, se eu subir para pegar o guarda-chuva vou perder o ônibus, então vou correndo. Por conta da chuva, o ônibus se atrasou, percebo as novas pichações na cadeira que sempre sento. O som das gotas de água batendo na janela fazem uma pequena melodia, como se fosse uma música de ninar e me trás um pouco de paz em meio ao cansaço do mundo.

“O problema do silêncio é que ele fala muito”, meu professor diz, a aula de Filosofia é a única que mais me identifico na escola. Na Filosofia, não tem resposta certa ou errada, não existe pensamento único. Cada tema que o meu professor aborda faz o meu cérebro se encher de perguntas. “Só sei que nada sei.” Como você pode saber algo que não sabe, sabendo que não sabe? O professor me chama e me questiona repentinamente.

– Asura, o que você pensa da frase “Não superamos a dor, apenas aprendemos a conviver com ela”? – não estava preparado para isso e então meus pensamentos congelam. Minha mente não funciona sobre pressão.

– Quanto mais tempo passa, mais feridas o mundo nos inflige. A ideia de que o tempo cura nossas feridas é apenas uma falsa esperança. Algumas dores são tão profundas que nunca realmente saram... Você pode tentar aceitar as dores e seguir em frente, mas não importa o quanto tentemos, algumas, sempre voltam para atormentar nossa mente e coração. – olho em volta e vejo a sala me encarando, eu falei algo errado? O que Évora vai pensar de mim? Minhas súplicas são cortadas pela voz do professor.

– Asura, você realmente é um bom questionador da vida, quem sabe teremos o próximo Nietzsche em sala. – ele dizia sorrindo para a turma.

O sino do intervalo toca, desço as escadas e sento-me debaixo delas. Como de costume, pego um livro, mais especificamente “Código Da Vinci” e começo a ler, sinto alguém me observando, olho para cima e vejo Évora. Fico um pouco inquieto, porque ela teria interesse de me ver? Mesmo assim continuo lendo. Quando levanto o olhar, ela estava se dirigindo a mim, seus passos delicados me lembravam a própria garota de Ipanema, um doce balanço e cabelos ondulados parecendo as ondas do mar. Fissurado em sua beleza, nem percebo que ela para em minha frente e pergunta:

– O que você está lendo? – ela fala observando meu livro.

– Estou lendo “Código Da Vinci”, conhece? – pelo seu olhar já percebo que não, também não é um livro muito famoso.

– Nunca ouvi falar, é sobre o que? – me pergunta – Nossa ele é muito grande né? Você já está terminando?

– É sobre romance policial, e sim, é um livro bem grande, mas quando eu pego a linha de atenção nem percebo o tempo passar. – respondo-a e me pergunto se ficou interessada.

– Sabe, eu gosto de Machado de Assis. – ela diz tentando se encaixar em meus interesses.

– Eu acho que... – o som agudo do sinal interrompe minha fala. Nunca odiei tanto que o tempo passasse naquele momento.

– Poxa, precisamos ir pra sala, mas toma aqui meu número, converse com você mais tarde!

Ela pega um papel que estava em cima da mesa e rapidamente começa a escrever o seu número, nunca a vi com um sorriso mais belo como naquele momento, sua letra delicada e suave fazia curvas pelo papel. Cuidadosamente coloquei aquele pequeno pedaço de felicidade no meu bolso. Senti-me nas alturas, uma sensação a qual nunca experimentei antes, irradiava em meu peito. Aquele momento estava marcado na minha mente para sempre de agora em diante.

Tanta ansiedade para chegar em casa e mal consigo pensar no resto da aula. Corro até o ponto de ônibus e tento já mandar mensagem para Évora, mas será que ela vai achar que sou muito ansioso? Tento saciar minha vontade, mas não tem sinal. Por fim chega, e está cheio, o barulho de tantas pessoas conversando ao mesmo tempo me incomoda. Subo as escadas do prédio e a impaciência aumenta. Olho o relógio e percebo que já era uma da tarde, será que agora é um bom horário para ligar?

Pego o papel que já estava amassado no meu bolso devido muito tempo ter se passado e com as mãos geladas e trêmulas começo a digitar os números na tela do meu celular. Penso se realmente devo fazer aquilo. Olho aquela sequência de números e me encolho na cama questionando, porque logo eu? Pego o celular para tirar a chamada de minha tela e meu dedo escorregou fazendo começar a discar, naquele momento fiquei parado enquanto o som da chamada ecoava em minha cabeça. Então, escuto uma voz falar que aquele número não existia. Évora me passou o número errado ou queria brincar com meus sentimentos?

Outro dia levanto, o grito do despertador não me assusta tanto quanto antes, pois já estou acostumado com sua insistência impacien-

te todas as manhãs. Deslizo meus pés para fora da cama e me deparo com um novo dia pela frente. Pergunto-me, se hoje Évora vai para o colégio. A sinfonia dos carros passando pelas ruas e vielas de São Paulo se repetem, será uma música predefinida para todos os dias? Não a vejo no ônibus hoje.

Enquanto caminho pela escola observo as pessoas ao meu redor, todas seguindo suas vidas com tanta pressa. Sinto-me como um observador invisível, tentando decifrar os pensamentos e emoções que invadem a mente de cada indivíduo. Olho para os cantos do colégio e não vejo Évora, na sala, o professor faz a chamada e quando fala seu nome, não escuto sua doce voz responder, eu costumo ficar observando-a de minha cadeira, realmente não veio para a escola hoje. Sinto-me sozinho, não conversava com ela, mas algo de errado em meu coração me deixava inquieto. As aulas deslizavam no tempo, esses dias não consigo prestar atenção, estou sentindo dificuldade, parece que o relógio estava contra mim. O sol do meio dia reflete em meus olhos fazendo-o arder. Ao chegar em casa, devido ao cansaço, joga minhas coisas no sofá e tenho um sono profundo sobre os lençóis de minha cama, mas logo acordo, olho para minha mochila e para minha escrivaninha, a pilha de livros que tinha não parecia ser normal, desde livros de Português até livros de Física Quântica, solto um suspiro desanimado, mas se não fizer tudo isso hoje, vou perder muitos pontos. Seguro o papel e a caneta e não sei como começar. Perco a noção da realidade, e quando vejo, fiz rabiscos desengonçados baseando-me na imagem de Évora. Pego o primeiro livro que vejo em minha frente e começo a estudar, tantas letras passam por minha mente que não consigo absorver, a sensação que estou lendo apenas com os olhos e não com a mente. Olho para o relógio na parede e vejo que está marcando quase meia noite. Decido ir dormir, porque mesmo me esforçando para aprender em casa, preciso ir para o colégio amanhã.

Acordo com o som relaxante da chuva cantando em minha janela, levanto, ando até o banheiro e me olho no espelho, jogo uma água no rosto e me visto. O ônibus cheio chega com seu barulho característico de seus pneus rolando no asfalto. Olho em volta e não vejo ela, será que hoje vai faltar de novo? O ônibus chega em minha parada e caminho em direção a escola, passo pelo portão que guarda tantas memórias, como será que foi a primeira turma a estudar aqui? Olho em volta, e ela não está em nenhum lugar. Caminho pelos corredores movimentados e enfim ela chega em minha visão, como é linda, nossos olhos fazem contato e... Ela me ignorou? Questiono-me o que posso ter feito, está com raiva porque não liguei? Em passos confusos vou até ela, não sei se é apenas impressão ou está caminhando mais rápido, toco em seu ombro e digo:

– Évora, você... – não consigo terminar a frase, ela está agindo de forma desinteressada, como se fizesse questão de me ignorar.

– O que você quer? Ah, já sei, deve ter esquecido de mim! – ela responde, com um tom de voz que me deixa sem ar.

Fico sem saber o que fazer. Afinal, o que fiz de errado para merecer tamanha distinção? Decido ir logo para o ponto e comentar sobre o número.

– Você está assim por causa que não te liguei? – pergunto já esperando o sim como resposta.

– O que você acha? – ela me lança um olhar amedrontador.

– Então... Você me passou o número errado. – falo com um tom sério e calmo.

– Ah... – ela fica paralisada, vejo claramente o rosto de vergonha estampado em seus olhos. Sua pele de tom rosado começa a ficar mais vermelha. Na tentativa falha de não deixá-la tão constrangida, começo a falar:

– Não tem problema, isso acontece. Você pode me passar seu nú-

mero certo agora, o que acha? – pergunto tentando acalmar as coisas.

Seu rosto ainda vermelho, concorda com minha fala, ela pega um papel e escreve seu número correto, sua letra como sempre, faziam curvas igual seus cabelos pela folha.

Ao chegar em casa, a primeira coisa que faço é pegar o celular para finalmente ligar para Évora, a mesma ansiedade daquele dia invade de novo o meu peito, as mãos trêmulas, ansiosas e gélidas são um dos poucos efeitos de tantas emoções misturadas em meu peito, antes de ligar, olho para o espelho novamente e questiono por que eu. Tantas pessoas legais na escola e Évora quer conversar comigo? Estou certo que irei ligar agora, olho aquele mesmo papel e disco os números, está chamando então escuto a ligação ser atendida e iniciada sobre uma voz melódica que faz meu dia iluminar.

– Oi, Asura! Que bom que você me ligou eu estava pensando exatamente em você! – ela me diz isso com entusiasmo.

Ao ouvir suas palavras com tanta gentileza e encanto, sinto-me confuso e me pergunto se ouvi mesmo aquilo.

– Que bom que você pensou em mim, o que está fazendo? – não sabia expressar em palavras a verdadeira emoção que estava sentindo naquele momento.

– Na verdade não estava fazendo nada, mas pensei, porque não saímos para o parque amanhã de tarde?

Fiquei sem palavras após ouvir isso da Évora, algo que eu nunca esperaria que acontecesse comigo na vida. Mas, ao mesmo tempo, sinto uma mistura de emoções, como ansiedade, nervosismo e felicidade. Afinal, esse seria o meu primeiro encontro com uma garota.

– Asura? – ela fala. – Está tudo bem?

– Ah, sim me desculpe, eu vou sim, qual horário fica melhor para você? – tento falar normalmente mas acho que ela percebeu meu nervosismo pelo telefone.

– Que tal umas cinco e meia? Para vermos o pôr do Sol! – ela dizia calmamente.

– Ok então! Combinado, te espero amanhã! – disse eu, com várias emoções irradiando em meu peito. Sinto-me leve, parecia que tinha tirado um peso de minhas costas, olho para o lado e falo:

– Qual é o sentido do amor? – pergunto olhando para o reflexo.

Enquanto meus olhos buscavam compreender o sentido daquelas emoções. O reflexo que me encarava de volta parecia me julgar. Deito em minha cama tentando entender, por que as pessoas se apaixonam? Por que temos a necessidade de ter alguém especial para não cair no vazio existencial? Olho para o teto tentando imaginar como o amor surge. Como escolhemos? Como sabemos que essa é a pessoa certa? Existem vários casos de pessoas que se apaixonam e são traídas, então por que, mesmo sabendo disso, continuamos a insistir nisso? É intrigante tentar entender o que é o amor de maneira filosófica. Será que com Évora irei entender o que o amor significa?

Devido a ansiedade do amanhã não consigo dormir direito, consigo pegar no sono e o despertador toca bem na hora. Parece que o mundo está contra mim, fazendo de tudo para que esse evento importante na minha vida dê errado, talvez seja um teste para ver quão determinado eu sou para conquistá-la! Corro até o ponto de ônibus. Ao entrar não tem cadeiras sobrando e nem vejo Évora, será que aconteceu algo? Vou esperar até a escola para ver se ela está lá. Ao entrar vejo-a sentada em sua cadeira, a janela semiaberta refletia a luz serena do sol da manhã em seu rosto fazendo seus cabelos e olhos brilharem como um campo de girassóis, minhas observações sobre tanta beleza são interrompidas pelo professor falando.

– Asura, não bastava chegar atrasado e fica ai parado na porta? – ele exclama com uma certa raiva. Fico com vergonha de todos me olhando e rapidamente vou sentar, ela me olha e dá uma risadinha.

Começa a segunda aula, e para minha sorte era a aula de Filosofia.

O professor entra na sala com um sorriso de ponta a ponta e exclama:

– Alunos! Hoje trouxe um assunto delicado para alguns, complexo para outros e felicito para quem deseja. – ele dizia mexendo as mãos para tentar fazer um ar de mistério – o assunto de hoje irá ser. Amor! – esbravejava seu tema com orgulho e determinação, parecendo uma cena de filme.

Parece que hoje tudo estava se encaixando como um quebra cabeça, só podia ser obra do destino. Escuto atentamente ele para ter alguma resposta de minhas perguntas.

– Quem aqui acredita em almas gêmeas? – questionava para a turma. – Vejo aqui que algumas pessoas levantaram a mão, você aí no canto. – apontava em direção a uma menina – Explique o que é o amor.

– Professor, eu acho que o amor é uma emoção bela que invade o coração das pessoas para trazer paz, alegria e felicidade – ela falava enquanto olhava para o teto, parecia imaginar algo. Fico intrigado com sua resposta.

Chego em casa, a ansiedade é tanta que já estou escolhendo que roupa usar, bem, eu nunca fui em um encontro então não sei que roupa eu visto. Pego meu celular e procuro, “Que roupa se usa em encontros”, vejo que a moda é camisa e calça social. Procuro em meu guarda-roupa algo parecido, quero parecer bem apresentado para ela. Finalmente acho uma blusa que combine com a calça preta, coloco meu tênis e me olho no espelho.

– Você acha que isso está bom? – falo para meu reflexo. – É, acho que está.

Sento-me no sofá, já estou arrumado e ainda faltam três horas. Pergunto-me o que se faz em um primeiro encontro, pego o meu celular de novo para pesquisar como agir. E acho vários sites de coisas

para se fazer em compromissos como estes. Mal vi o tempo passar, o relógio marcava cinco horas e dez minutos. O parque que ela escolheu não era tão longe dali, resolvi ir andando. Em sete minutos chego ao parque, e, para minha surpresa, Évora já estava lá, sentada no balanço. A luz do sol que batia nas águas cristalinas do lago refletia em seus cabelos, as ondas se destacavam, chamo pelo seu nome, ela se vira com o sorriso mais bonito que já vi, seus olhos cor de mel naquele momento pareciam mais belos do que já eram, sinto meu coração errar uma batida, seu lindo vestido amarelo complementava sua palheta de cores, ela se levanta do balanço e com passos desengonçados, caminha até minha direção, não tinha qualquer reação naquele momento, meu coração só sabia acelerar as batidas dentro do meu peito e meu pulmão não sabia mais como se respirava.

– Oi Asura que bom que você veio! – exclamava com um sorriso em seu rosto. – Cheguei cedo porque queria pegar o lugar mais bonito do parque, parece que você também quis chegar mais cedo né? – ela solta uma risada curta no final.

– Évora, você está muito bonita. – falo sem pensar e fico com vergonha por ter dito aquilo. – Digo, fico feliz em te ver, realmente eu quis chegar mais cedo.

– Obrigada, você também está muito bonito – seu rosto fica um pouco vermelho. – O que acha de sentarmos? – apontava para o balanço na árvore.

– Acho uma ótima ideia. – fico com um pouco de vergonha por sua fala anterior.

– Você devia vir aqui mais vezes! – olhava com um sorriso cativante para mim. – Olha! O sol está se pondo! – ela segurava minha mão, deixei-me levar pelo momento.

– Nossa... Aqui é realmente muito bonito. – eu falava observando o sol se despedir deixando rastros em vários tons dourados como se

fosse ouro derretido, levemente espalhado por mãos invisíveis.

Olho para o lado e vejo a menina que mais amo nesse mundo, penso se essa não é a hora perfeita de dizer meus sentimentos.

– Évora... – eu olhava para ela – Eu te amo.

– Asura... Eu preciso te falar algo. – ela começou a sorrir. – Na verdade eu nunca te amei, sério mesmo garoto? Eu, uma das mais populares da sala vou sair com um menino que não tem nenhuma amizade e só fica falando de Filosofia para cá Filosofia para lá, me poupe né. Isso só não passou de uma aposta que minhas amigas fizeram para que eu te conquistasse e quebrasse seus sentimentos depois. Tipo, literalmente todo mundo da sala sabe que você é apaixonado por mim, você já ficou parado na porta da sala me encarando, a aula todinha ficava me olhando com um sorriso de bobo, te passei até o telefone errado de propósito. Enfim, minha missão aqui está cumprida. – ela falava olhando em minha alma.

Ao ouvir essas palavras de Évora, fiquei sem reação. Não acreditava que algo assim pudesse acontecer comigo, e o sentimento de traição, tristeza e raiva tomaram conta do meu coração. Não consigo dizer nada para ela, seu rosto que antes era angelical e inocente, se transformou em um rosto frio, que sorria de mim sem nenhum pingo de remorso. Eu apenas começo a correr, meus olhos encharcados de lágrimas dificultam minha visão das ruas, o som dos carros que antes formavam uma sinfonia matinal, viraram uma terrível composição para meus ouvidos. As pessoas ao redor me olhavam, e eu sabia que o pensamento de todas elas naquele momento, era se perguntando o que aquele menino estava fazendo, correndo entre os carros sem medo de ser atropelado. Chego no prédio e subo as escadas, que estavam embaçadas pelas águas em meus olhos, tropeço em um degrau e começo a perder o ar ali mesmo. Tento me levantar mas com uma tentativa falha, caio de novo, preciso juntar forças para chegar no meu aparta-

mento, não podem me ver assim nesse estado deplorável. Alcanço o corrimão e começo subir as escadas de novo. Minhas mãos trêmulas me faziam ter dificuldade em segurar a chave para abrir a porta, finalmente consigo, começo a chorar mais do que antes. Olho meu rosto inchado no espelho e pergunto:

– Por que o amor dói? – olho para meu reflexo e para minha surpresa ele me responde.

– Não é o amor que dói, mas sim, o medo de perder quem amamos. O amor é uma das maiores fontes de felicidade que existe, mas também pode ser uma das maiores dores, se nós não aprendermos a lidar com ele. O que dói na verdade, é a falta do amor, e é assim que nós nos sentimos quando perdemos alguém que amamos. Como muitos dizem, o amor é cego.

